



Intervenção no antigo Asilo de Torre de Moncorvo e na capela do Convento de São Francisco

Uma abordagem projetual reversível centrada no estudo de valores da pré-existência

David Antunes Tomé
(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura - especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientador Científico: Doutor João Nuno Pernão

Júri:

Presidente do Júri: Doutora Maria Dulce Loução

Vogal: Arquiteto Fernando Sanchez Salvador

Orientador: Doutor João Nuno Pernão

| RESUMO

Integrada no âmbito do protocolo de prestação de serviços de Investigação Aplicada assinado entre as instituições da Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, Fundação Francisco António Meireles e Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, a presente dissertação de Projeto Final de Mestrado pretende abordar determinadas temáticas da área da reabilitação que nos parecem relevantes para a prática de uma arquitetura mais sustentada na preservação da identidade e da memória para as gerações futuras.

Temas como a reversibilidade e o estudo das pré-existências têm cada vez mais destaque na forma de pensar e projetar em arquitetura, particularmente quando se trata de intervir em edifícios ou espaços reconhecidamente qualificados, tais como o objeto de estudo. Posteriormente, iremos proceder à formulação de uma proposta de intervenção com o objetivo da sua futura implementação em obra, onde aplicaremos os princípios estabelecidos no decorrer desta investigação.

Tomámos como objeto de estudo o edifício do antigo Asilo da Fundação Francisco António Meireles e a capela do Convento de São Francisco da Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, situados em Torre de Moncorvo no distrito de Bragança, Portugal. Tendo ficado acordado entre os vários intervenientes a redefinição programática de ambos os edifícios e conseqüente reformulação em Enotel e Spa, revitalizando estes espaços e devolvendo-os novamente ao serviço da comunidade, tirando proveito dos produtos produzidos na região e da sua localização privilegiada no Vale da Vilarica - Alto Douro Vinhateiro.

Entendidas as principais características dos edifícios e apoiado nos princípios retirados da análise dos conceitos e casos de estudo apresentados, pretende-se através de uma abordagem projetual reversível, explorar soluções que lhes permitam incorporar um novo conteúdo programático, mantendo a identidade e garantindo a preservação e valorização das pré-existências, bem como a sua sustentabilidade para possíveis futuras reconversões.

| Palavras-Chave

Reabilitação | Reversibilidade | Teoria de Valores | Identidade da Pré-Existência | Torre de Moncorvo

(290 Palavras)

| ABSTRACT

Integrated within the Applied Research protocol signed between the institutions of Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, Fundação Francisco António Meireles and Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, this Final Master Project dissertation intends to address some issues in the area of rehabilitation which seems relevant to us for the practice of an architecture more focused in the preservation of the identity and memory of buildings for the future generations.

Subjects like reversibility and the study of the pre-existences are playing an ever more important role in the way of thinking and designing in architecture, especially when intervening in qualified spaces or buildings, such as the case study. Later, we will proceed to the formulation of an intervention proposal for its implementation in site, where we will apply the principles set out in the course of this research.

We took as a case study the former asylum of Fundação Francisco António Meireles and the chapel of Convento de São Francisco of the Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, located in Torre de Moncorvo in the district of Bragança, Portugal. A programmatic redefinition of both buildings and consequent reformulation into a Wine Hotel and Spa was agreed between the various parties, revitalizing the area and returning it to the service of the community, by taking advantage of the products produced in the region and its prime location in Vale da Vilarica - Alto Douro Wine Region.

Understood the main features of the buildings and supported by the principles drawn from the analysis of the concepts and case studies presented, and due to a reversible project-centered approach, we intend to explore solutions to enable them to incorporate a new program, while maintaining the identity and ensuring the preservation and enhancement of the pre-existences and their sustainability for possible future reconversions.

| Keywords

Rehabilitation | Reversibility | Valorization of the existing | Identity of the Pre-Existences | Torre de Moncorvo

(299 Words)

| AGRADECIMENTOS

Terminada mais uma etapa, neste longo percurso que é a vida com os seus desafios diários e a aprendizagem constante que nos proporciona, e com o iniciar de uma nova e entusiasmante etapa, gostaria de expressar os meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que me acompanharam ao longo deste percurso.

Fruto de muita perseverança, tempo, esforço e dedicação, o culminar deste percurso académico não teria sido possível sem o apoio incondicional da minha família, aos quais eu deixo desde já um agradecimento especial do fundo do coração, ao pai e à mãe, por terem sempre acreditado nas minhas capacidades, pela educação que me proporcionaram e pela disponibilidade e prontidão que sempre demonstraram, e ao meu irmão mais novo, pela motivação e força que sempre me transmitiu e para o qual eu espero ser um exemplo e motivo de orgulho.

Ao professor João Nuno Pernão um agradecimento especial, pelo acompanhamento, motivação, sabedoria e tempo despendido nas várias discussões ao longo destes anos e por continuar a despertar o interesse pelos prazeres da Arquitetura nos seus alunos.

À Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, à Câmara Municipal de Torre de Moncorvo e à Fundação Francisco António Meireles, um obrigado pela experiência e possibilidade de integrar este protocolo, permitindo-me assim ter um contacto mais aproximado ao mundo do trabalho, e poder explorar e debater sobre temas que me interessam particularmente na área da Arquitetura, resultando na realização deste Projeto Final de Mestrado.

Por fim, mas não menos importante, um especial agradecimento para os restantes elementos integrantes deste protocolo: Dina Bag, Madalena Furtado, Mariana Franco e Miguel Rosa, aos grandes amigos e colegas que tive oportunidade de conhecer ao longo deste percurso, pelo companheirismo, amizade e alegria que sempre me transmitiram, sem os quais certamente este percurso não teria sido tão agradável e cheio de boas recordações.

| ÍNDICE

RESUMO.....	I
ABSTRACT	III
AGRADECIMENTOS	V
ÍNDICE DE FIGURAS.....	IX
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Contextualização	1
1.2 Objetivos.....	2
1.3 Estrutura	3
1.4 Metodologia	4
2 ESTADO DA ARTE.....	7
2.1 Conservação, Restauro e Reabilitação – Estratégias a adotar na valorização das pré-existências.....	7
2.2 Identidade e Valores da pré-existência.....	11
2.3 Reversibilidade – Construir o presente, pensar o futuro.....	15
3 ANÁLISE CASOS DE ESTUDO	21
3.1 Palácio Nacional da Pena – FSSMGN Arquitectos	21
3.2 Transformação da Torre Bois-le-Prêtre – Frédéric Druot Architecture e Lacaton & Vassal	25
3.3 Basílica de Santa Maria di Siponto – Edoardo Tresoldi	29
4 INTERVENÇÃO NO ANTIGO ASILO DE TORRE DE MONCORVO E NA CAPELA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO.....	33
4.1 Contextualização Geográfica e Histórica	33
4.2 Levantamento do objeto de estudo	35
4.3 Análise do objeto de estudo	37
4.3.1 Asilo Francisco António Meireles	38
4.3.2 Capela do Convento de São Francisco	41
4.4 Programa.....	43
4.5 Descrição do Projeto	47
4.5.1 Salvar a identidade através da reversibilidade	49
4.5.2 Regenerar os espaços através de intervenções pontuais.....	55
4.5.3 Redes de Infraestruturas.....	59

4.5.4 O uso de materiais sustentáveis e reversíveis	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
Monografias	65
Documentos Eletrônicos	66
Teses.....	67
ANEXOS	69
Processo de trabalho	69
Painéis Síntese A3.....	75
ELEMENTOS APRESENTADOS - PFM	91
Maqueta de estudo da proposta.....	91
Maqueta das camaratas	96
Maqueta dos quartos duplos.....	98
Maqueta da capela (Spa)	101
Painéis Finais A0	104

Este documento segue a grafia do novo acordo ortográfico.

| ÍNDICE DE FIGURAS

2.1 Conservação, Restauro e Reabilitação – Estratégias a adotar na valorização das pré- existências	Fig. 1 - Sé de Lisboa num mapa medieval do século XVI, onde se pode observar as ameias e os pináculos nas torres sineiras Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a0/LisbonCathedral1-1598.png [Consultado em Março 2016] 9
	Fig. 2 - Sé de Lisboa no século XIX, onde é possível observar a ausência de ameias e diferenças na rosácea e pórtico principal Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/05/EDP001629_-_S%C3%A9_de_Lisboa_before_1902.jpg/800px-EDP001629_-_S%C3%A9_de_Lisboa_before_1902.jpg [Consultado em Março 2016] 9
	Fig. 3 - Sé de Lisboa na atualidade, após a campanha do Estado Novo Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b7/Lisboa_May_2013-1.jpg/800px-Lisboa_May_2013-1.jpg [Consultado em Março de 2016] 9
2.2 Identidade e Valores da pré- existência	Fig. 4 - Panorâmica Praça do Comércio, Lisboa Fonte: JUNQUEIRO, L. in http://luisjunqueiro.com/wp-content/uploads/2014/10/Untitled_Panorama1-3.jpg [Consultado em Janeiro 2016] 11
	Fig. 5 - Jan Souček, “The Bridge” (1976) gravura a água forte, 30x20cm Fonte: NORBERG - SCHULZ, C. (1997) <i>L’art du lieu. Architecture et paysage, permanence et mutations</i> , Paris : Le Moniteur, pp. 38-39 12
2.3 Reversibilidade – Construir o presente, pensar o futuro	Fig. 6 - Serpentine Gallery Pavilion, Londres (Ai WeiWei e Herzog & de Meuron, 2012) Fonte: BAAN, I. in http://www.archdaily.com/790106/round-up-the-serpentine-pavilion-through-the-years/576c1925e58eced8ff000010-round-up-the-serpentine-pavilion-through-the-years-photo [Consultado em Maio 2016] 17
	Fig. 7 - Kolumba Diocesan Museum, Cologne, Germany (Architekturbüro Peter Zumthor, 2007) Fonte: BINET, H. in http://divisare.com/projects/273884-architekturburo-peter-zumthor-helene-binet-kolumba-diocesan-museum-cologne-germany 18
3.1 Palácio Nacional da Pena – FSSMGN Arquitetos	Fig. 8 - Planta de localização e zonas de intervenção (Vermelho) Fonte: http://novo.fssmgn.com/fotografia/projecto/vista_aerea.jpg [Consultado em Abril 2016] 21
	Fig. 9 - Plantas do "edifício das cocheiras" – à esquerda Piso -1 e à direita Piso 0 Fonte: SALVADOR, F. & NUNES, M. (2010) <i>Revista Archinews</i> , vol.17, Lisboa: Insidecity, Lda. p.128 21

| Fig. 10 - Plantas do "edifício das cocheiras" – à esquerda Piso 1 e à direita Piso 2

Fonte: SALVADOR, F. & NUNES, M. (2010) *Revista Archinews*, vol.17, Lisboa: Insidecity, Lda. p.128 22

| Fig. 11 - Planta do Piso 0 onde se distingue a intervenção (Amarelo) e a estrutura pré-existente (Preto)

Fonte: SALVADOR, F. & NUNES, M. (2010) *Revista Archinews*, vol.17, Lisboa: Insidecity, Lda. p.128 – Editado pelo autor 22

| Fig. 12 – Altura de arranque dos arcos que suportam as abóbadas e transfiguração do mobiliário consoante a sua utilização

Fonte: © FG+SG Fotografia de Arquitectura in http://fssmgn.com/projecto/palacio_nacional_da_pena_restaurante_e_cafeteria_sintra - Editado pelo autor [Consultado em Abril 2016] 22

| Fig. 13 – Peças de mobiliário desenhadas pelos arquitetos em parceria com o designer Filipe Alarcão

Fonte: © FG+SG Fotografia de Arquitectura in http://fssmgn.com/projecto/palacio_nacional_da_pena_restaurante_e_cafeteria_sintra [Consultado em Abril 2016] 23

| Fig. 14 - Transformações da Torre Bois-le-Prêtre, desde a sua construção na década de 60, após a reabilitação exterior da fachada em 1990 e o seu aspeto atual

Fonte: <https://docomomoiscetnewsletteriv.files.wordpress.com/2012/03/tour-bois-le-precc82tre.jpg> [Consultado em Maio 2016] 25

| Fig. 15 - Módulos pré-fabricados de 7m x 3,20m em estrutura metálica instalados a partir do solo através da sobreposição destes, sendo que só depois de fixos à fachada proceder-se-á a desmontagem da fachada interior e acabamentos finais

Fonte: LACATON, A. & VASSAL, J. (2015) N. 177-178 – Lacaton & Vassal: *horizonte postmediático 1993-2015*, Madrid: El Croquis S. L. p.230 26

| Fig. 16 - Processo de instalação dos módulos pré-fabricados na fachada exterior

Fonte: LACATON, A. & VASSAL, J. (2015) N. 177-178 – Lacaton & Vassal: *horizonte postmediático 1993-2015*, Madrid: El Croquis S. L. p.232 26

| Fig. 17 - Plantas de implantação existente e atual

Fonte: <http://www.lacatonvassal.com/?idp=56#> [Consultado em Maio 2016] 27

| Fig. 18 – Fachada Sul e Fachada Norte

Fonte: LACATON, A. & VASSAL, J. (2015) N. 177-178 – Lacaton & Vassal: *horizonte postmediático 1993-2015*, Madrid: El Croquis S. L. pp.223-224 27

3.2 | Transformação da Torre Bois-le-Prêtre – Frédéric Druot Architecture e Lacaton & Vassal

| Fig. 19 - Planta de alterações e novas adições exteriores

Fonte: http://www.lacatonvassal.com/data/documents/20140218-130113LV_FchA4_HabitatTransfo_TBP_bd.pdf [Consultado em Maio 2016] 27

| Fig. 20 - Aspeto exterior da torre e vistas do interior dos alojamentos após obras de transformação

Fonte: <http://www.dezeen.com/2013/04/16/tour-bois-le-petre-by-frederic-druot-anne-lacaton-and-jean-philippe-vassal/> [Consultado em Maio 2016] 27

| Fig. 21 - Contraste entre a instalação artística em malha metálica e igreja medieval existente de Santa Maria Maggiore

Fonte: PEPE, G. in <http://www.platform-ad.com/wp-content/uploads/2016/03/1-Giacomo-Pepe-2016.jpg> [Consultado em Agosto 2016] 29

| Fig. 22 - Detalhes da Basílica de Santa Maria di Siponto em malha metálica de arame

Fonte: <https://www.behance.net/gallery/35565455/BASILICA-di-SIPONTO> [Consultado em Agosto 2016] 30

| Fig. 23 - Basílica de Santa Maria di Siponto de Edoardo Tresoldi

Fonte: <http://www.designboom.com/art/edoardo-tresoldi-puglia-wire-mesh-archeological-church-03-31-2016/> [Consultado em Agosto 2016] 31

| Fig. 24 - Localização de Torre de Moncorvo em Portugal

Fonte: <https://www.google.pt/maps> - Editado pelo autor [Consultado em Setembro 2016] 33

| Fig. 25 - Pontos de Interesse na vila de Torre de Moncorvo

Fonte: <https://www.bing.com/mapspreview> - Editado pelo autor [Consultado em Setembro 2016] 33

| Fig. 26 - Convento de São Francisco e capela em 1865

Fonte: DE ABREU, C. (2004) *A Construção do Convento de S. Francisco no Contexto da Evolução Urbanística da vila de Torre de Moncorvo*, in *Côavisão - Cultura e Ciência*, n.º 6. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa pp.30-31 34

| Fig. 27 - Asilo e capela na primeira metade do séc. XX

Fonte: Imagem cedida pelo Arq. Telmo Seromenho da Câmara Municipal de Torre de Moncorvo 34

| Fig. 28 - Proposta esquemática da evolução do Convento, desde a sua fundação à construção do edifício do Asilo sobre as suas ruínas

Fonte: Esquema realizado pela aluna Marina Charnock (MIAINTRE 4A 2014/15 - FAUL) 34

| Fig. 29 - Nuvem de pontos resultante do varrimento laser, a partir dos quais são realizados os desenhos CAD

Fonte: Imagens cedidas pelo grupo de Investigação ArchC_3D 35

3.3 | Basílica de Santa Maria di Siponto - Edoardo Tresoldi

4.1 | Contextualização Geográfica e Histórica

4.2 | Levantamento do objeto de estudo

Fig. 30 – Exemplos de fichas de levantamento		
Fonte: Turma MIAINTRE 4A 2014/15 - FAUL	36	
Fig. 31 – Asilo e capela vistos da Vila		
Fonte: CANO, A. S. (2015) O Asylo Francisco António Meirelles – Estudo histórico-arquitectónico de um equipamento social da Primeira República (Torre de Moncorvo, Portugal – 1904-1916). Lisboa: FAUTL. Dissertação Teórica p.79	37	4.3 Análise do objeto de estudo
Fig. 32 – Rua de acesso a ambos os edifícios		
Fonte: Imagem do autor	37	
Fig. 33 – Aproximação à entrada principal do Asilo Francisco António Meireles		
Fonte: Turma MIAINTRE 4A 2014/15 - FAUL	38	4.3.1 Asilo Francisco António Meireles
Fig. 34 – Vista aérea da zona de intervenção (Asilo)		
Fonte: Imagem de drone cedida pelo grupo de Investigação ArcHC_3D – Editada pelo autor	38	
Fig. 35 – Esquema da circulação horizontal		
Fonte: Turma MIAINTRE 4A 2014/15 - FAUL – Editada pelo autor	39	
Fig. 36 – Alçados do Asilo (Existente)		
Fonte: Turma MIAINTRE 4A 2014/15 - FAUL	39	
Fig. 37 – Pátio central interior		
Fonte: Dina Bag in BAG, D. (2016) Architectural Renovation in Torre de Moncorvo – Inclusive Architecture in temporary housing, Lisboa: FAUL, Tese de Mestrado p.70	39	
Fig. 38 – Imagens do estado de conservação no interior do Asilo		
Fonte: Imagens do autor	40	
Fig. 39 – Capela do Convento de São Francisco (Atualidade)		
Fonte: Turma MIAINTRE 4A 2014/15 - FAUL	41	4.3.2 Capela do Convento de São Francisco
Fig. 40 – Vista aérea da zona de intervenção (Capela)		
Fonte: Imagem de drone cedida pelo grupo de Investigação ArcHC_3D – Editada pelo autor	41	
Fig. 41 – Plantas da Capela, Alçado Frontal e Corte Longitudinal (Existente)		
Fonte: Turma MIAINTRE 4A 2014/15 - FAUL	42	
Fig. 42 – Imagens do estado de conservação no interior da Capela		
Fonte: Imagens do autor	42	
Fig. 43 – Conjunto de armazéns onde é proposta a criação da nova Adega		
Fonte: Imagem de drone cedida pelo grupo de Investigação ArcHC_3D – Editada pelo autor	43	4.4 Programa
XII		

Fig. 44 – Distribuição geral do novo programa	
Fonte: Imagem do autor	43
Fig. 45 – Maqueta de estudo da proposta, numerada segundo o programa e as novas intervenções propostas	
Fonte: Maqueta realizada pelo grupo - Imagem do autor	44
Fig. 46 – Distribuição do novo programa no Asilo (Plantas originais do Piso -1 e 0 respetivamente)	
Fonte: Plantas realizadas pelo grupo integrante do protocolo – Editadas pelo autor	45
Fig. 47 – Distribuição do novo programa no Asilo (Plantas originais do Piso 1 e 2 respetivamente)	
Fonte: Plantas realizadas pelo grupo integrante do protocolo – Editadas pelo autor	46
Fig. 48 – Distribuição do novo programa na capela (Plantas originais do Piso 0 e 1 respetivamente)	
Fonte: Plantas realizadas pelo grupo integrante do protocolo – Editadas pelo autor	46
Fig. 49 – Axonometria do novo conteúdo programático	
Fonte: Imagem realizada e editada pelo autor	48
Fig. 50 – Daylit Gallery V&A Museum, London - McInnes Usher McKnight Architects	
Fonte: http://www.aspinall.co.uk/more_info.asp?current_id=134 [Consultado em Outubro 2016]	50
Fig. 51 – Compartimentos existentes (Piso 1) onde serão construídas as novas tipologias de quartos	
Fonte: Imagem do autor	50
Fig. 52 – Exemplos de tipologias de quartos menos reversíveis – Escala de Reversibilidade	
Fonte: Esquemas realizados pelo autor	51
Fig. 53 – Exemplo de tipologia de quartos mais reversível – Escala de Reversibilidade	
Fonte: Esquemas realizados pelo autor	52
Fig. 54 – Intervenções propostas no edifício da Capela – Escala de Reversibilidade	
Fonte: Esquemas realizados pelo autor	53
Fig. 55 – Intervenções propostas no edifício da Capela (Corte) – Escala de Reversibilidade	
Fonte: Esquemas realizados pelo autor	54

Fig. 56 – Pormenores de ligação entre construção existente e novas intervenções	54	
Fonte: Pormenores do autor		
Fig. 57 – Jardim exterior e Capela	55	
Fonte: Imagem do autor		
Fig. 58 – Intervenções pontuais nos espaços exteriores	55	4.5.2 Regenerar os espaços através de intervenções pontuais
Fonte: Maqueta realizada pelo grupo integrante do protocolo - Imagem editada pelo autor		
Fig. 59 – Planta e Corte Longitudinal do passadiço exterior	56	
Fonte: Madalena Furtado - MIAINTRE 5A 2015/16 - FAUL - Editada pelo autor		
Fig. 60 – Modelação tridimensional do passadiço exterior	56	
Fonte: Imagem realizada pelo autor		
Fig. 61 – Alterações efetuadas no alçado frontal da Capela	57	
Fonte: Imagem realizada pelo autor		
Fig. 62 – Diferenças entre o novo esquema de circulação proposto e o existente	57	
Fonte: Imagem realizada pelo autor		
Fig. 63 – Imagens das construções existentes atualmente e corte longitudinal da nova proposta	58	
Fonte: Imagens tiradas e editadas pelo autor		
Fig. 64 – Exemplo de calha técnica (Laranja) adotada no projeto de Reabilitação do Laboratório Químico da Universidade de Coimbra - João Mendes Ribeiro Arquitetos	59	4.5.3 Redes de Infraestruturas
Fonte: http://mestrado-reabilitacao.fa.utl.pt/seminario/jmendesribeiro.pdf - Editado pelo autor [Consultado em Outubro 2016]		
Fig. 65 – Rede de infraestruturas existentes no Asilo	59	
Fonte: Imagens do autor		
Fig. 66 – Plantas e corte esquemático de duas tipologias de quartos propostas no piso 1 do Asilo, onde é possível observar as courettes e calhas técnicas	60	
Fonte: Desenhos realizadas pelo grupo integrante do protocolo - Editadas pelo autor		

1 | INTRODUÇÃO

1.1 | Contextualização

A presente dissertação de Projeto Final de Mestrado (PFM) insere-se num protocolo de prestação de serviços de Investigação Aplicada, formalizado entre a Câmara Municipal de Torre de Moncorvo (CMTM), a Fundação Francisco António Meireles (FFAM) e a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL), e tem como objetivo o desenvolvimento, em âmbito académico, de diversas propostas de intervenção nos edifícios do antigo Asilo da FFAM e na capela do antigo Convento de S. Francisco pertencente à CMTM, pelos alunos da FAUL do Mestrado Integrado em Arquitetura – especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado.¹ Na ordem de trabalhos prevê-se a realização de um levantamento rigoroso de ambos os edifícios e área envolvente, a elaboração e desenvolvimento de alternativas conducentes a uma redefinição programática e a execução de uma proposta de intervenção com o objetivo de execução em obra.

O protocolo foi estruturado em 4 fases distintas, com a duração de 2 anos letivos, sendo que as primeiras duas fases - levantamento do espaço construído por método de varrimento laser e desenho CAD, através do grupo de Investigação ArchC_3D; o desenvolvimento de uma dissertação científica em História da Arquitetura, realizada por um aluno no âmbito do Trabalho Final de Mestrado (TFM); e a aproximação académica ao projeto e exploração de soluções alternativas como exercício académico, nas unidades curriculares de Laboratório de Projeto IV e V (2 semestres) orientadas pelo Prof. João Nuno Pernão - foram concluídas no ano letivo de 2014/15, tendo os resultados finais sido apresentados e apreciados, em reunião agendada com todas as partes envolvidas.

Esta dissertação de PFM insere-se na 3ª fase do protocolo a realizar no presente ano letivo de 2015/16, que consiste na elaboração de um projeto de arquitetura com o objetivo futuro da sua aplicação em obra, por um grupo de 5 alunos sob a orientação científica do professor João Nuno Pernão. Embora desenvolvido em grupo, cada um dos elementos terá especial atenção no enquadramento e desenvolvimento do projeto de acordo com a sua linha de investigação, utilizando este, como objeto de reflexão prática e aplicação dos conceitos abordados na componente teórica.

¹ FAUL, MIARQ Int&Reab 2014 – Protocolo FAUL / Câmara Municipal de Torre de Moncorvo / Fundação Francisco António Meireles [em linha] [Consultado a 10 de Novembro de 2015] Disponível em: <http://miarq-int.fa.ulisboa.pt/index.php/protocolos/protocolo-faul-camara-municipal-de-torre-de-moncorvo>.

O tema por mim escolhido foi o desenvolvimento de um projeto de reabilitação, centrado numa teoria de valores das pré-existências e com uma abordagem projetual reversível, por forma a garantir a preservação da sua identidade e a valorização das pré-existências visto tratar-se de um objeto reconhecidamente qualificado. Para isso será necessário saber identificar os elementos mais relevantes dos edifícios, já que terão, entretanto, sofrido várias intervenções posteriores ao seu projeto inicial, ponderando quais os aspetos da sua identidade que deverão ser preservados à medida que se requalificam os espaços existentes, potenciando-os através da introdução de um novo conteúdo programático (Enotel e Spa), devolvendo-lhes a dignidade de outrora, ainda que com meios e técnicas diferentes, bem como a sua sustentabilidade para possíveis futuras reconversões.

Irei primeiramente realizar uma avaliação aprofundada sobre temas como a pré-existência e a reversibilidade e a forma como estas podem influenciar e condicionar as escolhas ao nível do projeto, através de pesquisa bibliográfica e análise de casos de estudo semelhantes, e posteriormente, através da observação e do levantamento dos edifícios em estudo, fundamentar e definir critérios sobre quais os elementos da pré-existência a manter numa reabilitação, quer pela sua qualidade e interesse na preservação da identidade do edifício, quer pela forma como dialogam e ajudam a estruturar as abordagens escolhidas na intervenção.

A 4ª e última fase ficará a cargo da FAUL mediante o acordo entre todas as partes envolvidas, e consiste no acompanhamento e assistência técnica à obra, caso esta seja realizada.

1.2 | Objetivos

- Reabilitar o edifício através de uma abordagem projetual reversível, de forma a garantir a preservação e qualidade da pré-existência, bem como a sua sustentabilidade para possíveis futuras reconversões.
- Explorar as características do edifício que lhe permitem absorver e interagir com os novos conteúdos programáticos propostos.
- Definir e justificar quais os elementos da pré-existência a manter numa reabilitação, tanto pela sua qualidade e interesse na preservação da identidade como pela forma como interagem com os novos elementos.

1.3 | Estrutura

Este trabalho irá dividir-se em 4 partes – Introdução | Estado da Arte; Análise de casos de estudo | Intervenção no antigo Asilo de Torre de Moncorvo e na capela do Convento de São Francisco | Considerações Finais, Bibliografia e Anexos.

- Na primeira parte, a introdução do projeto final de mestrado. Irá conter um pequeno resumo onde é explicado o contexto em que este trabalho se insere e definido o âmbito do projeto de investigação que nos propomos desenvolver. A definição das palavras-chave e objetivos que proponho atingir com a realização deste trabalho. Será também explicada a estrutura do trabalho, e a metodologia utilizada para a concretização deste.

- Na segunda parte, o enquadramento teórico e a análise de casos de estudo. Procurando explicitar os diversos conceitos que informam o projeto tanto a nível teórico como ao nível da prática projetual, recorrendo a diversas fontes literárias. Buscando conhecer as diversas estratégias de conservação, restauro e reabilitação, abordando simultaneamente a importante questão da validação do património arquitetónico. Refletindo sobre as principais temáticas relacionadas com a reversibilidade e a forma como esta condiciona uma abordagem numa reabilitação em que a pré-existência tem uma presença tão forte na identidade do edifício.

Em seguida uma análise de casos de estudo, que nos ajudam a identificar e compreender as diferentes posturas face à Reabilitação do edificado e de que forma estas afetam a preservação da sua identidade e memória, bem como perceber as estratégias adotadas pelos autores na valorização das pré-existências, que servirão também de linhas condutoras ao projeto a ser desenvolvido na terceira parte.

- Na terceira parte, e após análise do objeto de estudo, a execução de uma proposta de intervenção para o antigo Asilo de Torre de Moncorvo e na capela do Convento de São Francisco, com o objetivo futuro da sua execução em obra, no âmbito do Protocolo CMTM | FFAM | FAUL.

- Na quarta parte, as considerações finais retiradas da realização desta proposta. E por fim a respetiva bibliografia usada no decorrer do trabalho e anexos contendo o processo de trabalho e estudos prévios, que suportam as decisões adotadas a nível projetual, bem como os painéis finais e fotos de maquetas.

1.4 | Metodologia

A metodologia a adotar neste trabalho irá ser desenvolvida em quatro fases:

Numa primeira fase, produzida pelos 5 elementos do grupo de trabalho, procedeu-se a recolha de informação feita através de uma pesquisa bibliográfica de elementos sobre o objeto de estudo, apoiada na dissertação histórica realizada pela colega Ana Sofia Cano no âmbito do Protocolo CMTM / FFAM / FAUL, por forma a contextualizar histórica e geograficamente o objeto a intervir. Em seguida, individualmente, foi realizada a recolha e exposição dos princípios teóricos relacionados com a temática da reabilitação, identidade e reversibilidade, por forma a permitir a criação de um raciocínio lógico sobre o tema de trabalho proposto. E por fim, a compilação e análise dos dados fornecidos pelos alunos do 4º ano da turma MIAINTRE e pelo grupo de investigação ArchC_3D, para obtenção de uma base de trabalho sólida e rigorosa com vista ao desenvolvimento de uma proposta de intervenção com o objetivo de execução em obra.

Numa segunda fase, individualmente, será realizada uma análise de referências, através da análise de casos de estudo que se insiram dentro da mesma categoria de intervenção do objeto em que se está a trabalhar, tentando perceber as estratégias usadas e a forma como cada autor abordou um determinado problema. Permitindo criar uma linha de raciocínio que ajude a formalizar e justificar as escolhas projetuais adotadas na fase de projeto, por comparação entre as diversas estratégias adotadas e tendo em conta os princípios teóricos abordados.

Numa terceira fase, individualmente, a proposta de intervenção irá desenvolver-se com base nos parâmetros e conceitos explorados anteriormente, e materializados com recurso à utilização de processos gráficos (desenho digital e esboços) em conjunto com modelos tridimensionais (maquetes de estudo e simulação virtual) com a finalidade de explorar as relações dos espaços e os elementos sensoriais que os constituem.

E por último, serão realizadas as considerações finais onde se pretende analisar e contextualizar se os objetivos anteriormente definidos terão sido ou não cumpridos. E após reflexão e com base nos conceitos abordados ao longo do trabalho, apresentar os novos contributos que este trabalho gerou para o conhecimento e para a temática da reabilitação em edifícios antigos reconhecidamente qualificados. Aqui constará também todo o trabalho gráfico produzido para a defesa e apresentação desta proposta, e para uma melhor compreensão da mesma.

2 | ESTADO DA ARTE

2.1 | Conservação, Restauro e Reabilitação – Estratégias a adotar na valorização das pré-existências

“A evolução da teoria da conservação diz-nos, hoje, que temos que preservar o físico, mas também o intangível (os saberes, as práticas culturais, as funções e as atividades históricas da cidade), verificando-se uma grande ampliação no que hoje consideramos como «património».”²

A salvaguarda do património arquitetónico é desde há muitos séculos, tida em prática, mas durante muito tempo esta tendência considerava apenas os monumentos ou edifícios de carácter singular com elevado valor histórico. Mas à medida que os edifícios têm um papel cada vez mais relevante na memória coletiva das sociedades e protagonismo na organização e forma de vivenciar os espaços, o antigo adquire uma dimensão estética e passa a ser apreciado pela sua beleza fora do tempo. Este facto introduz uma necessidade maior de garantir a sua preservação, sendo então relevante compreender as posições de diversos autores ao longo dos tempos, percebendo as estratégias adotadas e o contexto em que foram tomadas, por forma a tomar decisões projetuais mais conscientes e fundamentadas aquando da intervenção em pré-existências. O conceito de reabilitação e a forma como esta impacta diretamente a forma de abordar um projeto de reabilitação tem evoluído ao longo dos anos, em especial durante fases de transformação social.

“Pode situar-se o nascimento do monumento histórico em Roma por volta do ano de 1420. (...) Um novo clima intelectual desenvolve-se em torno das antigas ruínas que, a partir daí, falam de história e confirmam o passado fabuloso de Roma, (...)”³ É habitual referir-se o período final do Quattrocento e os seus ideais como base dos atuais parâmetros que informam a teoria da conservação, embora um tanto ou quanto idealistas, na valorização de elementos da Antiguidade Clássica e na procura da redescoberta do Clássico. Deverá, no entanto, destacar-se nesta fase a importância do tratado (de inspiração Vitruviana) “De Re Aedificatoria” de Leon Battista Alberti (1404-1472), que permaneceu como o principal tratado clássico sobre arquitetura até ao século XVIII.

² Aguiar, J. (2002) *Cor e cidade histórica – Estudos cromáticos e conservação do património*. 1ª Edição. Porto : FAUP Publicações. p. 23

³ Choay, F. (1992) *L'Allégorie du Patrimoine*, Paris : Editions du Seuil. Edição consultada: *A Alegoria do Património*, traduzido por Teresa Castro (2000), Lisboa: Edições 70,Lda. p. 29

Um pouco por toda a Europa, após as Revoluções e sobretudo durante a primeira metade do século XIX, surge uma mudança na forma de olhar para o património arquitetónico. “A sensibilidade romântica tinha, com efeito, descoberto nos monumentos do passado um campo de deleite e acesso mais fácil.”⁴ Monumentos estes, geralmente de matriz conventual e de elevado valor patrimonial, que começaram a ser alvo de alterações de usos, tais como hospitais, universidades ou até mesmo quartéis, surgindo assim a necessidade imperiosa de resgatar do esquecimento e de recuperar esses grandes monumentos até ali desprezados. Consoante os países, assim também variaram os processos vanguardistas daquela que será a partir de agora denominada como disciplina do Restauro⁵.

Surgiram assim diversas escolas, que conviveram no tempo, de entre as quais se destacam duas doutrinas opostas: uma intervencionista e outra radicalmente anti-intervencionista representadas respetivamente por Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879) em França, e John Ruskin (1819-1900) em Inglaterra.

- Viollet-le-Duc defende a preservação da identidade nacional, através de um “estilo unitário” na Arquitetura. “Restaurer un édifice, ce n’est pas l’entretenir, le réparer ou le refaire, c’est le rétablir dans un état complet qui peut n’avoir jamais existé à un moment donné.”⁶
- Ruskin defende uma ideologia romântica em que se admite a consolidação dos monumentos, desde que esta não seja aparente, recusando portanto cópias e acrescentos segundo a linguagem original da pré-existência, mantendo a sua autenticidade intacta como uma valorização estética e simbólica da ruína. “Nós não temos o mínimo direito de o fazer. Eles não nos pertencem. Eles pertencem, em parte, aos que os edificaram, em parte ao conjunto de gerações humanas que nos seguirão.” Referindo ainda que “Qualquer intervenção sobre estas «reliquias» é um sacrilégio.”⁷

Surgem então duas estratégias opostas, defendidas por diferentes autores, na resolução de um mesmo problema – a salvaguarda e conservação do património arquitetónico.

⁴ Choay, F. (1992) *Op. cit.* p. 116

⁵ “Querer e saber «classificar» monumentos é uma coisa. Saber depois conservá-los fisicamente e restaurá-los é um outro assunto, que assenta sobre outros conhecimentos. Ele exige uma prática específica e praticantes especializados, os «arquitetos dos monumentos históricos», que o século XIX inventou.” in Choay, F. (1992) *Op. cit.* p. 127

⁶ Viollet-le-Duc, E. (1866) *Restauration*, in *Dictionnaire raisonné de L’Architecture Française du XI au XII siècle*, in Aguiar, J. (2002) *Op. cit.* p.41

⁷ Choay, F. (1992) *Op. cit.* Citações a itálico de Ruskin. p.130



Fig. 1 - Sé de Lisboa num mapa medieval do século XVI, onde se pode observar as ameias e os pináculos nas torres sineiras



Fig. 2 - Sé de Lisboa no século XIX, onde é possível observar a ausência de ameias e diferenças na rosácea e pórtico principal



Fig. 3 - Sé de Lisboa na atualidade, após a campanha do Estado Novo

No fim do século XIX surge em Itália, um “meio-termo” apoiado nas teorias de Camillo Boito (1836-1914) e Luca Beltrami (1854-1914), que visam resgatar o edifício recompondo as suas partes em falta, apoiados em vestígios físicos ou documentais, recusando a sua renovação de acordo com paradigmas arquitetónicos contemporâneos. Para Boito “Não se deve apenas preservar a pátina dos edifícios antigos, mas também os acrescentos sucessivos de que o tempo os carregou: verdadeiros estratos, comparáveis aos da crosta terrestre.”⁸ sintetizando assim o melhor de cada uma das doutrinas defendidas pelos autores referidos anteriormente.

Esta revela-se uma postura extremamente atual sobre intervenções em pré-existências, sendo ainda bastante utilizada em inúmeras obras de reabilitação arquitetónica qualificadas. As teorias de Boito constituem uma enorme contribuição para as resoluções do III Congresso de 1883, em Roma, de onde resultou aquilo que para muitos é considerado como “a primeira carta italiana da conservação”. Esta propõe 5 atitudes ou métodos de intervenção em função do estado de conservação do edifício: “Consolidação”; “Recomposição”, desde que assente em fortes bases documentais; “Remoção de acrescentos ou desmontagem de partes não originais”, no caso de estas não possuírem qualquer valor patrimonial ou histórico; “Completamento”, desde que estas não se sobrepusessem aos elementos mais autênticos; e “Inovação”, como último recurso e de forma a que fosse distinguível a nova intervenção na pré-existência.

Entretanto em Portugal, uma grande campanha de restauro de carácter revivalista tomou forma na primeira metade do século XX sob a alçada do Estado Novo. Executada pela DGEMN (Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais), esta campanha pretendia recuperar os monumentos e restituí-los aos seus tempos áureos, preterindo muitas das adições feitas posteriormente em prol de um retorno ao aspeto original, que muitas vezes era realizado sem qualquer fundamento histórico e arquitetónico, como por exemplo o caso da Sé Catedral e Patriarcal de Santa Maria Maior de Lisboa (Fig. 1, 2 e 3).

Foi com base nas reflexões e abordagens como estas acima referidas, e apoiadas posteriormente por cartas e convenções internacionais, como a “Carta Internacional do Restauro”, mais conhecida como a “Carta de restauro moderno e da conservação do património”, que de então em diante, se foi erguendo dentro do consenso patrimonial, a necessária e imperativa proteção, resgate e mesmo valorização, da considerada “arquitetura menor”, ampliando assim o conteúdo tipológico do próprio conceito de monumento histórico que passaria a englobar “a criação arquitetónica isolada, bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um

⁸ Choay, F. (1992) *Op. cit.* p. 137

acontecimento histórico”.⁹ Critérios estes que adquiriram ao longo do tempo uma projeção internacional e carácter normativo sobre o modo de olhar para o património arquitetónico e a valorização deste, e dos seus valores históricos, arquitetónicos, artísticos, construtivos, entre outros. Para tal contribuíram também as teorias de Cesare Brandi (1906-1988) na sua famosa publicação *Teoria del Restauro*, ainda hoje tida como uma base para a formulação teórica da conservação como disciplina.

Será então necessário definir um critério tão unânime quanto possível que nos ajude a compreender as fronteiras de intervenção aplicadas em projetos de Reabilitação, sendo por isso importante garantir uma conjugação harmoniosa entre ambas as partes: pré-existência e nova intervenção, principalmente no que respeita à conjugação dos materiais, tomando como base o artigo 12 da carta de Veneza “Os elementos destinados a ocupar as falhas existentes devem integrar-se harmoniosamente no contexto, tendo que se distinguir das partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história”¹⁰. Assim podemos realçar o valor do precedente no desenvolvimento de um projeto de reabilitação, já que este tem um papel primordial quando se fala em intervenções em pré-existências. Na realidade, o precedente tem um enorme valor no desenvolvimento das próprias sociedades, pois este transmite a memória e identidade de uma cultura.

⁹ International Charter for the conservation and restauration of Monuments and Sities (The Venice Charter 1964) Art.1^o

¹⁰ International Charter for the conservation and restauration of Monuments and Sities (The Venice Charter 1964) Art.12^o

2.2 | Identidade e Valores da pré-existência

“It is Maundy Thursday 2003. Here I am. Sitting in the sun. A grand arcade – long, tall, beautiful in the sunlight. (...) Eleven o’clock. The opposite side of the square in the shade, pleasantly blue. Wonderful range of noises: conversations nearby, footsteps on the square, on stone, birds, a gentle murmuring from the crowd, no cars, no engine sounds, occasional noises from a building site. (...) Temperature: pleasantly fresh, and warm. I am sitting in the arcade on a pale green upholstered sofa, while the bronze figure on its tall pedestal in the square before me has its back turned, looking across, as I am, at the twin-towered church. (...) So what moved me? Everything. The things themselves, the people, the air, noises, sound, colours, material presences, textures, forms too (...). But then I perform an experiment: I take away the square – and my feelings are not the same. (...) I could never have had those feelings without the atmosphere of the square.” (Zumthor, 2006) ¹¹

Na perspectiva de Zumthor, qualidade arquitetónica só pode existir através da atmosfera criada por um edifício, e transversalmente pela sua capacidade de criar um lugar e interagir numa relação imediata com o nosso ambiente; uma relação emocional em vez de intelectual - com espaço e matéria, calor e luz, sons e cheiros. A arquitetura relaciona-se intimamente com o ser humano enquanto organismo vivo e dinâmico em constante evolução e, principalmente, como o palco de acontecimento da vida das pessoas. Nela está patente a nossa história, a nossa cultura e identidade, o que confere a cada espaço uma singularidade e identidade própria.



Fig. 4 - Panorâmica Praça do Comércio, Lisboa

¹¹ Zumthor, P. (2006) *Atmospheres – Architectural Environments. Surrounding Objects*, Basel: Birkhäuser. pp. 15-17

“De facto, a fruição do mundo é-nos proporcionada, de modo espontâneo, pela percepção imediata daquilo que nos rodeia, (...) é, com efeito, uma representação de todas as experiências vividas ou suscetíveis de vivência pelos habitantes deste mundo.”¹²

Sendo que o mundo e a sociedade estão em permanente mutação, são as relações com os lugares que vivenciamos, conjugadas com o percurso histórico do património edificado, que nos permite identificar e compreender o valor que as pré-existências têm, quer pelo seu conjunto e memória coletiva, quer pela sua inserção urbana nos atuais espaços urbanos contemporâneos. Para Kevin Lynch “Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis”.¹³

A expansão e a heterogeneidade dos espaços urbanos contemporâneos, o desaparecimento dos “backgrounds” e paisagens no seu estado natural, e o crescente domínio de infraestruturas em desarmonia na relação que estabelecem com o meio urbano na qual se inserem, são prova de uma crise ou perda de “*identidade do lugar*” que muitos consideram irreversível. Norberg-Schulz afirma que esta perda de identidade é um facto comprovado, tanto do ponto de vista dos limites físicos como das características que permitem reconhecer e distinguir um determinado lugar, dificultando assim a tentativa de um indivíduo estabelecer uma relação emocional com o lugar em particular.¹⁴

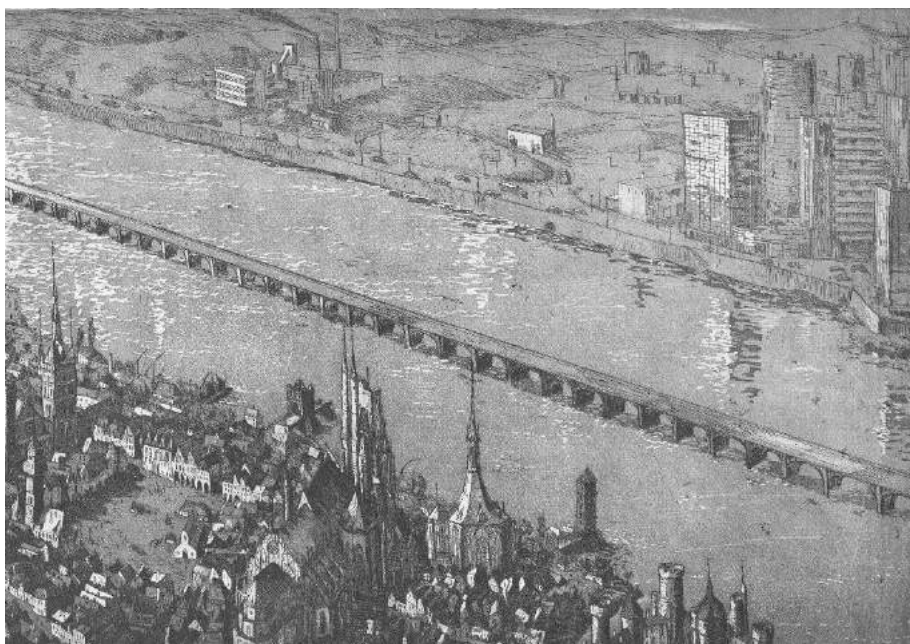


Fig. 5 - Jan Souček, “The Bridge” (1976) gravura a água forte, 30x20cm

¹² Jorge, J. G. (2007) *Lugares em Teoria*, Lisboa: Caleidoscópio. p. 11

¹³ Lynch, K. (1982) *A Imagem da Cidade*, Lisboa: Edições 70, p. 11

¹⁴ Norberg-Schulz, C. (1997) *L'art du lieu. Architecture et paysage, permanence et mutations*, Paris: Le Moniteur

“The basic act of architecture is therefore to understand the “vocation” of the place.”¹⁵

A estrutura do espaço pode sofrer alterações sem que a sua identidade seja comprometida, desde que não se percam os princípios do seu caráter, escala e continuidade no tecido urbano. Segundo Norberg-Schulz, todas as culturas têm desenvolvido sistemas de orientação que facilitam a leitura do meio envolvente e consequente apropriação do espaço, quando este sistema enfraquece ou é alterado substancialmente, desenvolve-se a sensação de perda de identidade. Analisar esta identidade é crucial para poder definir os meios mais adequados para a sua preservação, e cabe ao arquiteto compreender e interpretá-la, numa tentativa de preservar a sua memória coletiva para as gerações futuras. Só após uma análise do potencial que possuem e da lógica em que se inserem, e através da definição de um programa que responda às necessidades de uma comunidade, conseguiremos garantir a sua integração e valorização enquanto objeto arquitetónico, e, por conseguinte levar a que o indivíduo estabeleça uma ligação mais próxima com o objeto e o lugar, originando assim um sentido de identidade mais forte.

Sendo este um tema relativamente abstrato em relação à sua definição em concreto, e existindo uma maior preocupação por parte dos arquitetos e urbanistas relativamente às consequências negativas para as cidades decorrentes do pensamento e práticas modernistas, podemos considerar que as construções classificadas como marcas importantes do património histórico – os monumentos – e as construções anónimas que têm valor pelo seu conjunto, memória coletiva e inserção urbana, constituem uma das materializações da identidade e memória das cidades contemporâneas.

No caso concreto do nosso objeto de estudo parece-nos importante recuperar a memória e o estatuto do edifício, quer pelo significado que este representa para o Município de Torre de Moncorvo e os seus habitantes, quer pela sua localização de relevo na paisagem, restituindo-o assim de novo ao serviço da comunidade e que ocupe de novo o seu lugar na sociedade atual como das gerações futuras. Através da reconstituição e aproveitamento de alguns dos elementos mais qualificados da pré-existência e de uma reconversão de usos definidos em conjunto com o dono da obra, pretendemos atribuir uma nova utilidade que responda às necessidades do tempo presente sem por isso alterar a identidade do próprio, preocupação esta por vezes descurada na área da reabilitação onde destroem as pré-existências por impossibilidade de adaptação das mesmas.

¹⁵ Norberg-Schulz, C. (1980) *Genius Loci, towards a Phenomenology of Architecture*, Londres: Academy Editions, p. 23

2.3 | Reversibilidade – Construir o presente, pensar o futuro

“The multiplicity of the tasks we face means that we need the architect in a new role – that of the developer of existing structures. It is not just the new that is spectacular, but, increasingly, the challenge of the commonplace.”¹⁶

Sendo este um tema relativamente recente, o conceito de reversibilidade é cada vez mais utilizado quando se fala de reabilitação nos dias de hoje. Os arquitetos e urbanistas denotam uma maior preocupação na adoção de estratégias projetuais com base nestes conceitos, sobretudo em intervenções onde a pré-existência tem uma presença assumida e valor qualitativo comprovado. Assim como as mentalidades e as necessidades das pessoas se alteram, os espaços que estas habitam têm de se transformar e serem flexíveis, permitindo uma nova reformulação desses espaços no futuro. Para além da componente física e económica, o valor de um edifício também resulta de aspetos imateriais como o contexto social em que se insere, as memórias que transmite e os aspetos culturais que retêm de uma determinada sociedade, ou os sentimentos que desencadeia; é este o principal compromisso da arquitetura, criar espaços de vivência e interação social sem limitar a livre ocorrência destas experiências por parte dos seus utilizadores com o próprio espaço.

É incorreto pensar que o existente tem que ser demolido para criar algo novo. O novo também pode emergir do existente sobre diversas formas, quer seja através da reconversão do espaço para novos usos, quer seja através de adições e/ou demolições pontuais que, não transformando de forma definitiva os espaços, melhorem qualitativamente esses mesmos espaços, dialogando com o existente e mantendo a identidade própria do mesmo sem lhe tirar o protagonismo. O fator emocional exerce um papel importante neste assunto, tomando o exemplo de edifícios problemáticos que perduraram ao longo do tempo e por alguma razão não se optou pela sua demolição. Porém isto requer um estudo cuidado do valor das pré-existências por parte dos intervenientes, e ao optar por trabalhar com o existente o protagonismo do arquiteto assume um papel secundário, tornando-se parte de um todo, sendo que os arquitetos trabalham num projeto num determinado período de tempo que não vai ser o último; houve outros antes e haverá outros que se seguirão.

¹⁶ Dr. Ramsauer, P. (2012) A new Language of Redevelopment. In *Reduce, Reuse, Recycle – Architecture as Resource*. German Pavilion, 13th International Architecture Exhibition - La Biennale di Venezia 2012. Veneza

Todos os anos desde o ano de 2000, realiza-se em Londres um dos eventos mais antecipados no panorama da arquitetura, considerado por muitos como um marco da arquitetura mundial e que atrai uma média de 250 mil visitantes por ano. A *Serpentine Gallery Pavilion Exhibition* situada em Kensington Gardens, Hyde Park entre as duas conceituadas galerias de arte contemporânea – Serpentine Gallery e Serpentine Sackler Gallery, é uma exposição que resulta na criação de um pavilhão temporário que deixa uma forte mensagem e estimula o debate da comunidade arquitetônica sobre o caminho a seguir no âmbito da Arquitetura. A conceção do pavilhão é atribuída por convite a um arquiteto internacional, com a premissa de que até à data do convite não tenha realizado um projeto de autoria própria no Reino Unido, ao qual é dada a oportunidade de mostrar o seu talento e ganhar reconhecimento mundial. Tendo apenas 6 meses para completar a construção do pavilhão e sem preocupações a nível programático, a livre experimentação tanto formal como a nível de escolha dos materiais, é utilizada pelos arquitetos como o método principal de pensar e projetar os pavilhões. Após conclusão deste processo os pavilhões permanecem em exposição durante os meses de Verão para usufruto do público, concluído o evento os pavilhões são desmontados e comprados por identidades privadas, passando assim a integrar as suas coleções. Ao longo dos anos a exposição já contou com a contribuição de inúmeros arquitetos internacionais tais como: Zaha Hadid, Oscar Niemeyer, Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura, Frank Gehry, Peter Zumthor, Herzog & de Meuron (*Fig. 6*), entre outros.

Tomámos como ponto de referência na abordagem a este tema, um ciclo de conferências realizado no Pavilhão Alemão em Veneza, entre os dias 29 de Agosto e 25 de Novembro de 2012 na 13ª Exposição Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza, com o tema “*Reduce / Reuse / Recycle – Architecture as Resource*”, onde um grupo de arquitetos expõe diversos projetos e perspetivas relativamente à recuperação de edifícios e infraestruturas existentes, como inspiração e motivação para o desenvolvimento destas estratégias no futuro. O título da exposição refere-se a um exemplo bem-sucedido de mudança na atitude da sociedade contemporânea, a que todos assistimos nas últimas décadas: o reaproveitamento do lixo como um recurso valioso. Ao transferir esta lógica para o contexto arquitetónico, obtemos um novo sistema de valores e medidas a aplicar na reabilitação do tecido urbano existente.

“Buildings are too valuable to merely reduce them to piles of rubble and road gravel.”¹⁷

¹⁷ Petzet, M. (2012) Recycling Buildings. In *Reduce, Reuse, Recycle – Architecture as Resource*. German Pavilion, 13th International Architecture Exhibition - La Biennale di Venezia 2012. Veneza

“It would be wonderful, not to say ideal, if architects designed and constructed buildings with the idea in mind that someday another architect will come along and mess it up. Because the second architect will remodel it. Reinterpret it. Misunderstand it. Use it for a different purpose.”¹⁸



Fig. 6 – Serpentine Gallery Pavilion, Londres (Ai WeiWei e Herzog & de Meuron, 2012)

Desta parceria, a primeira realizada pelo trio em solo britânico, resultou uma estrutura reversível que procurava homenagear os pavilhões precedentes. Tendo optado por uma abordagem arqueológica, os arquitetos convidam os visitantes a retroceder no tempo, pondo a descoberto vestígios das estruturas anteriores escavados no solo e revestidos inteiramente a cortiça de origem portuguesa. Como que remetendo para um estaleiro arqueológico, a estrutura era coberta por uma plataforma cuja superfície refletia as atmosferas circundantes, suportada por onze pilares distintos que simbolizavam cada um dos pavilhões e um último representativo da estrutura atual. O pavilhão inaugurado a 1 de Junho de 2012, funcionou como espaço público e albergou várias palestras e eventos, tendo sido encerrado a 14 Outubro de 2012 e fazendo agora parte da coleção privada de um empresário indiano.

¹⁸ Füssler, U. (2012) Perception. In *Reduce, Reuse, Recycle – Architecture as Resource*. German Pavilion, 13th International Architecture Exhibition - La Biennale di Venezia 2012. Veneza

A escolha deste tema foi baseada na chamada “hierarquia de resíduos”, onde se pode considerar o termo reduzir (*Reduce*), como o principal tema a abordar aquando de uma mudança significativa na forma de olhar para os resíduos, começando pela redução do volume dos próprios resíduos ou desperdícios resultantes de uma intervenção de reabilitação num edifício existente; seguido pela reutilização e reaproveitamento direto dos materiais no seu estado actual (*Reuse*); e por último a transformação dos desperdícios em materiais reutilizáveis através da reciclagem (*Recycle*), pois quanto menos alterações e energia são empregues na sua transformação em materiais reutilizáveis, e ao garantir a sua sustentabilidade em detrimento de outros materiais, mais eficaz e económica será a abordagem ao projeto. Considerando que 40% dos custos da construção de um novo edifício são despendidos na estrutura e em paramentos exteriores, não faz sentido demolir edifícios existentes que podem perfeitamente continuar ao serviço da comunidade mediante algumas alterações estéticas e funcionais, o que nos leva a crer que a chave para a redução da pegada ecológica dos edifícios não consiste na reciclagem dos componentes individuais de um edifício, mas sim na extensão do ciclo de vida destes. A mesma lógica pode ser aplicada na criação de um novo sistema apoiado nos valores da pré-existência, onde as várias estratégias de reabilitação podem ser tomadas com base na relação entre o antigo e o novo, a profundidade da intervenção e o grau de modificação. Tratar a arquitetura construída como um recurso substancial e formal e compreender o seu papel estruturante, tanto a nível energético, estético, cultural e social, abre uma vasta gama de novas possibilidades e abordagens num projeto de reabilitação.

Esta ação de conservação deve ser realizada com materiais e técnicas que permitam a remoção da intervenção ou limitar as intervenções ao mínimo indispensável, permitindo assim o retorno à situação inicial em que o objeto foi encontrado, sem causar danos irreversíveis quer na estrutura quer na imagem, mantendo a integridade da identidade deste. Este princípio é, no entanto, impossível de ser realizado na sua conceção mais pura, e cabe ao arquiteto examinar e avaliar corretamente a situação existente, permitindo assim tomar uma posição mais sustentável na sua abordagem ao projeto, pois a maior qualidade dos edifícios existentes reside nas suas características arquitetónicas que lhe permitem um uso continuado ao longo do tempo, bem como no seu significado histórico e urbano, no contexto do meio em que se inserem.

Para perceber melhor o conceito de reversibilidade, proponho identificar e compreender as posturas tomadas por outros autores face a intervenções em pré-existências, não só através do estudo de obras escritas, mas também através da análise de obras construídas, consideradas de referência dentro desta vertente arquitetónica.

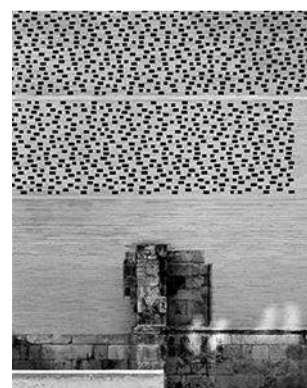
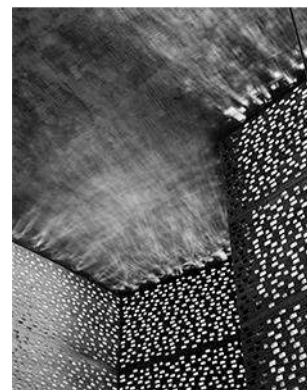


Fig. 7 - Kolumba Diocesan Museum, Cologne, Germany (Architekturbüro Peter Zumthor, 2007)

3 | ANÁLISE CASOS DE ESTUDO

3.1 | Palácio Nacional da Pena – FSSMGN Arquitectos

Zonas de Público, Restaurante e Cafetaria
Sintra - Portugal, 1989-2000

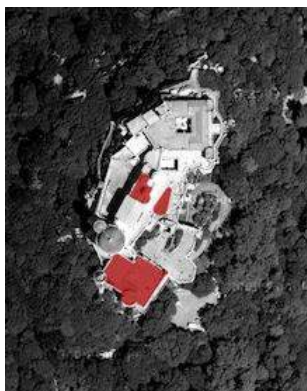


Fig. 8 - Planta de localização e zonas de intervenção (Vermelho)

Encomendado em 1989 pelo IPPAR¹⁹, o projeto “Recuperação e Adaptação de Espaços do Palácio da Pena” da autoria dos arquitetos Fernando Sanchez Salvador e Margarida Grácio Nunes viria apenas a ser concluído no ano de 2000, após a existência de diversos fatores externos durante a fase de execução em obra. Os espaços intervencionados eram constituídos pelo edifício das antigas cocheiras, ucharia e abegoaria, pela guardaria do Palácio e ainda pela zona térrea das arcadas situada entre o Pórtico do Tritão e a varanda do Salão Nobre (assinalados na Fig. 8), sendo o objetivo da intervenção a recuperação destes espaços que estavam devolutos e a instalação de um conjunto de serviços de apoio aos visitantes, até aí inexistentes – Loja, Restaurante, Cafetaria, Cozinhas e Instalações de Apoio aos Funcionários.

A principal zona de intervenção foi o “edifício das cocheiras”, onde o piso da cave foi adaptado às instalações de apoio aos funcionários e a restante área ao abastecimento e armazenamento do restaurante e cafetaria. No piso superior instalaram-se os serviços de apoio aos visitantes, como a bilheteira e loja de *souvenirs* e ainda uma zona de livraria de arte e uma outra loja de museu, ficando o último piso totalmente ocupado pelo restaurante e cafetaria, bem como o terraço onde se instalou uma esplanada. Na zona da guardaria surge uma outra loja com publicações e objetos, e por fim sob as arcadas funcionam as instalações sanitárias publicas de apoio aos espaços exteriores.

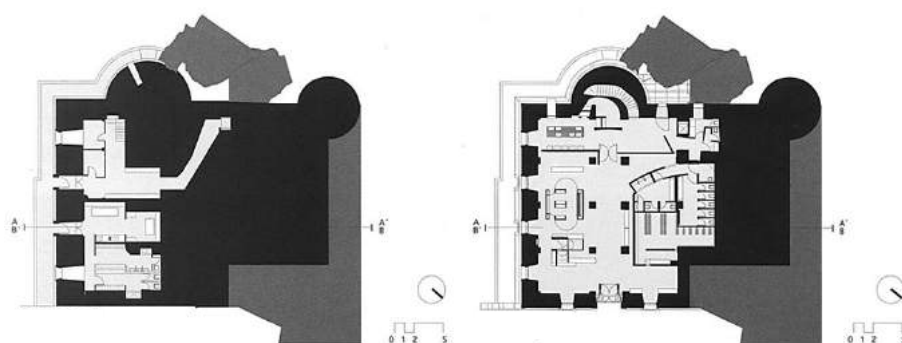


Fig. 9 - Plantas do "edifício das cocheiras" – à esquerda Piso -1 e à direita Piso 0

¹⁹ IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico, foi o instituto público que durante 15 anos (1992 - 2007) regulou a classificação do património histórico português, bem como a homologação do nível de proteção.

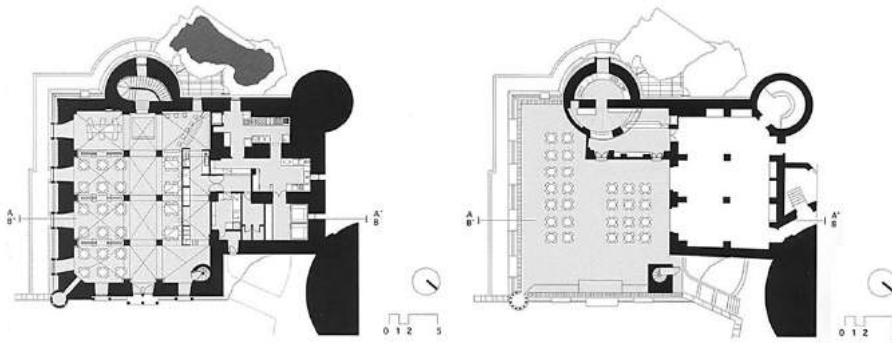


Fig. 10 - Plantas do "edifício das cocheiras" – à esquerda Piso 1 e à direita Piso 2

As estruturas pré-existentes do edifício revelam uma grande importância na organização e percepção do espaço, devido à malha rígida que formam, o ritmo que impõem e a sua escala. Compreendidas as características gerais do espaço, os arquitetos depararam-se com outro problema, visto que a altura de arranque dos arcos que suportam as abóbadas de aresta da cobertura é relativamente baixa (ver Fig. 12), havia uma perda de pé-direito e de área de intervenção junto dos pilares, daí a opção de criar uma nova malha geométrica menos rigorosa onde o mobiliário, desenhado pelos próprios arquitetos, passa-se a ser o novo organizador do espaço, contendo nele o maior número de funções e redes de infraestruturas.

Funcionando como uma estrutura modular de carácter reversível e totalmente independente da estrutura pré-existente (Fig. 11), o mobiliário pode assumir diversas formas, transformando-se conforme a utilização desejada, servindo quer como paredes, quer como armários, estantes, vitrines, balcões, etc., estabelecendo assim uma relação contrastante entre o novo e o existente, tanto a nível formal - entre os volumes cúbicos e robustos em constante mutação da nova intervenção e a estrutura abobadada existente de contornos fluídos - como a nível decorativo e cromático - das cores claras dos materiais pétreos às texturas das madeiras exóticas mais escuras.

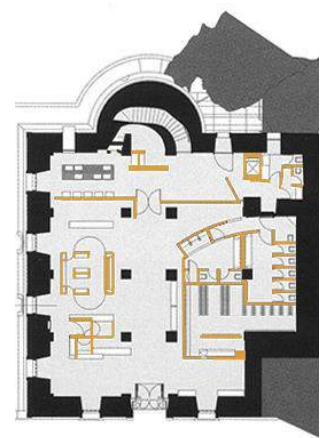


Fig. 11 - Planta do Piso 0 onde se distingue a intervenção (Amarelo) e a estrutura pré-existente (Preto)



Fig. 12 - Altura de arranque dos arcos que suportam as abóbadas e transfiguração do mobiliário consoante a sua utilização

Seguindo esta linha de pensamento de continuidade/ruptura, os arquitetos optaram por uma abstração a nível decorativo das soluções propostas para os espaços públicos nas quais podemos observar uma neutralidade maior associada à ausência de mobilidade destas – como por exemplo o mobiliário fixo que funciona mais como um complemento da arquitetura do que como elemento decorativo - em relação aos objetos e utensílios de menores dimensões como as peças de porcelana, cristais, biombos, etc. é o oposto, contendo estas maiores níveis de figuração e cromatismo, tendo sido realizadas em parceria com o designer português Filipe Alarcão.

A escolha deste caso de estudo deveu-se à forma bem-sucedida como a nova intervenção valoriza e respeita a estrutura pré-existente, revelando-a num jogo de contrastes entre novo e antigo, mas mantendo a sua identidade. Este fator foi garantido pela escolha de uma estratégia reversível completamente independente da estrutura existente, premissa esta que nos parece acertada aquando da formalização de uma proposta de intervenção num espaço tão emblemático como o Palácio Nacional da Pena, tanto pelo ambiente eclético ao qual esta associado como pela classificação atribuída pela UNESCO em 1995 à Serra de Sinta - Paisagem Cultural e Património Mundial da Humanidade, local onde esta inserido.

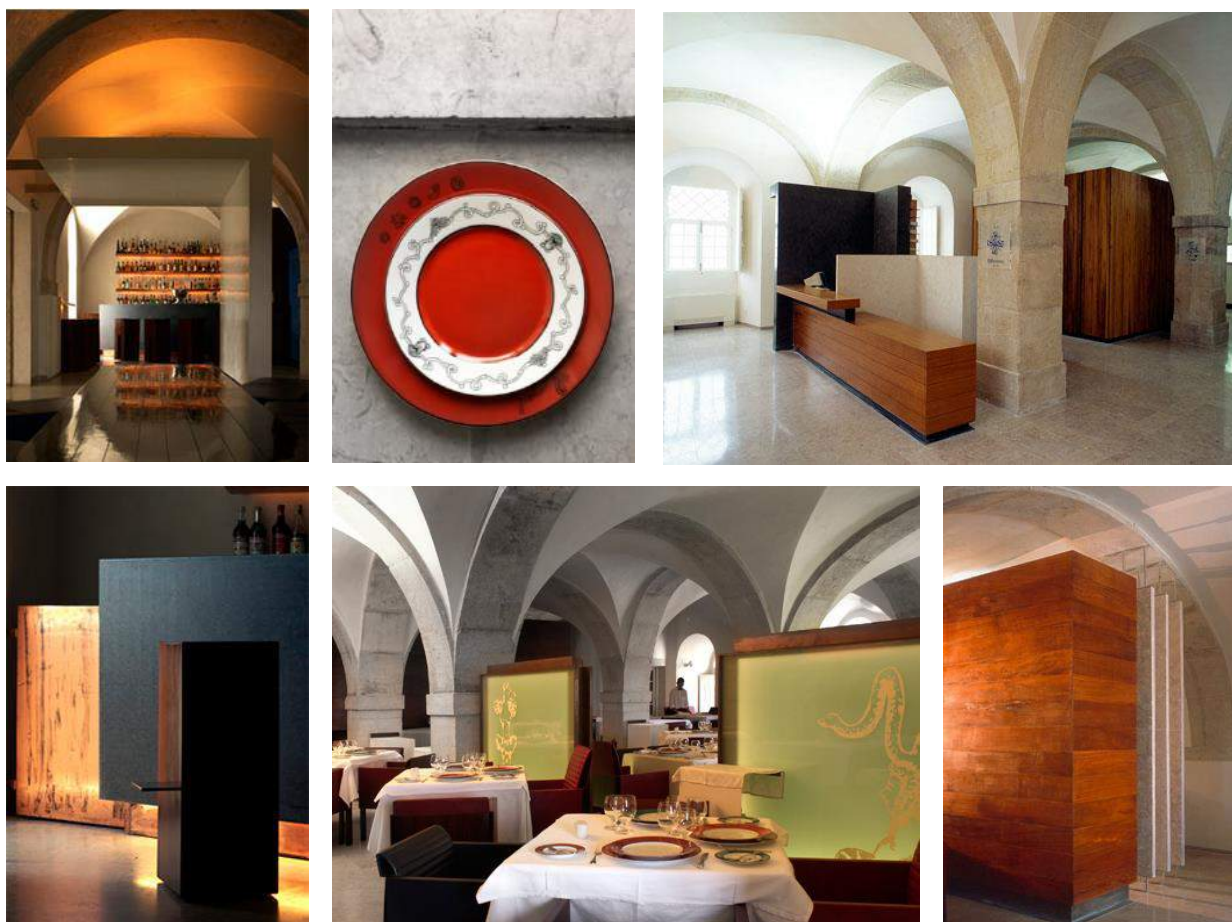


Fig. 13 - Peças de mobiliário desenhadas pelos arquitetos em parceria com o designer Filipe Alarcão

3.2 | Transformação da Torre Bois-le-Prêtre – Frédéric Druot Architecture e Lacaton & Vassal

Paris XVII^e - França, 2005-2011

Construída entre 1959 e 1961 pelo arquiteto francês Raymond Lopez, no XVII^e arrondissement na zona norte de Paris, a torre de 50 metros de altura é constituída por 16 pisos assentes num rés-do-chão aberto sobre pilotis e alberga 96 apartamentos de habitação social. O arquiteto utilizou um sistema construtivo industrial desenvolvido no pós-guerra aquando da reconstrução das cidades arrasadas pelos bombardeamentos, composto por elementos pré-fabricados de betão que assentam numa trama regular e encerrados por fachadas independentes com largas janelas e loggias. Em 1990, a torre foi alvo de uma reabilitação exterior da fachada com vista a melhorar as condições de habitabilidade e obedecer aos novos regulamentos térmicos, à qual foi aplicada um revestimento térmico pelo exterior, eliminando as loggias e reduzindo as aberturas das janelas em detrimento das vistas e da luz natural dos apartamentos, o rés-do-chão foi também encerrado, reduzindo a entrada apenas a uma escada e um corredor sombrio em frente aos elevadores.

Após 60 anos de negligência e envelhecimento, e visto que os trabalhos realizados na primeira intervenção não tinham acrescentado uma qualidade perdurável ao edifício, tornou-se importante repensar o futuro do mesmo, por forma a melhorar significativamente os alojamentos e indo ao encontro dos padrões modernos de habitabilidade. Embora a demolição tenha sido uma opção considerada, rapidamente se provou que não seria a melhor forma de intervir no edifício, tanto a nível económico como logístico. Posto isto foi lançada em 2005 pela OPAC (Office Public d'Aménagement et de Construction), uma competição com vista à transformação da torre.



Fig. 14 – Transformações da Torre Bois-le-Prêtre, desde a sua construção na década de 60, após a reabilitação exterior da fachada em 1990 e o seu aspeto atual

Após análise das várias candidaturas, o concurso foi atribuído ao atelier Frédéric Druot Architecture em parceria com Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal do atelier Lacaton & Vassal. A equipa de arquitetos propôs uma extensão dos apartamentos através de uma estrutura autossustentável construída com elementos metálicos pré-fabricados que seriam adicionados na periferia do edifício existente, atuando como uma dupla fachada, com a vantagem de que os habitantes pudessem permanecer nos seus apartamentos durante as obras de transformação.

Ao adicionar novos compartimentos aquecidos, jardins de inverno e varandas em torno do edifício, foi possível ampliar a superfície de área habitável sem modificar a organização estrutural existente passando dos 8900m² para os 12460m² (Fig. 19); melhorar o conforto térmico, a luz natural e as vistas panorâmicas através da remoção das fachadas existentes, posteriormente substituídas por grandes aberturas transparentes a toda a altura; ou mesmo alterar a configuração de alguns apartamentos criando novas tipologias com mais um ou dois compartimentos suplementares, respondendo assim às necessidades diversificadas das famílias modernas; foi também possível reduzir passivamente os consumos energéticos em mais de 50%, em particular através da adição dos jardins de inverno.

O edifício é estruturado verticalmente através da sobreposição de lajes pré-fabricadas desencontradas entre elas, originando meios-pisos, e sendo as laterais do edifício desencontradas do núcleo central, o único servido por elevadores, estas são apenas servidas por escadas. O projeto de transformação da torre propunha também uma reformulação do rés-do-chão, novamente aberto ao exterior e que permitisse um atravessamento direto entre a entrada e o novo jardim proposto nas traseiras, ao qual foram também acrescentados espaços comunitários para uso dos habitantes e dois elevadores nas laterais do edifício, onde foram abertos vãos de forma a permitir a entrada de luz natural no núcleo central de acessos, proporcionando assim melhor acessibilidade e qualidade a todos os níveis de alojamentos.

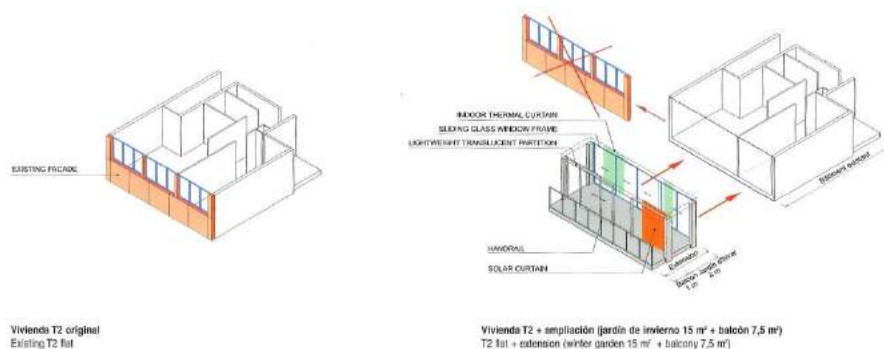


Fig. 15 – Módulos pré-fabricados de 7m x 3,20m em estrutura metálica instalados a partir do solo através da sobreposição destes, sendo que só depois de fixos à fachada proceder-se-á a desmontagem da fachada interior e acabamentos finais

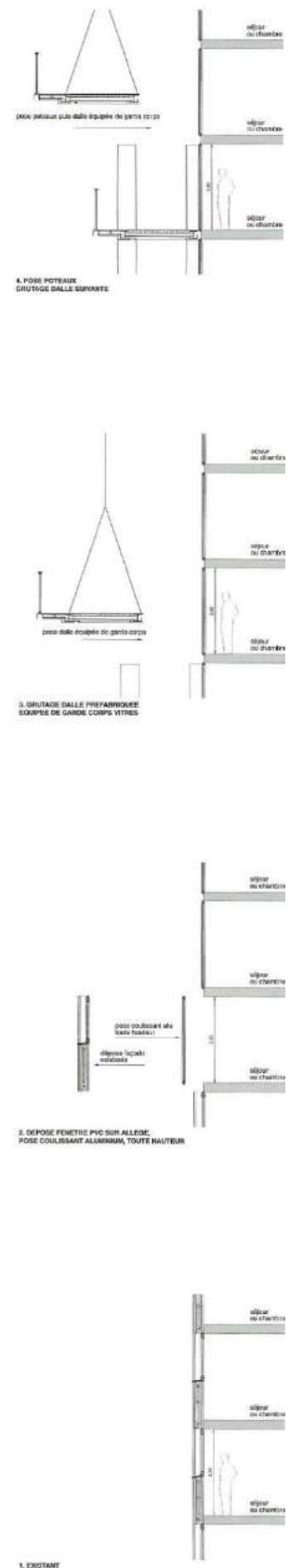


Fig. 16 - Processo de instalação dos módulos pré-fabricados na fachada exterior

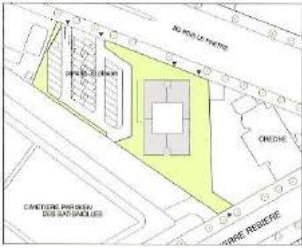


Fig. 17 - Plantas de implantação existente e atual

Fig. 18 – Fachada Sul e Fachada Norte

O processo de transformação foi acompanhado pela criação de grupos de discussão, o que permitiu um diálogo constante entre os habitantes e as diversas equipas envolvidas ao longo do projeto.

Com a escolha e análise deste caso de estudo pretendo mostrar que existem várias abordagens válidas num projeto de reabilitação, sendo que neste caso concreto a equipa de arquitetos optou por perceber as qualidades organizacionais e estruturais do edifício existente, e através de intervenções pontuais e da utilização de métodos construtivos autossustentáveis, foi possível cumprir o programa proposto e obedecer aos novos requisitos exigidos pela legislação originando assim uma transformação qualitativa durável e mais económica, bem como melhorias nas condições de habitabilidade geral, devolvendo assim o estatuto de edifício contemporâneo a um edifício que estaria à partida condenado à demolição.

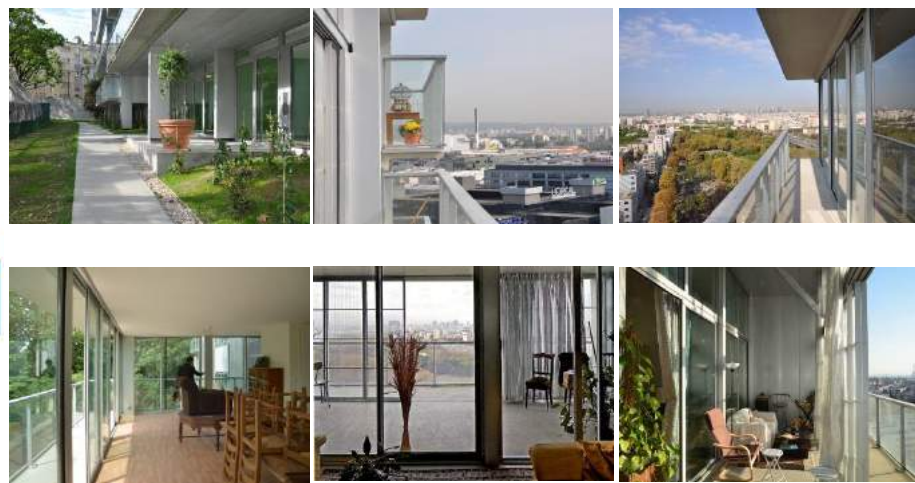
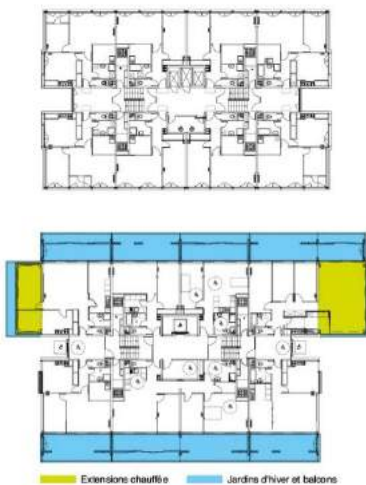


Fig. 19 - Planta de alterações e novas adições exteriores

Fig. 20 - Aspeto exterior da torre e vistas do interior dos alojamentos após obras de transformação

3.3 | Basílica de Santa Maria di Siponto – Edoardo Tresoldi

Instalação Artística
Puglia - Itália, 2016

Erguida em 2016 sobre as ruínas de uma antiga igreja paleocristã do século XII, no Parque Arqueológico de Siponto na região de Puglia a sul de Itália, a instalação do escultor e cenógrafo italiano de 28 anos, Edoardo Tresoldi, realizada integralmente em malha metálica de arame, procura reinterpretar os espaços ocupados pela antiga igreja combinando os métodos tradicionais e científicos da Arqueologia com os métodos mais conceptuais e criativos da arte contemporânea. Com 14 metros de altura, pesando 7 toneladas e um custo total de 900 mil euros, o projeto foi financiado pelo Ministério do Património e Atividades Culturais e pela Superintendência do Património Arqueológico de Puglia, projeto este que durou 3 meses a ser concluído e surgiu da necessidade de preservar e proteger os mosaicos originais do pavimento e os vestígios arquitetónicos que restam do edifício, devastado após múltiplos terramotos no decorrer do século XIII.

Apesar da sua aparência simples e leveza contrastante com a paisagem envolvente, possibilitada devido à utilização de uma estrutura não-intrusiva combinada com a transparência do material escolhido, a instalação contém inúmeros detalhes e elementos arquitetónicos, tais como colunas de diferentes ordens, cúpulas, arcadas e estátuas dentro da própria estrutura. Devido a estes aspetos, é muitas vezes confundida pelos visitantes com uma ilusão de ótica ou mesmo um holograma. Fatores estes que tornaram a instalação num dos pontos de atração turística obrigatório para os visitantes do Parque Arqueológico de Siponto.

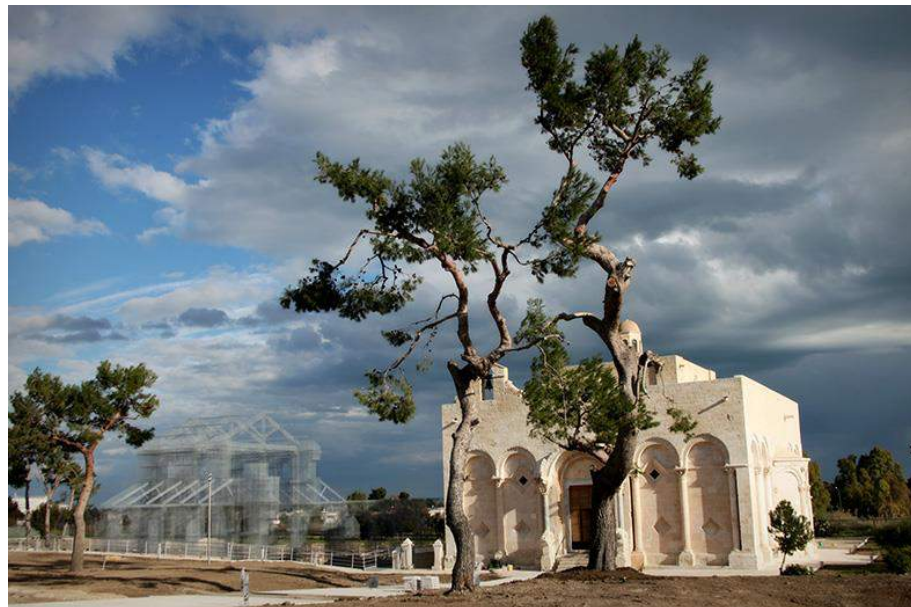
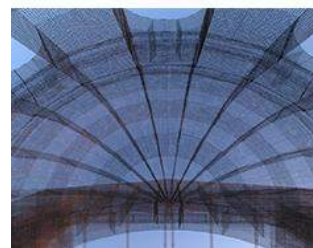


Fig. 21- Contraste entre a instalação artística em malha metálica e igreja medieval existente de Santa Maria Maggiore

A leitura de um local arqueológico é muitas vezes difícil e às vezes até aborrecida, principalmente para os não-especialistas. Posto isto, o governo de Puglia em colaboração com Tresoldi adotou uma estratégia original, optando pelo uso de materiais menos nobres e economicamente mais viáveis e operando sem danificar irreversivelmente as estruturas existentes, pondo em evidência os vestígios por forma a facilitar a sua compreensão no contexto arquitetónico e o diálogo com a paisagem e a igreja medieval adjacente. Após a realização de um inventário e de um estudo intensivo das pré-existências apoiado pela análise de documentos da época, em conjunto com uma equipa multidisciplinar, foi possível recriar aproximadamente a composição volumétrica do edifício original, composto por três naves separadas por colunas e uma capela-mor onde ainda são visíveis os mosaicos originais do pavimento, permitindo aos visitantes retroceder no tempo e experienciar o ambiente vivido anteriormente à sua destruição pelo terramoto. Durante a noite, a igreja assume um aspeto metafísico graças à iluminação cuidadosamente projetada (Fig. 23).

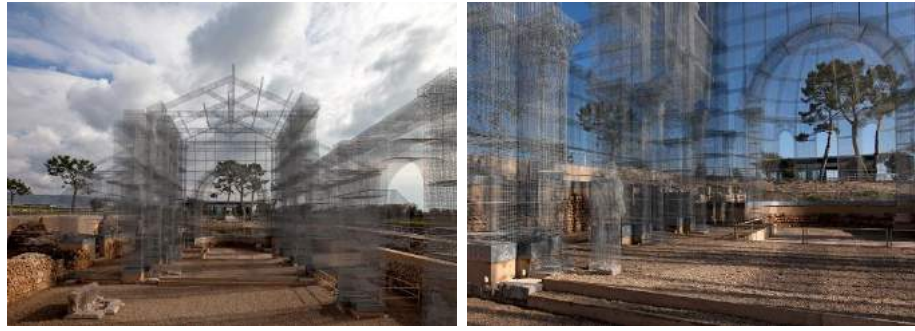
“Una sorta di ritorno di questo grande edificio come se fosse parte della memoria storica del luogo. Mi sono prefigurato di riuscire a disegnare nell’aria, mantenendo però le relazioni dirette con il territorio”²⁰

Pese embora o facto de ser uma instalação arquitetónica e não um edifício no verdadeiro sentido da palavra, e que o metal provavelmente se deteriorará com o passar do tempo e as aves encontrarão asilo nos inúmeros capitéis e estátuas no interior da instalação, é um objeto que cumpre um propósito, o de preservar os vestígios da antiga basílica permitindo ao mesmo tempo a vivência do espaço em contacto com a paisagem circundante, falando sobre o passado, para as pessoas de hoje e reafirmando a continuidade e o diálogo entre o passado e o presente. A sua escolha prende-se pelo seu carácter reversível e abordagem minimalista que conduziu à valorização do existente por si só, e abrindo as portas a um novo debate sobre qual a melhor forma de intervir nestas situações e dando origem a que este tipo de estratégias possa servir de precedente para futuros projetos de conservação tendo em vista a preservação e salvaguarda de ruínas arqueológicas e não só.



²⁰ Tresoldi, E. (2016) in <http://www.artribune.com/2016/03/in-puglia-il-giovane-edoardo-tresoldi-ricostruisce-la-basilica-paleocristiana-di-siponto-graziealla-rete-metallica-ecco-le-straordinarie-immagini-dellinstallazione/> | 30

Fig. 22 – Detalhes da Basílica de Santa Maria di Siponto em malha metálica de arame



*Fig. 23 – Basilica de Santa
Maria di Siponto de
Edoardo Tresoldi*

4 | INTERVENÇÃO NO ANTIGO ASILO DE TORRE DE MONCORVO E NA CAPELA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

4.1 | Contextualização Geográfica e Histórica



Fig. 24 – Localização de Torre de Moncorvo em Portugal

41º 10' 26 N 7º 3' 0 O

Construídos na encosta da Serra do Reboredo na vila de Torre de Moncorvo, com vista privilegiada sobre o Vale da Vilarça – Região Demarcada do Alto Douro Vinhateiro, e erguidos sobre as ruínas de um antigo convento franciscano do início do século XVI, encontram-se o antigo Asilo Francisco António Meireles e a capela do Convento de São Francisco, objetos de estudo e alvos da proposta de intervenção desenvolvida no decorrer deste trabalho de PFM.

Torre de Moncorvo é uma vila portuguesa fundada no século XIII e pertencente ao distrito de Bragança na região Norte de Portugal, datando as suas origens dos tempos medievais. Em 1285, foi-lhe concedida por D. Dinis uma Carta de Foral, estabelecendo-se assim o município e dotada a vila de castelo e muralhas. A região é particularmente conhecida pela produção do linho cânhamo, da cultura da vinha, azeite, seda, lã, amêndoa e da exploração de ferro, tomando partido dos inúmeros recursos oferecidos pelo Vale da Vilarça, considerada uma das regiões do ponto de vista agrícola das mais férteis de Trás-os-Montes. Os rios Sabor e Douro são também uma marca na paisagem deste concelho.

Aproveitando o forte desenvolvimento urbanístico e económico vivido no concelho durante o século XVI, data da construção da imponente Igreja Matriz considerada umas das maiores de Trás-os-Montes e Alto Douro com cerca de 30 metros de altura, a ordem

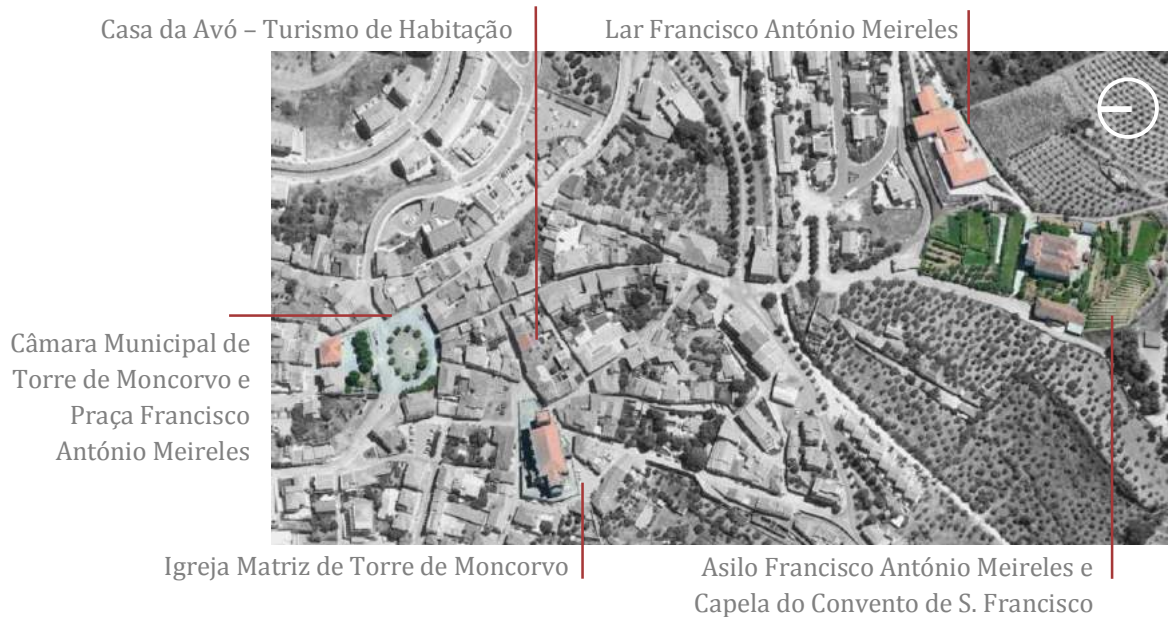


Fig. 25 – Pontos de Interesse na vila de Torre de Moncorvo

mendicante Franciscana decidiu instalar-se na região, iniciando em 1569 a construção de um convento para albergar os frades da congregação. Passado menos de meio século da sua construção, em 1615, o edifício mostrava não possuir condições mínimas de higiene e salubridade, dada a deficiente exposição solar recebida decorrente da sua implantação na encosta, tendo sido demolido e reconstruído, assim como a igreja. A segunda intervenção de grande escala no convento realizou-se em 1719, com a construção de um outro dormitório mais amplo, no lugar da antiga enfermaria que ameaçava ruir. Após um longo período conturbado (invasões francesas e revoluções sociais) e o elevado estado de abandono e ruína em que o núcleo conventual se encontrava procedeu-se à sua demolição em 1913, local onde viria a ser construído o edifício do Asilo aproveitando as fundações do antigo convento. Relativamente à capela, em meados do século XX viu a sua fachada barroca (Fig. 26 e 27) ser destruída e alterada sem consideração pela sua memória e o desenho desta, desprovendo-a integralmente da sua identidade característica, encontrando-se hoje muito degradada e apresentando diversas patologias de construção (Fig. 39).²¹

O edifício do Asilo da Fundação Francisco António Meireles foi então inaugurado a 30 de Janeiro de 1916, segundo as disposições testamentárias do benemérito que deu o seu nome à fundação. O edifício destinava-se ao abrigo de pessoas idosas e crianças órfãs de ambos os sexos, proporcionando-lhes abrigo, educação e tratamento de doenças. Esteve em funcionamento por mais de oito décadas, sofrendo várias obras de remodelação e beneficiação. Em 1999, o Asilo foi desativado, aquando da inauguração de um novo edifício da Fundação, a poucas dezenas de metros do primeiro, para onde transitaram as funções de abrigo. Embora o arquiteto não seja do conhecimento público, o edifício do Asilo denota um programa ideologicamente inspirado nos ideais republicanos e higienistas franceses e, do ponto de vista arquitetónico, no ensino das *Beaux Arts* de Paris.



Fig. 26 - Convento de São Francisco e capela em 1865



Fig. 27 - Asilo e capela na primeira metade do séc. XX

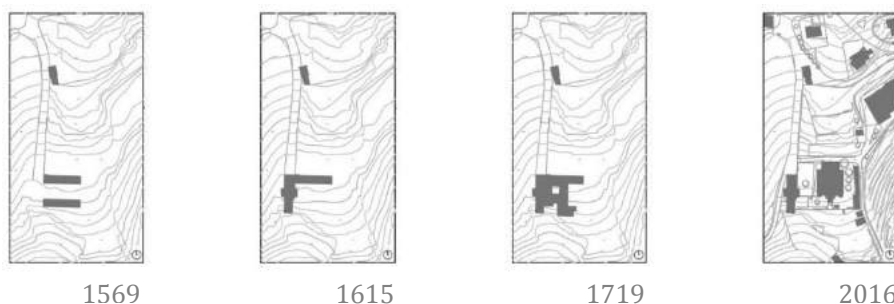


Fig. 28 - Proposta esquemática da evolução do Convento, desde a sua fundação à construção do edifício do Asilo sobre as suas ruínas

²¹ Para mais informações consultar: Cano, A. S. (2015) O Asylo Francisco António Meirelles – Estudo histórico-arquitetónico de um equipamento social da Primeira República (Torre de Moncorvo, Portugal – 1904-1916). Lisboa: FAUL, Dissertação Teórica

4.2 | Levantamento do objeto de estudo

No seguimento da ordem de trabalhos estipulada no protocolo assinado pelas diversas identidades, foi efetuado um levantamento do espaço construído por método de varrimento laser e materializado em desenhos CAD rigorosos (plantas, cortes e alçados) que servirão de base à elaboração da proposta de intervenção em ambos os edifícios. Este levantamento foi levado a cabo pelo grupo de Investigação da Faculdade de Arquitetura – ArchC_3D, coordenado pelos professores Luís Mateus e Victor Ferreira, com a participação da doutoranda Margarida Barbosa.



Alçado Frontal

3D Frente | Cobertura | Piso 0

3D Tardoz | Corte Longitudinal

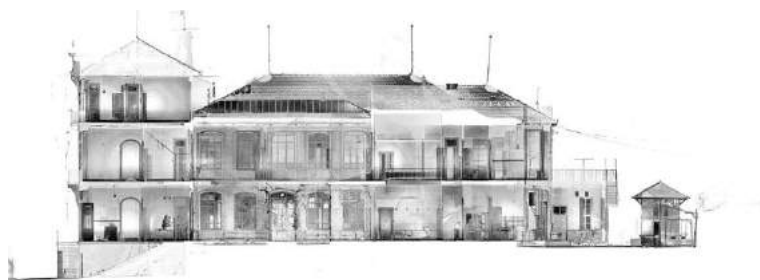
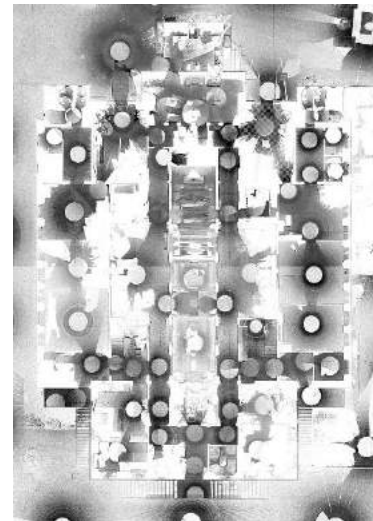
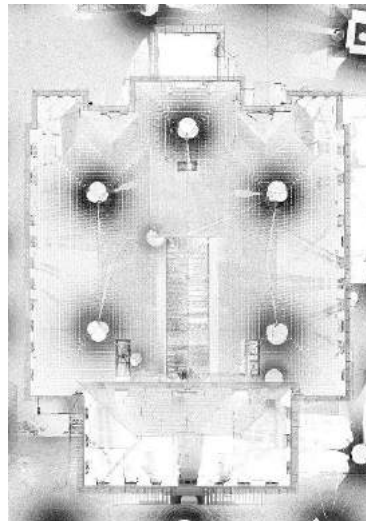


Fig. 29 – Nuvem de pontos resultante do varrimento laser, a partir dos quais são realizados os desenhos CAD

De vital importância para uma análise mais detalhada e compreensão do objeto de estudo a todos os níveis, foi realizado, com o contributo dos alunos da turma de Mestrado Integrado em Arquitetura – especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado, um levantamento extensivo e pormenorizado dos edifícios e da envolvente em toda a área de intervenção. Este levantamento, em conjunto com as informações cedidas pelo grupo de Investigação ArchC_3D, serviu de base para uma aproximação académica ao projeto e exploração de soluções alternativas ao programa inicialmente proposto pelo cliente (Unidade de Turismo Sénior), tendo sido realizado no âmbito das disciplinas de Laboratório de Projeto IV e V, coordenadas pelo professor João Pernão durante o ano letivo de 2014/15. Após a divisão em grupos, cada um ficou encarregue do levantamento rigoroso e compilação de dados dos vários elementos constituintes do edifício, subdivididos por: Exterior e Envolvente | Vãos Exteriores | Paredes e Tetos | Pavimentos e Rodapés | Escadas | Vãos Interiores | Mobiliário Fixo | Ferragens e outros elementos.

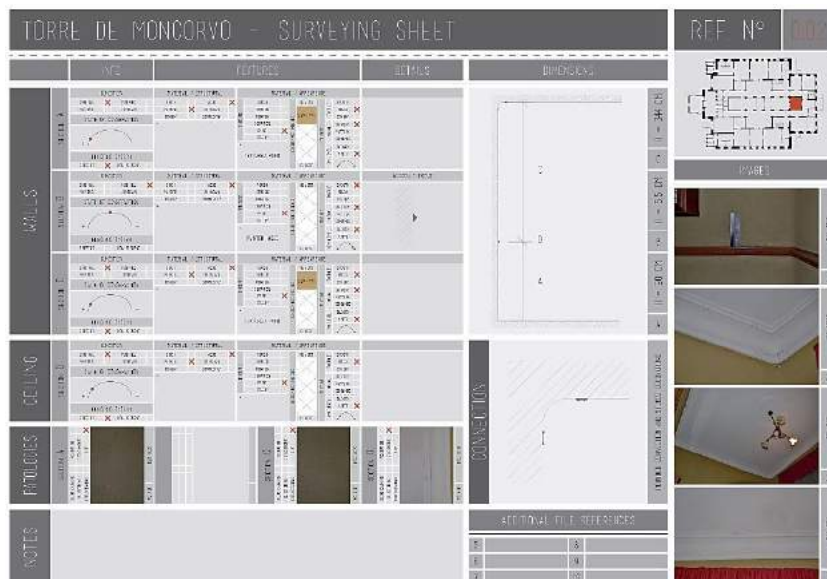


Fig. 30 - Exemplos de fichas de levantamento

4.3 | Análise do objeto de estudo

Para ajudar a contextualizar os conceitos e estratégias adotadas ao longo desta intervenção e as razões pelas quais foi proposta uma redefinição programática de ambos os edifícios, é importante perceber em primeiro lugar os objetos de estudo em causa, tanto a nível formal como funcional e o estado em que estes se encontram atualmente. Tendo as visitas de estudo e os levantamentos realizados *in situ*, numa fase inicial de abordagem ao projeto, sido de extrema importância para a compreensão e obtenção de informação sobre os edifícios e a sua envolvente, foi também possível perceber a importância que estes representam para a população local e o impacto visual que têm sobre a paisagem de Torre de Moncorvo.



Fig. 31- Asilo e capela vistos da Vila

Observando o conjunto de edifícios, percebemos que estes se destacam da sua envolvente, não apenas pela posição cimeira que ocupam em relação ao centro da vila, como pelo desenho e estilo arquitetónico que os caracterizam. Como referido anteriormente, os edifícios encontram-se implantados na base da encosta da Serra do Reboredo, orientados na direção Norte-Noroeste, contemplando o Vale da Vilariça e a Vila de Torre de Moncorvo, dando a sua face posterior à serra e às plantações agrícolas próprias da zona como as videiras, as oliveiras e as amendoeiras. O acesso à área de intervenção é feito por uma



rua de forte pendente onde avistamos primeiro a fachada da capela do Convento de S. Francisco e do lado esquerdo a propriedade onde se encontra edificado o Asilo Francisco António Meireles.

Fig. 32 – Rua de acesso a ambos os edifícios

4.3.1 | Asilo Francisco António Meireles

O edifício do Asilo é constituído por quatro volumes interligados entre si, destacando-se o frontal repartido em 3 pisos e dois laterais constituídos por 2 pisos. Existe ainda um piso de cave semienterrado ao longo do edifício, acessível a partir do alçado frontal sob a escadaria exterior. Em relação ao seu desenho e forma, o resultado é um edifício racional, simétrico e funcional caracterizado pela ornamentação simples, com exceção dos vãos exteriores e gradeamentos que apresentam detalhes mais elaborados, nomeadamente os da fachada principal. Devido à sua implantação num terreno de forte pendente no sentido Norte-Sul, o acesso ao interior do edifício é feito por duas cotas distintas. Deste modo, na fachada principal é possível aceder diretamente ao piso da cave (Piso -1) e ao piso principal (Piso 0) através de duas escadas em granito paralelas à fachada, que formam um pequeno alpendre antes da entrada. Já no alçado tardoz, servindo quase como uma “entrada de serviço” para a zona das antigas cozinhas, zona esta acrescentada posteriormente, é possível aceder através de uma pequena rampa ao piso principal (Piso 0). De referir também as duas escadas metálicas de acesso às galerias exteriores (Piso 0) nas laterais do volume principal, e duas outras entradas nas fachadas laterais de acesso à cave (Piso -1).

O desenho das fachadas é demarcado pelo ritmo constante dos vãos esguios maioritariamente compostos por janelas de duas folhas de abrir encimadas por uma bandeira basculante e acompanhadas de um respiradouro ao nível do pavimento interior. Estes aspetos vão de encontro ao pensamento higienista no qual o edifício foi projetado, garantindo uma boa ventilação e iluminação dos espaços.



Fig. 33 – Aproximação à entrada principal do Asilo Francisco António Meireles



Fig. 34 – Vista aérea da zona de intervenção (Asilo)





-  Acesso Principal
-  Entrada Principal (Piso 0 e -1)
-  Entradas secundárias (Piso 0)
-  Galerias exteriores e cave (Piso 0 e -1)

Fig. 35 – Esquema da circulação horizontal

- Pátio central interior
- Acessos verticais
- Circulação horizontal

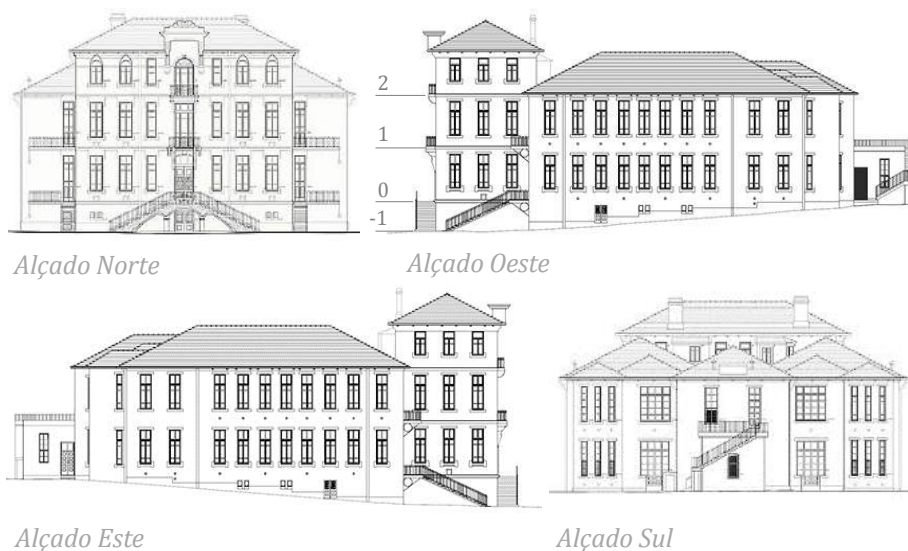
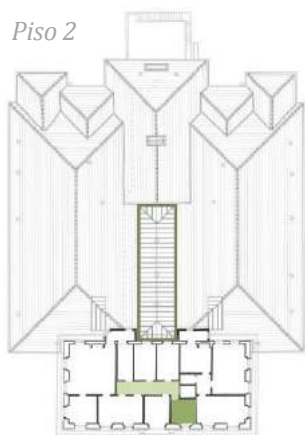
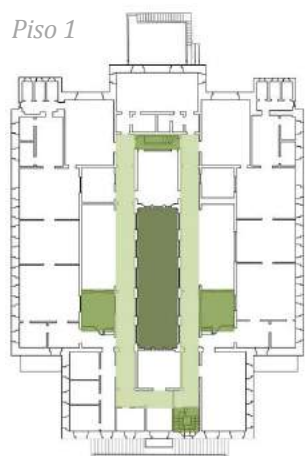
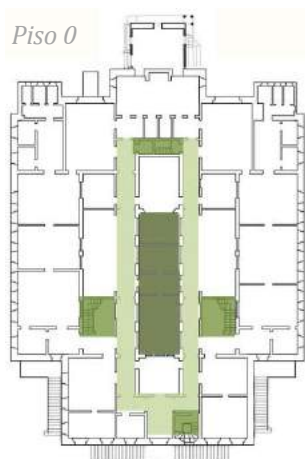


Fig. 36 - Alçados do Asilo (Existente)

O conjunto de volumes que formam o edifício originam um pátio central interior (Fig. 37), sobre o qual se organiza a circulação horizontal e a distribuição dos espaços de acordo com a sua hierarquia (Fig. 35). O pátio é coberto por uma estrutura metálica e vidro, com aberturas nas laterais, trazendo iluminação natural para o interior do edifício e permitindo a ventilação natural cruzada e conseqüente regeneração do ar ao longo de todo o edifício, mais uma vez demonstrando uma forte preocupação com as condições de higiene e salubridade dos espaços. No volume frontal, o acesso aos 4 pisos é assegurado por uma escada de serviço em espiral situada à direita da entrada. Todos os volumes são interligados pelos 2 corredores principais que circundam o pátio, passando pelos compartimentos que contêm as escadas públicas principais que fazem a transição entre o piso 0 e 1, em cada uma das laterais do edifício. Existe ainda uma escada de serviço nas traseiras do edifício, que liga a cave e os 2 pisos principais.

Destinando-se o Asilo ao abrigo de pessoas idosas e crianças órfãs de ambos os sexos, o edifício divide-se em 3 partes e em géneros e idades. A cave, devido ao seu pé-direito inferior, é destinada ao armazenamento de produtos agrícolas e arrumação. Nos pisos 0 e 1 – encontram-se as zonas administrativas, na frente do edifício; os dormitórios e zonas de estar, na parte central; e a zona de serviços e instalações sanitárias, nas traseiras. O piso 2 é destinado a albergar os funcionários administrativos e vigilantes.



Fig. 37 – Pátio central interior

O resultado é um edifício eclético, pontuado por elementos *Art Nouveau* que exprimem uma intenção estética superior ao que a sua execução efetivamente deixa transparecer. Quer seja pela sua configuração funcional e racional quer pelo relativamente bom estado de conservação em que este se encontra (trata-se de um edifício com exatamente 100 anos desde a sua inauguração), podemos concluir que o edifício do Asilo apresenta vários aspetos que o tornam passível de uma reabilitação bem-sucedida. Pela racionalidade da sua planta é possível adaptar os espaços a uma nova redefinição programática sem alterar irreversivelmente a identidade destes, devolvendo-os de volta ao serviço da comunidade e de acordo com as exigências contemporâneas.

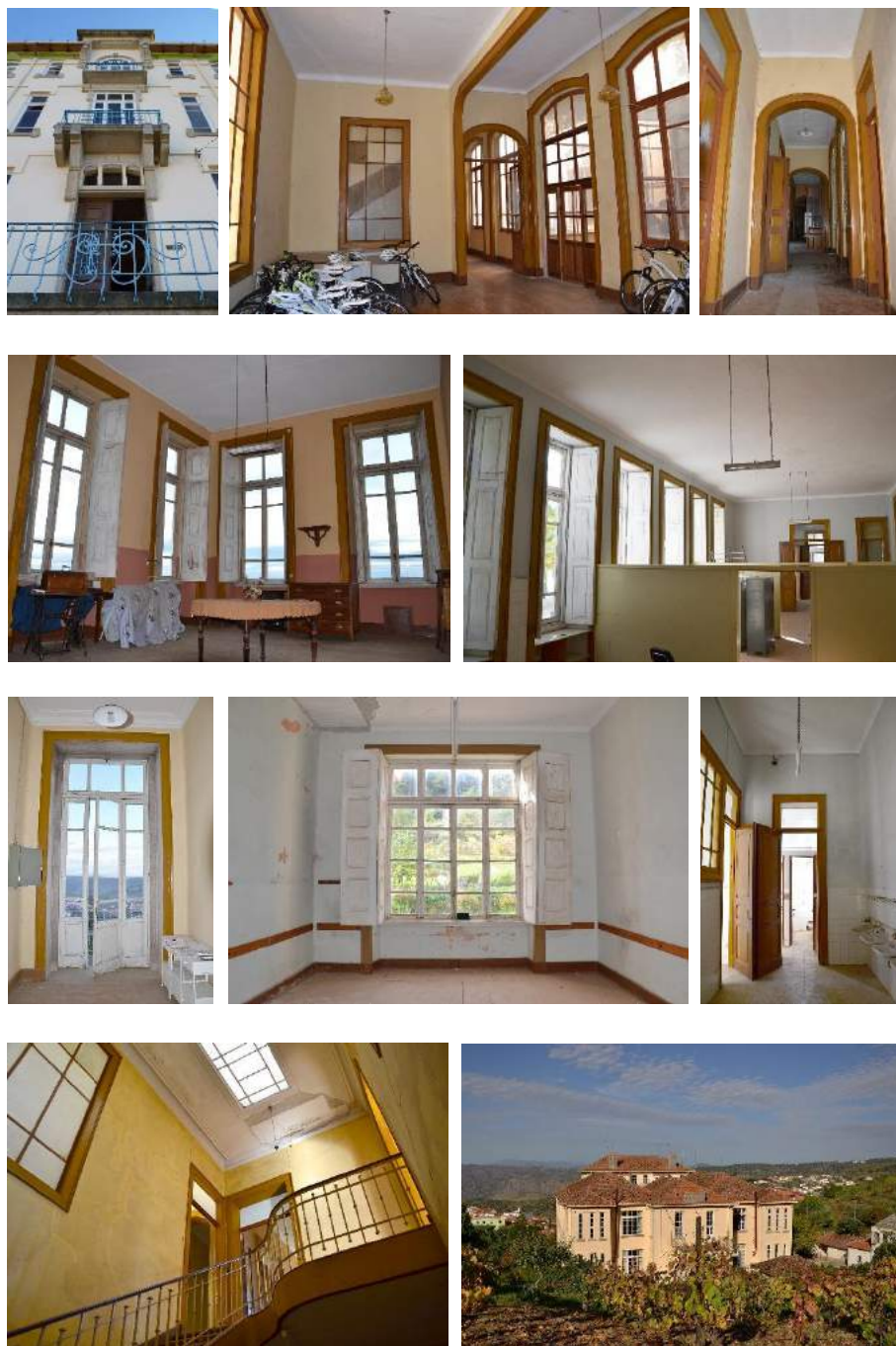


Fig. 38 – Imagens do estado de conservação no interior do Asilo

4.3.2 | Capela do Convento de São Francisco

A capela é um dos poucos vestígios que podemos ainda encontrar do antigo convento franciscano que se instalou na vila de Torre de Moncorvo em meados do século XVI. Embora significativamente alterada e descaracterizada ao nível da fachada principal, em termos formais manteve-se intacta. Arquitetonicamente é constituída por uma nave principal com duas capelas laterais e 3 pequenos confessionários de cada lado, e uma capela-mor a eixo da nave principal. O seu interior e os vãos exteriores sofreram inúmeras alterações ao longo dos anos, bem como os diversos anexos que foram sendo acoplados no exterior da capela, não servindo esta hoje os propósitos religiosos para os quais tinha sido edificada.

Na rua principal de acesso à área de intervenção, avistamos em primeiro plano a fachada da capela, de ornamentação simples com revestimento em pedra nos cunhais, constituída por dois vãos exteriores e coberta por um telhado de 3 águas. Resultado este do dismantelamento da bela fachada barroca, com uma ampla porta em arco abatido (dos quais ainda se notam vestígios deste no interior) encimada por três janelas e um enorme óculo central (Fig. 26). Fazendo parte do conjunto edificado, era possível passar diretamente do edifício do Convento para a capela, e existia ainda uma torre sineira com uma escadaria no interior que dava acesso ao coro-alto, que se encontrava por cima da porta principal de entrada, olhando o altar-mor. A transição entre a nave principal e a capela-mor era feita através de um grande arco em pedra ladeado por dois nichos contendo símbolos e estatuaria religiosa.



Fig. 39 – Capela do Convento de São Francisco (Atualidade)



Entrada Principal (Piso 0) ▲
Entrada secundária (Piso 0) ▲

Fig. 40 – Vista aérea da zona de intervenção (Capela)

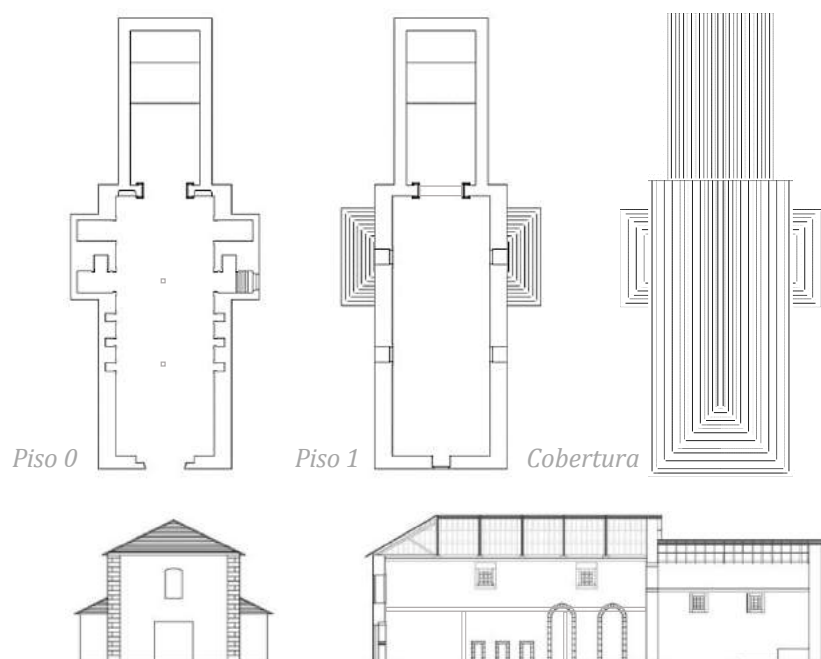


Fig. 41 - Plantas da Capela, Alçado Frontal e Corte Longitudinal (Existente)

Atualmente a capela é utilizada como armazenamento e garagem/oficina dos serviços públicos da Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, tendo o seu interior sido modificado sem consideração pela memória e preservação do espaço. Foi adicionada uma laje em estrutura de madeira suportada por colunas de betão, por forma a criar um piso adicional, tendo o arco de transição sido parcialmente preenchido com alvenaria e a cobertura refeita em estrutura de madeira e telha marselha.

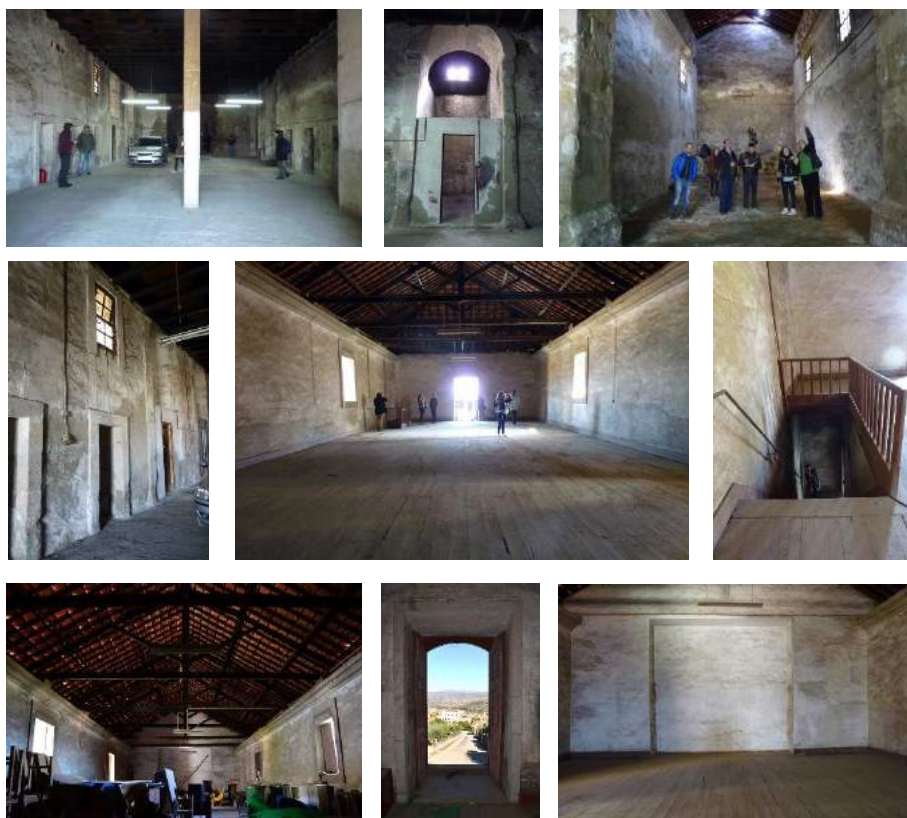


Fig. 42 - Imagens do estado de conservação no interior da Capela

4.4 | Programa



Fig. 43 - Conjunto de armazéns onde é proposta a criação da nova Adega

Dentro dos objetivos previstos na realização deste protocolo, constava a realização de uma aproximação académica ao projeto pelos alunos da FAUL no âmbito das disciplinas de Laboratório de Projeto IV e V, durante o ano letivo de 2014/2015. Iniciaram a abordagem através de uma apreciação crítica ao programa proposto pelos proprietários de ambos os edifícios, que pretendiam a realização de uma Unidade de Turismo Sénior como forma de rentabilizar o investimento e readmitir estes edifícios icónicos ao serviço da comunidade de Torre de Moncorvo.

Foram apresentados pelos alunos diversos tipos de programa relacionados com Lazer e Desporto e outros de carácter Cultural, Educacional e Laboral, programas estes que poderiam igualmente rentabilizar e valorizar tanto os edifícios intervencionados como potenciar a atração de pessoas e empreendimentos externos. Concluído o ano letivo, e após análise das diversas propostas pelas entidades envolvidas, ficou acordada a redefinição programática de ambos os edifícios e a consequente reformulação do Asilo em Enotel, a capela num Spa e a adição de um novo edifício de Adega, ficando a cargo de um grupo de 5 alunos, integrados em Projeto Final de Mestrado, formalizar uma proposta com o objetivo da sua implementação em obra no futuro.

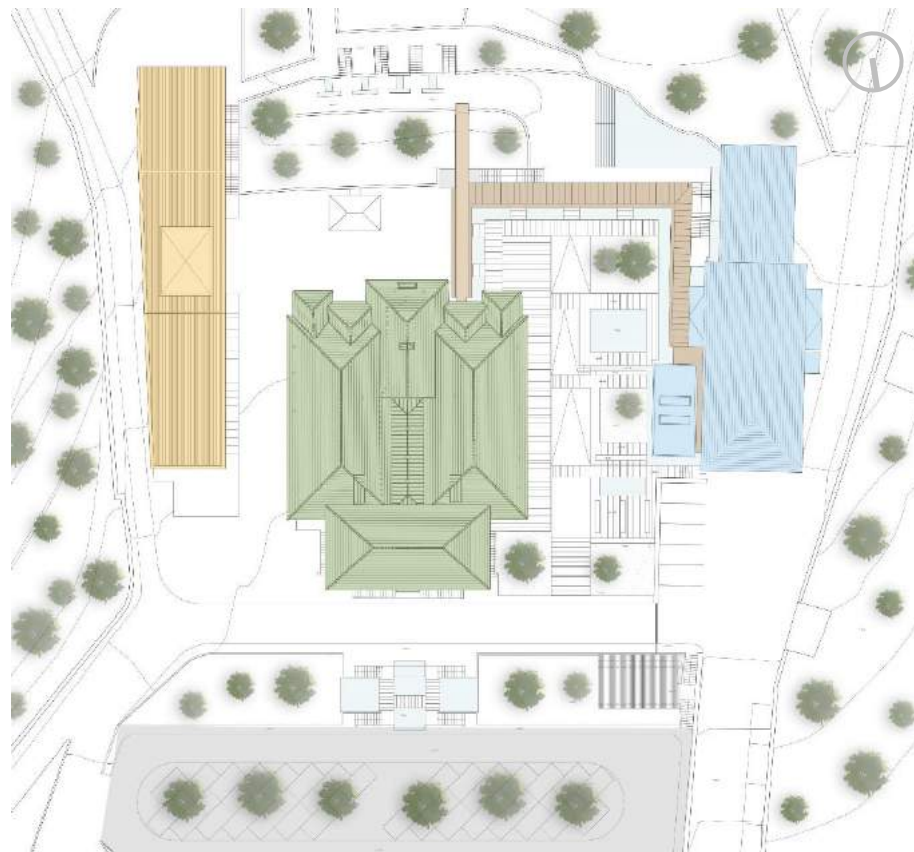


Fig. 44 - Distribuição geral do novo programa

Enotel	■
Spa	■
Adega	■
Passadiço exterior	■
Estacionamento	■

Estes trabalhos foram alvo de leitura e síntese, já dentro do PFM com a finalidade de produzir um programa final, também de acordo com as intenções das instituições envolvidas. Embora iniciado em grupo, cada elemento contribuiu para esta proposta através da investigação e resolução de problemáticas específicas relacionadas com o tema por cada um escolhido, o que no geral irá contribuir para um projeto mais informado e detalhado, tanto ao nível do conteúdo programático como nas várias especialidades que implicam um projeto de arquitetura.

Após deliberação entre os elementos do grupo e segundo as características próprias de cada edifício e dos seus espaços, ficou definida a aplicação do novo programa de Enotel ao antigo Asilo Francisco António Meireles (Fig.45, nr. 1) e a adição de uma plataforma exterior na fachada Oeste (Fig.45, nr.5), beneficiando da proximidade do jardim e servindo de esplanada para a zona do restaurante; o programa de Spa com terapias à base de produtos vinícolas, piscina, sauna e salas de massagens à capela do Convento de São Francisco (Fig.45, nr.2) e a adição de um novo elemento contendo os balneários; a construção de uma nova Adega (Fig.45, nr.3) no sítio do conjunto de armazéns existentes a Este do edifício do Asilo (Fig.43), com vista à produção e venda dos produtos vinícolas cultivados na propriedade; a construção de um passadiço exterior (Fig.45, nr.4) que permita a ligação direta entre o interior do Enotel (Asilo) e o Spa (Capela), proporcionando um maior conforto e funcionalidade para os utilizadores de ambos os espaços; e por fim a realização de arranjos exteriores (Fig.45, nr.6) permitindo a criação de novos espaços de lazer e atividades ao ar livre mantendo o elemento água como linha unificadora de todos os espaços, uma piscina exterior e um novo parque de estacionamento que sirva ambos os edifícios (Fig.45, nr.7). Visto os edifícios pertencerem a duas identidades distintas, foi tida em consideração que a utilização e funcionamento dos mesmos pudesse ser feita em conjunto ou explorada independentemente.

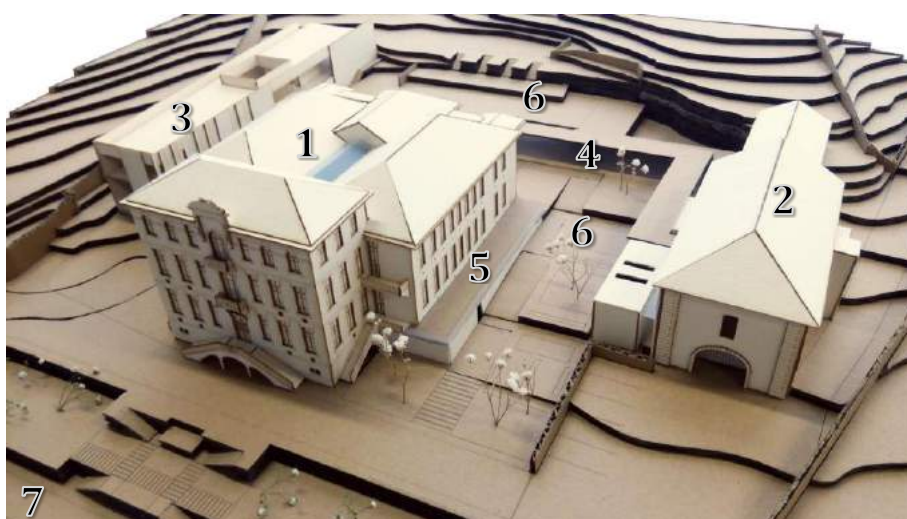


Fig. 45 - Maqueta de estudo da proposta, numerada segundo o programa e as novas intervenções propostas

As fachadas originais dos edifícios do antigo Asilo e Capela, devido ao bom estado de conservação em que se encontram, serão preservadas à exceção da nova adição da zona das cozinhas na fachada Sul do Asilo, cuja linguagem não se adequa ao restante conjunto edificado. As novas adições propostas serão realizadas segundo os princípios da reversibilidade, utilizando materiais e estruturas ligeiras não-intrusivas, embora numa linguagem contemporânea, mas em relação direta com o existente. A adaptação do novo programa do Enotel ao edifício do antigo Asilo será feita da seguinte forma:

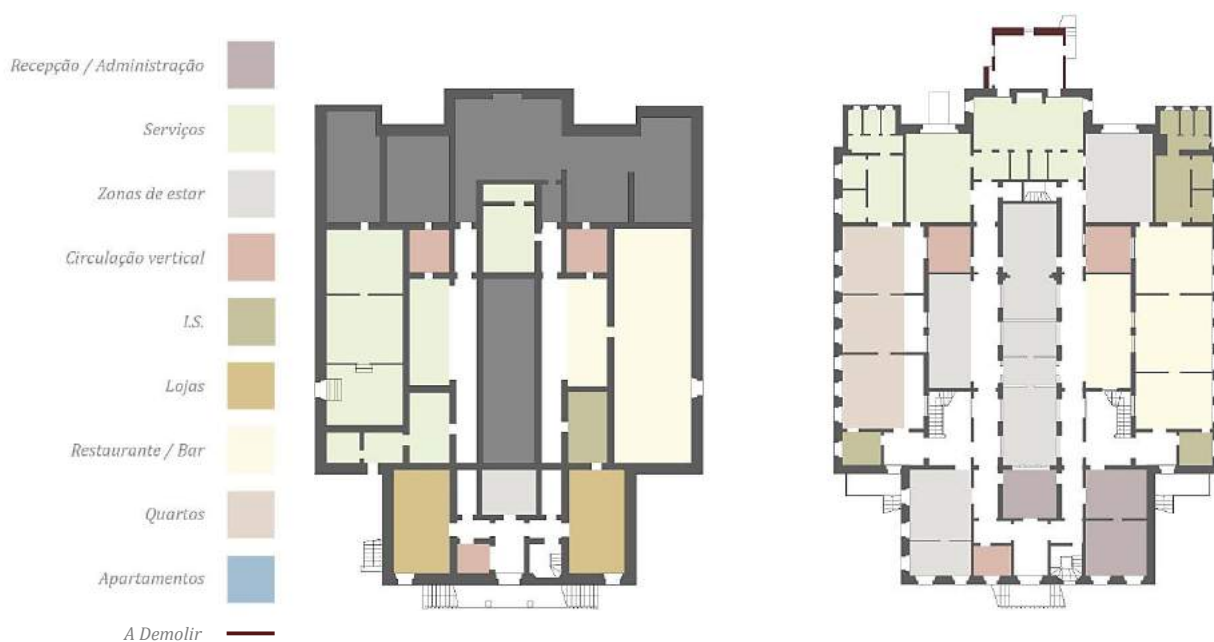


Fig. 46 – Distribuição do novo programa no Asilo (Plantas originais do Piso -1 e 0 respetivamente)

O piso da cave (Piso -1) continuará a funcionar como zona de arrumos e armazém do restaurante, espaço dos funcionários e irá albergar duas novas lojas de venda de produtos regionais e uma zona de degustação e armazenamento de vinhos. Sendo acessível diretamente a partir da cota da rua de acesso, a adição de uma plataforma elevatória servirá os 4 pisos do volume frontal, permitindo o acesso das pessoas de mobilidade condicionada à totalidade do edifício, bem como a entrada direta da bagagem dos utilizadores do Enotel. O piso principal (Piso 0) será destinado a albergar os serviços ao público em geral, como a zona administrativa e de receção, pátio-jardim, restaurante, bar, zonas de confeção e instalações sanitárias públicas, bem como uma zona de quartos devidamente resguardada e de tipologia mais inclusiva e adaptada a utilizadores de mobilidade condicionada. (Fig. 46)

Em relação aos pisos 1 e 2, de carácter mais privativo, serão propostas diversas tipologias de quartos, por forma a agradar a um público alvo mais amplo e combater a sazonalidade, procurando uma ocupação mais diversificada. Prevê-se a construção de 28 quartos com capacidade total para 70 hóspedes, distribuídos em quartos com diferentes tipos de privacidade e conforto - camaratas conjuntas, quartos duplos em Duplex, quartos duplos simples, quartos adaptados e 2 apartamentos privativos familiares no piso 2. (Fig.47)

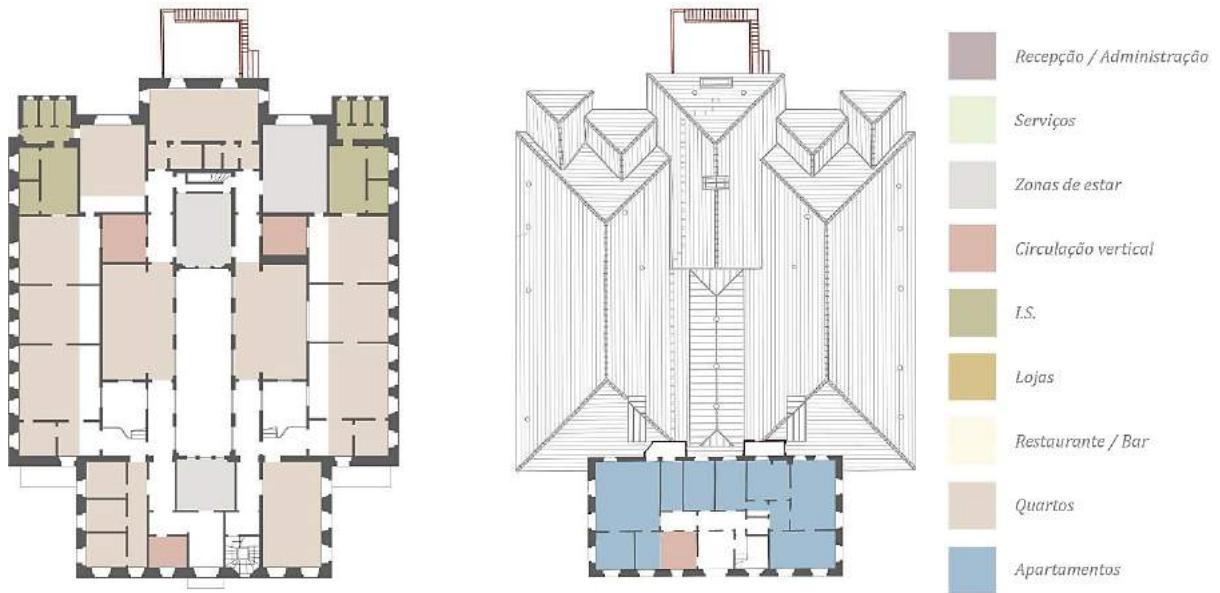


Fig. 47 – Distribuição do novo programa no Asilo (Plantas originais do Piso 1 e 2 respetivamente)

A adaptação do novo programa de Spa ao edifício da capela será feita da seguinte forma:

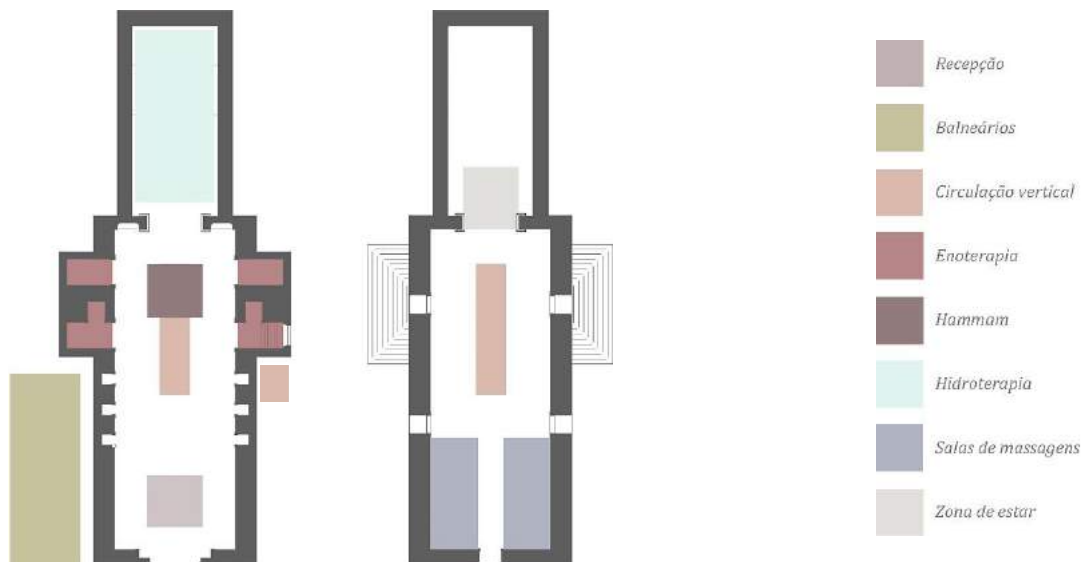


Fig. 48 – Distribuição do novo programa na capela (Plantas originais do Piso 0 e 1 respetivamente)

Na localização dos antigos armazéns, será construído o edifício da nova Adega, para armazenamento e produção de produtos vinícolas.

4.5 | Descrição do Projeto

O tema por mim escolhido foi a reversibilidade e o estudo das pré-existências e a minha proposta de intervenção será desenvolvida maioritariamente nos edifícios do Asilo e da Capela, pois são estes que apresentam uma maior qualidade formal e espacial e uma maior preocupação na preservação e valorização da identidade dos mesmos. Esta valorização será efetuada segundo um estudo criterioso da qualidade das pré-existências numa tentativa de um diálogo consistente entre o novo e o antigo através de intervenções pontuais não-intrusivas ou com o mínimo de dano tanto a nível estético como estrutural, garantindo assim a sua preservação para eventuais intervenções posteriores.

A descrição do meu projeto será então aprofundada e detalhada no decorrer deste capítulo debruçando-se sobre os pontos que considero fulcrais para a realização de uma intervenção reversível apoiada na valorização da construção existente. As restantes propostas que complementam o projeto constarão nos trabalhos de PFM dos restantes membros do grupo constituinte do protocolo: Dina Bag, Madalena Furtado, Mariana Franco e Miguel Rosa.

Os quatro pontos principais nos quais foram baseadas as escolhas que definem esta proposta são:

- Salvar a identidade através da reversibilidade
- Regenerar os espaços através de intervenções pontuais
- Rede de Infraestruturas
- Uso de materiais sustentáveis e reversíveis

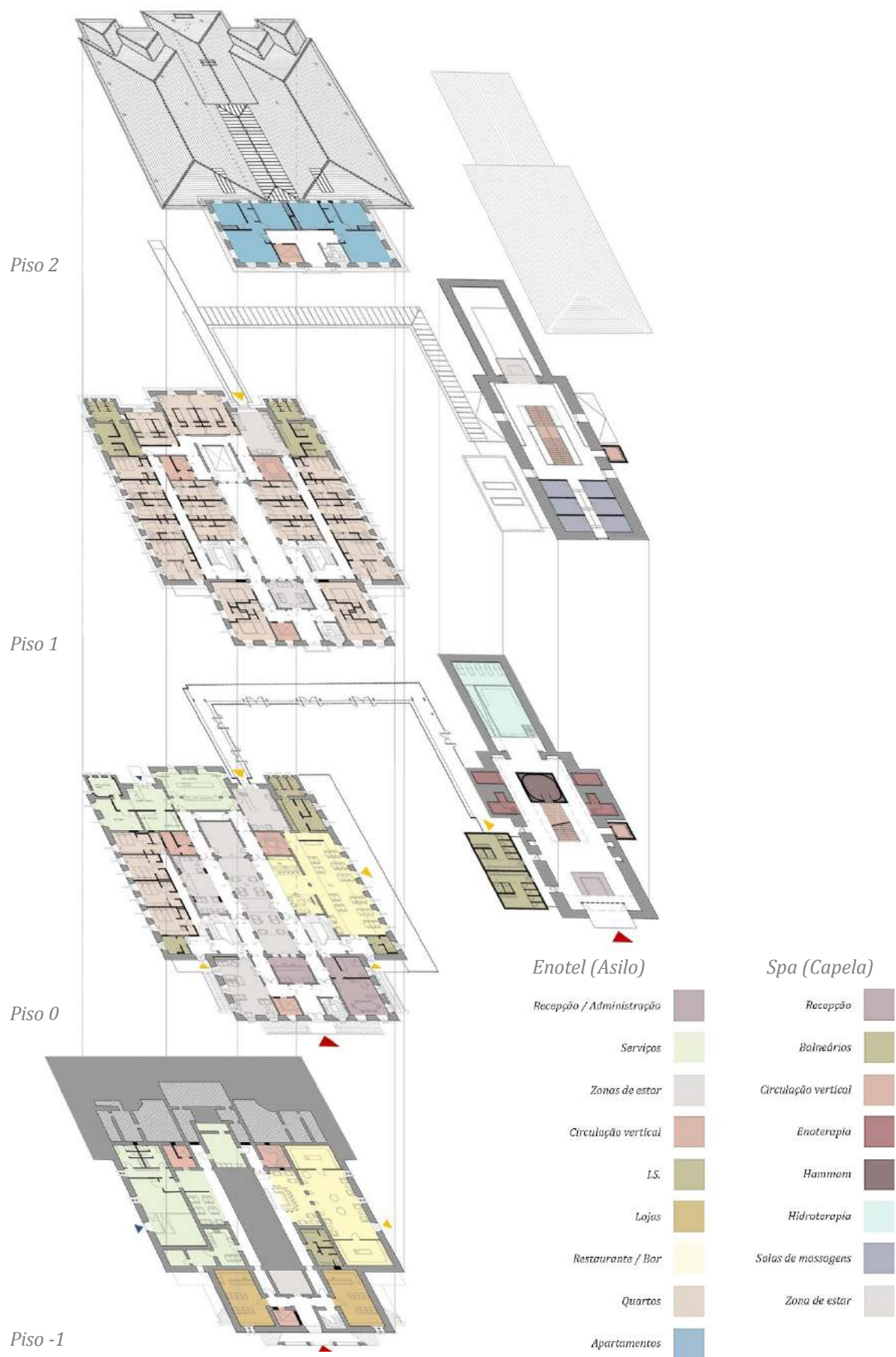


Fig. 49 - Axonometria do novo conteúdo programático

4.5.1 | Salvar a identidade através da reversibilidade

Uma vez que o projeto de reabilitação proposto para os edifícios do Asilo e da Capela propõe um novo uso e redefinição programática dos espaços, e por forma a adequarem-se às muitas exigências que o programa de Enotel e Spa aportam, sempre que necessário e após ponderação das qualidades espaciais e estruturais dos espaços, poderá recorrer-se à integração de novos elementos ou eventuais demolições que visem responder às necessidades da nova função. É sobre estas duas formas de intervir que enunciámos anteriormente que nos interessa agora refletir.

É prática corrente hoje em dia – como descrito no Capítulo 2.1 do presente PFM – que a projeção de elementos novos se distingam da construção existente, tanto na forma como na materialidade. Embora relacionados diretamente, ao utilizador deve ser possível distinguir as diferentes intervenções, quer seja através de uma reinterpretação contemporânea das pré-existências, quer seja por um contraste assumido entre as diferentes épocas de construção, dependendo da opção tomada na abordagem ao projeto. São geralmente utilizados materiais e técnicas contemporâneas (aço, vidro, gesso cartonado, betão...) em contrapostos com materiais mais tradicionais (madeira, pedra, cerâmicos...) que poderão contrastar ou consonar harmoniosamente.

No entanto, consideramos importante que se assumam, tanto quanto possível, uma postura de reversibilidade nas soluções aplicadas aquando de um projeto de reabilitação. Quer seja devido ao tempo de vida útil de um edifício e à constante transformação da sociedade, quer seja, pela passagem do tempo e degradação dos materiais ou desadequação do uso destes edifícios num determinado momento da história - tal como podemos verificar no caso dos dois edifícios retratados.

As soluções adotadas na formalização desta proposta consistem na utilização de estruturas leves e/ou modulares que funcionem independentemente da estrutura existente dos edifícios, associadas a materiais como o aço, o gesso cartonado e compósitos de madeira que permitam a criação de estruturas com sistemas de montagem, facilmente montáveis e desmontáveis, sem descaracterizar a leitura do espaço e das suas pré-existências. Garantindo que as técnicas contemporâneas da intervenção não alteram física ou quimicamente os materiais da pré-existência, conseguindo simultaneamente a valorização e preservação destas para as gerações futuras.

Em relação ao piso -1, o edifício não sofre alterações de grande relevância no que diz respeito a alterações de caráter reversível, procedendo-se apenas ao encerramento e abertura de alguns vãos interiores por forma a melhorar a circulação e a diferenciação de usos. Continuando a funcionar maioritariamente como zona de arrumos e armazéns, os espaços são reapropriados e criadas algumas novas compartimentações.

Aproveitando o acesso direto a partir da cota da rua, é proposta a criação de uma plataforma elevatória com estrutura integrada (exemplo Fig.50), no interior do compartimento à esquerda da entrada, que funcione quase como se o próprio piso do compartimento levitasse ao longo dos 4 pisos, permitindo observar pontualmente o exterior através das janelas existentes no alçado frontal do edifício. Serão também propostas a criação de uma escada em estrutura metálica e um elevador de serviço. Intervenções estas de caráter mais permanente.

Em relação aos pisos 0 e 1, as zonas dos quartos apresentam uma maior preocupação ao nível da reversibilidade da intervenção, devido à grande dimensão dos compartimentos onde estão inseridas. Com vista a preservar esta característica, e garantindo que as futuras intervenções não sejam condicionadas pela nova compartimentação do espaço, as tipologias dos quartos serão realizadas em estruturas metálicas leves e autoportantes revestidas de gesso cartonado e placas de Valchromat, e o contacto com a pré-existência será feito através de sistemas de junta seca, sendo que a nova rede de infraestruturas estará embutida dentro da nova construção. Permitindo assim salvaguardar a identidade destes espaços, criando ao mesmo tempo um diálogo entre novo e antigo, através do contraste de materiais e sistemas construtivos.



Fig. 50 - Daylit Gallery V&A Museum, London - McInnes Usher McKnight Architects

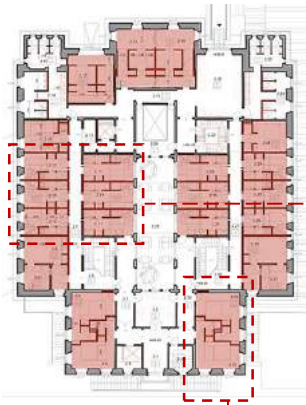


Quartos duplos



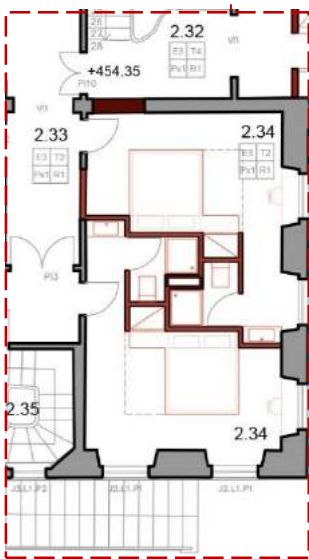
Quartos duplos em Duplex

Fig. 51 - Compartimentos existentes (Piso 1) onde serão construídas as novas tipologias de quartos



Enotel - Piso 1

Tomamos como exemplo as tipologias ilustradas nas Fig.52, onde foi utilizada uma escala de vermelhos para retratar os níveis de reversibilidade da intervenção, sendo que: o mais claro equivale às soluções mais reversíveis, tais como os móveis desenhados à medida e mobiliário próprio dos quartos; uma segunda cor menos clara equivalente ao mobiliário fixo e louças sanitárias; uma terceira equivalente à estrutura das paredes e compartimentações; e por fim uma quarta mais escura, que retrata as intervenções menos reversíveis ou que modifiquem as pré-existências ou estrutura existente, tais como as courettes, eventuais demolições e/ou construções com materiais tradicionais utilizando argamassas, e outras intervenções de caráter mais permanente que visem melhorar globalmente o funcionamento do edifício.



Quartos duplos



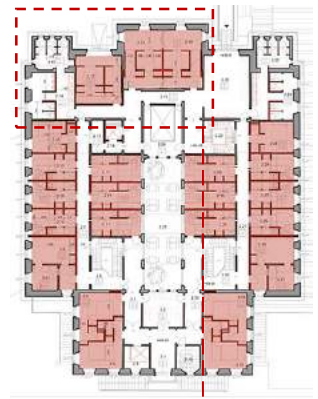
Quartos duplos em Duplex



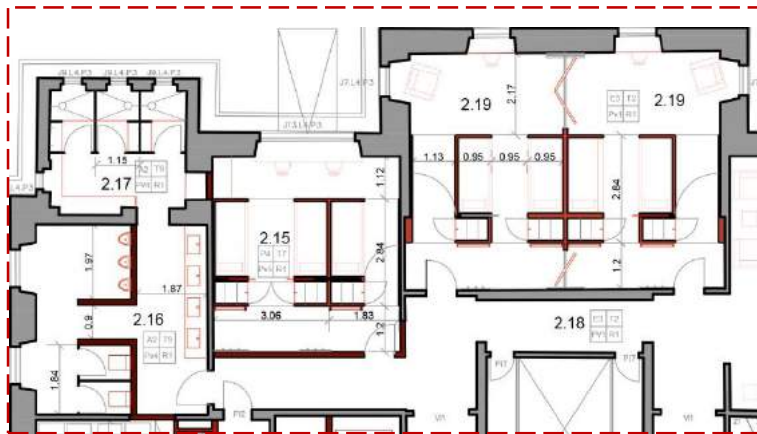
Corte Quartos Duplex

Fig. 52 – Exemplos de tipologias de quartos menos reversíveis – Escala de Reversibilidade

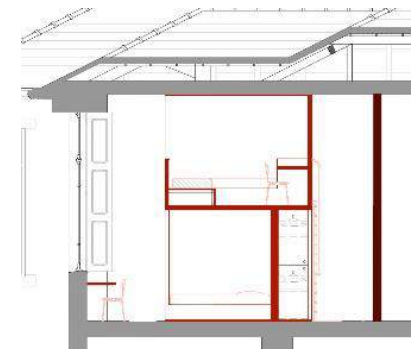
A tipologia das camaratas (Fig.53) é a mais reversível. Tendo em conta a premissa de uma ocupação diversificada do programa de Enotel e o combate à sazonalidade, foram propostas várias tipologias de quartos com diferentes tipos de conforto e privacidade, sendo as camaratas a tipologia mais económica e destinada ao público mais jovem. Construídas numa estrutura de aço galvanizado em perfis tubulares de secção quadrada, e revestida a painéis de Valchromat de tonalidades variadas. Funcionando independentemente da estrutura existente, esta construção modular insere-se na parte central do compartimento, dividindo o espaço em zonas privadas e públicas, gerando habitáculos individuais e/ou coletivos, que podem ser encerrados por portas de correr, de 4, 6 ou 8 ocupantes. Cada habitáculo é composto por uma cama e um armário/cacifo individual para cada utilizador. Devido ao pé-direito elevado dos compartimentos do Asilo, as camaratas organizam-se em 2 níveis, sendo acedidos através de uma escada metálica. Os habitáculos superiores contêm uma secretária de trabalho que olha a zona pública, funcionando como mezzanine.



Enotel - Piso 1



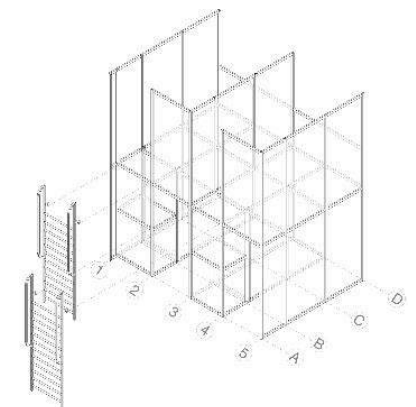
Camaratas (Piso 0)



Corte Camaratas



Camaratas (Piso 1)

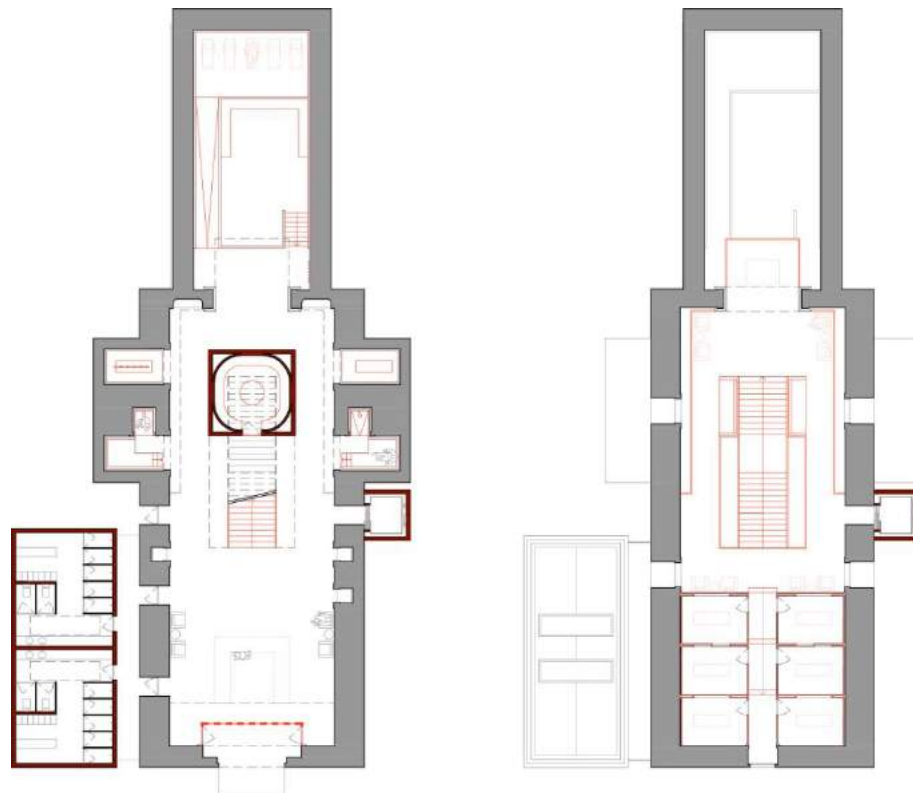


Estrutura Metálica

Fig. 53 - Exemplo de tipologia de quartos mais reversível - Escala de Reversibilidade

O edifício da Capela do Convento de São Francisco encontra-se completamente descaracterizado, tendo o seu interior sido modificado inúmeras vezes sem consideração pela preservação do espaço. Posto isto, é proposta a demolição integral das várias intervenções existentes, mantendo o volume exterior do edifício intacto. Antigamente a fachada principal apresentava um arco abatido de pedra sobre a porta de entrada, do qual ainda hoje se encontram vestígios, pelo que este será recuperado por forma a devolver alguma qualidade estética ao alçado frontal existente.

O novo programa de Spa implica a criação de novos espaços e zonas húmidas como os tanques de enoterapia situados nas capelas laterais e o tanque de hidroterapia situado na capela-mor, realizados no piso 0, estes serão devidamente impermeabilizados e enterrados ao nível do pavimento. O edifício irá funcionar como um grande open space distribuindo-se à volta da escadaria central, pelo que os novos compartimentos de balneários e do elevador serão acoplados ao exterior do edifício.



Spa - Piso 0

Spa - Piso 1

Fig. 54 – Intervenções propostas no edifício da Capela – Escala de Reversibilidade

Seguindo a temática da reversibilidade, pretende-se a criação de módulos independentes como a zona da receção, a grande escadaria central sobre o hamam, e as salas de massagens, funcionando como organizadores do espaço e servindo como um filtro visual sem criar compartimentações rígidas e permanentes, utilizando sistemas semelhantes aos propostos para a construção das camaratas no edifício do Asilo. A nave principal será constituída por 2 pisos, debruçando-se sobre o tanque principal da capela-mor, construídos em laje metálica aligeirada revestida de uma betonilha afagada. Estes sistemas permitem criar uma solução económica e reversível sem deixar grandes vestígios, respeitando ao mesmo tempo as pré-existências e a sua preservação para intervenções futuras. (Fig.56)

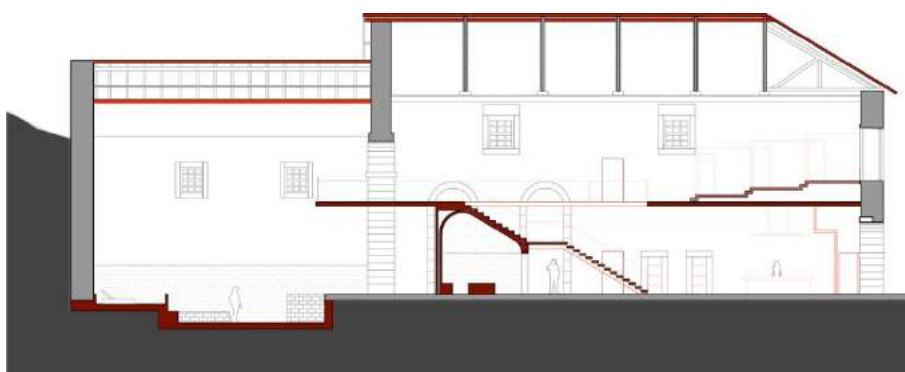


Fig. 55 - Intervenções propostas no edifício da Capela (Corte) – Escala de Reversibilidade

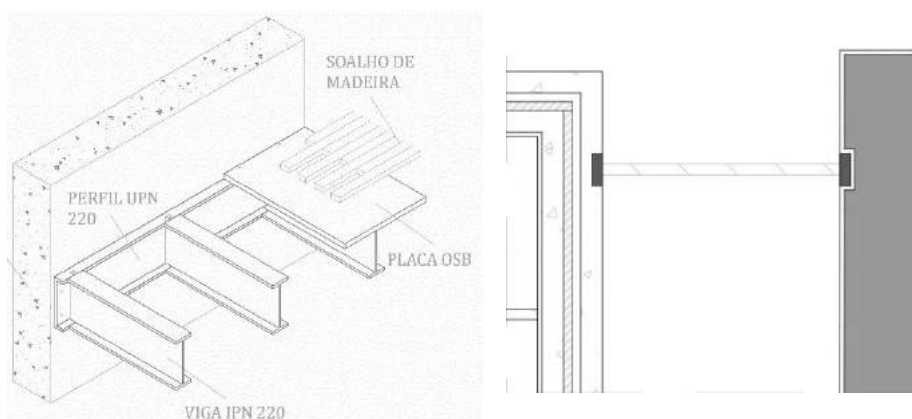


Fig. 56 – Pormenores de ligação entre construção existente e novas intervenções

4.5.2 | Regenerar os espaços através de intervenções pontuais

Quando se realiza um projeto de reabilitação em que o programa proposto é diferente do existente, muitas vezes existem incompatibilidades em termos de áreas ou os espaços não estão preparados para receber determinado tipo de funções, pelo que é necessário adaptar estes espaços à nova função pretendida, quer seja pela adição de novas compartimentações e/ou demolições; através de um reforço da estrutura existente para suporte das novas adições; ou em caso de necessidade a construção de um novo edifício projetado de raiz para receber o novo programa. São estas intervenções pontuais que devem ser ponderadas e calculadas antes de realizada qualquer alteração no edifício ou espaço existente, tentando perceber a capacidade de este suportar essas mesmas alterações, e sempre com o intuito de serem realizadas para solucionar um problema identificado anteriormente, e não apenas porque algo ficaria melhor alguns centímetros mais ao lado.



Fig. 57 – Jardim exterior e Capela

Começando do geral para o particular, uma das intervenções propostas neste sentido foi a reformulação do jardim exterior entre o edifício do Asilo e da Capela e a criação de novas áreas de lazer com piscina exterior e um estacionamento. Num género de reinterpretação do antigo claustro do Convento de São Francisco, foram criadas várias plataformas e percursos conectados por canais de água, que vencem a pendente do terreno criando uma zona de lazer comum para usufruto dos utentes do Enotel e do Spa. Tirando partido do jardim, e estando situada no volume Oeste a zona de restaurante, é proposta uma extensão da mesma através da construção de uma esplanada exterior em estrutura metálica reversível coberta de painéis Viroc, respeitando a linguagem do edifício ao qual esta agregada.

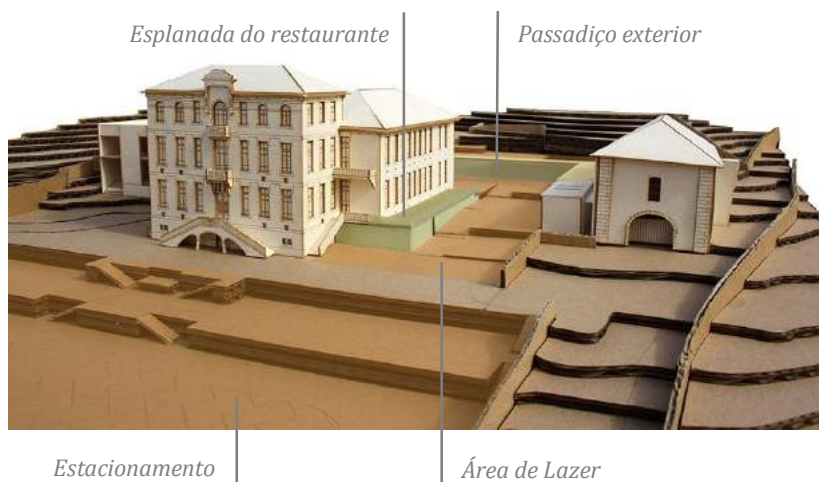


Fig. 58 – Intervenções pontuais nos espaços exteriores

Seguindo a mesma linguagem formal da esplanada, é proposta a criação de um passadiço exterior em estrutura metálica, revestido com vidro e coberto com chapa de zinco. Permitindo assim uma ligação direta entre o Enotel e Spa, visto que os dois programas são complementares o passadiço foi proposto com o intuito de proporcionar um maior conforto e funcionalidade aos utentes, que podem entrar diretamente na zona de Spa por uma porta lateral aberta num dos confessionários existentes da Capela.

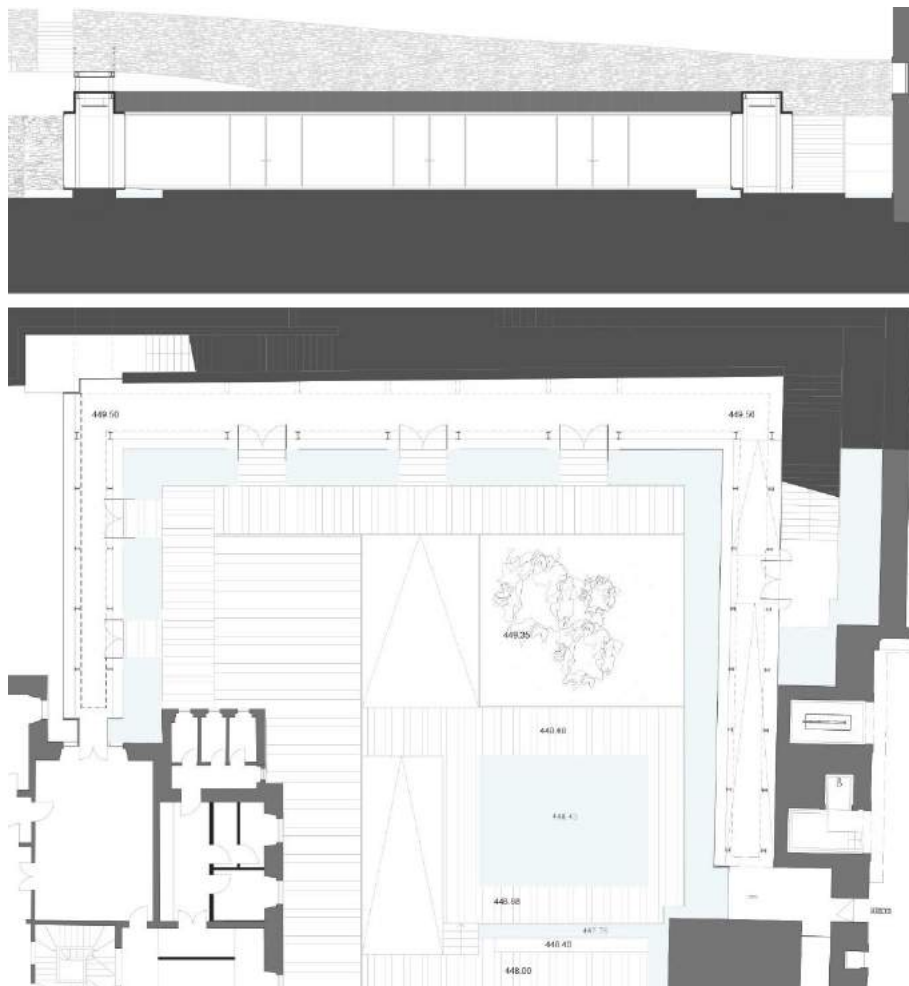


Fig. 59 – Planta e Corte Longitudinal do passadiço exterior



Fig. 60 – Modelação tridimensional do passadiço exterior

Devido à sua localização, o edifício do Spa é o primeiro a ser avistado da rua de acesso à área de intervenção, pelo que o tratamento do seu alçado implicou especial atenção. Foi proposta a recuperação do antigo arco de pedra existente na fachada barroca e criado um jogo de volumes com as novas adições.

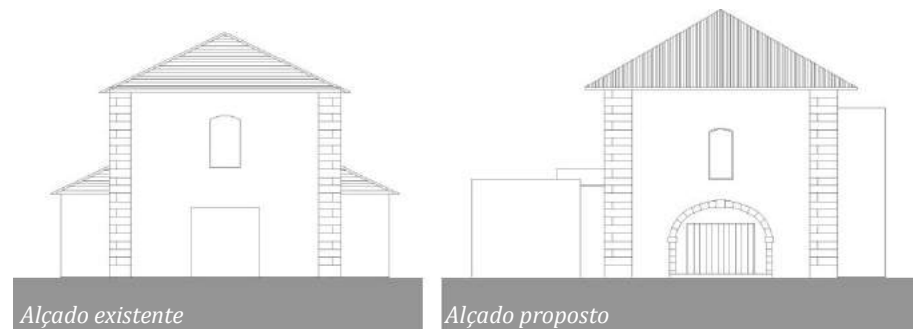


Fig. 61 – Alterações efetuadas no alçado frontal da Capela

Quanto ao edifício do Enotel a principal alteração foi a criação de uma nova circulação periférica, por forma a aceder mais eficientemente

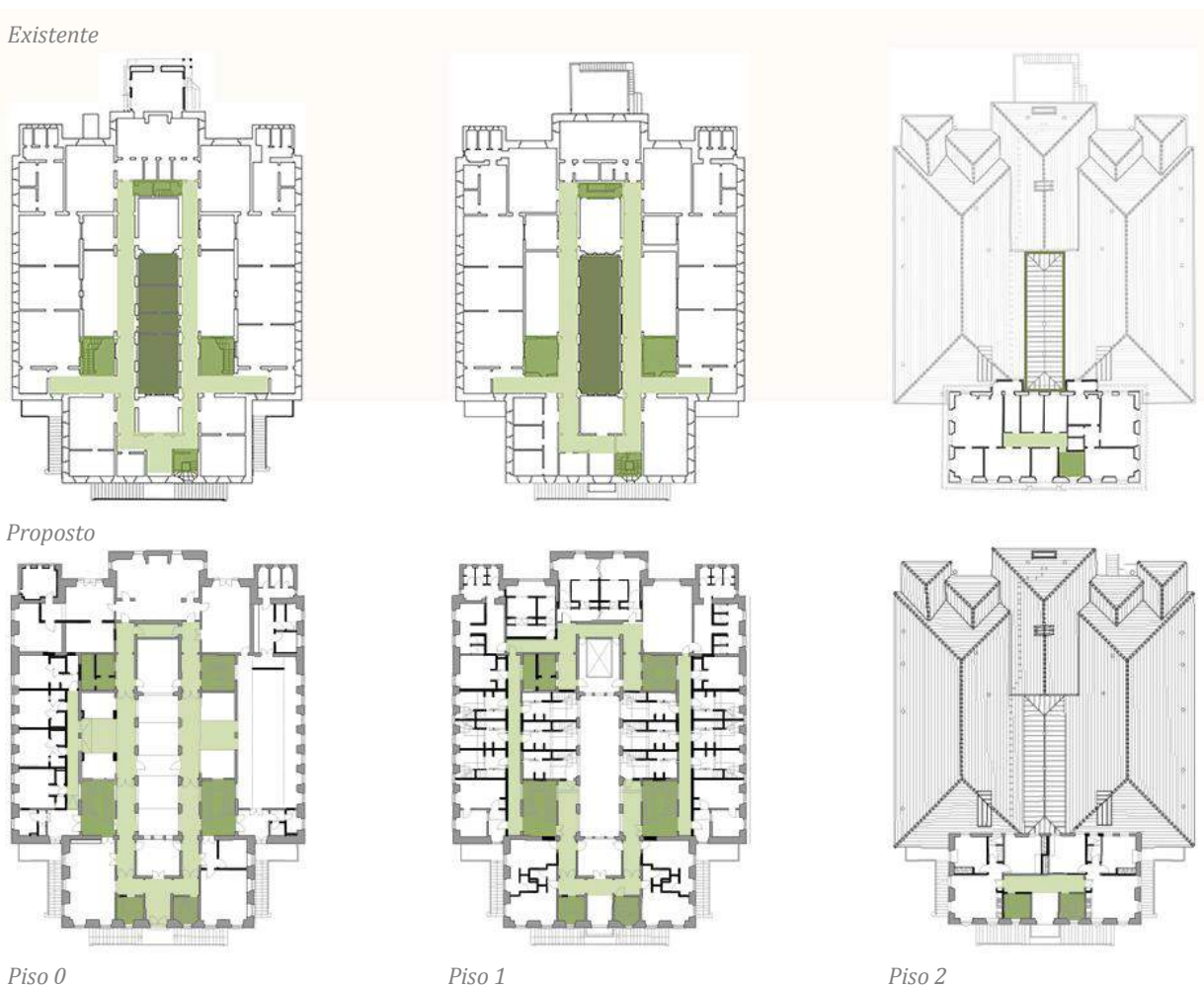


Fig. 62 – Diferenças entre o novo esquema de circulação proposto e o existente

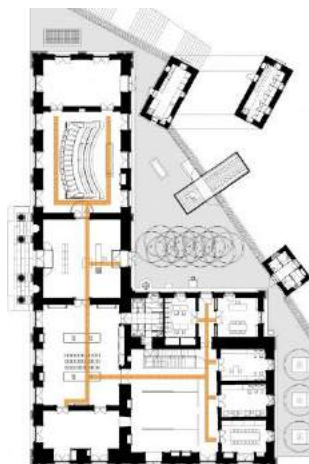
aos compartimentos, criando corredores de distribuição interiores, por forma a que tanto os quartos virados para o exterior como os virados para o pátio interior recebam luz natural e permita a regeneração e ventilação cruzada dos espaços.

O pátio interior apresenta duas adições recentes não previstas no desenho original do edifício, o passadiço e o acrescento da capela, construções estas pouco qualificadas que serão demolidas dando lugar a um pátio-jardim com zona de lazer, gerando um espaço mais amplo e luminoso. A cobertura em estrutura metálica e vidro que protege o pátio será também reformulada numa linguagem mais contemporânea.



Fig. 63 – Imagens das construções existentes atualmente e corte longitudinal da nova proposta

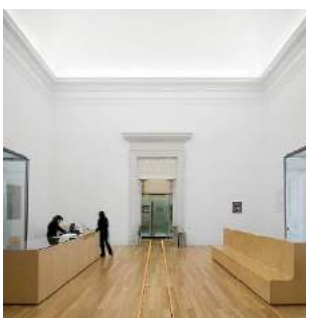
4.5.3 | Redes de Infraestruturas



Frequentemente, em projetos de reabilitação de edifícios antigos ou em mau estado de conservação, os arquitetos deparam-se com inúmeros problemas relacionados com as redes de infraestruturas que servem os edifícios, quer seja pela idade e degradação dos materiais ou mesmo pela forma como estas condicionam diretamente o desenho e as opções tomadas a nível do projeto. Geralmente estas redes são parte integrante do edifício, sendo instaladas e ocultas propositadamente dentro da própria estrutura do edifício devido ao volume que ocupam e o forte impacto estético que provocam. Se para a construção nova este sistema – apesar de poder trazer dificuldades acrescidas à manutenção – pode trazer vantagens em questões de segurança, o mesmo sistema poderá já não fazer sentido em alguns projetos de reabilitação.



Todos os materiais têm a sua validade e necessitam de manutenção regular, sendo que muitas vezes o acesso para a realização dessa manutenção não é devidamente pensado o que implica trabalhos extra de demolição e substituição o que gera encargos financeiros suplementares. Uma planificação cuidada da passagem das novas redes, é fundamental para garantir o cumprimento dos padrões e regras de segurança modernos, prevendo desde logo um acesso mais facilitado para a realização da manutenção ou eventual substituição.



A rede de águas em edifícios antigos é muitas vezes de chumbo e a rede de esgotos subdimensionada para a quantidade de eletrodomésticos usados hoje em dia, pelo que é frequente considerar uma renovação das redes aquando da realização de trabalhos de reabilitação. Em situações de grande desgaste das infraestruturas a utilização de uma rede exterior poderá ser mais económica, pois reduzirá substancialmente o impacto das intervenções de reparação. O mesmo raciocínio pode ser aplicado às redes elétricas, onde a utilização de

Fig. 64 – Exemplo de calha técnica (Laranja) adotada no projeto de Reabilitação do Laboratório Químico da Universidade de Coimbra - João Mendes Ribeiro Arquitetos



Fig. 65 - Rede de infraestruturas existentes no Asilo

sistemas de calha técnica será o ideal em espaços em que há previsão de necessidades de alterações dos pontos de rede elétrica ou havendo impossibilidade de embutir nas paredes existentes.

No caso do edifício do Asilo, com um século de existência, a incorporação das redes na estrutura do edifício não estava prevista no desenho inicial, tendo sido instalada posteriormente e por isso visível ao longo das paredes. A rede elétrica que serve o edifício encontra-se pouco desenvolvida e desatualizada, o gerador encontrava-se situado no piso da cave, servindo primeiramente apenas as zonas públicas de maior permanência e posteriormente o resto dos compartimentos. A instalação é feita através da fixação dos fios ao longo das paredes de tabique com bites de plástico. Em relação à rede de águas e esgotos, instalada mais recentemente também pelo exterior das paredes, está concentrada maioritariamente na parte posterior do edifício afeta à zona das cozinhas e instalações sanitárias (Fig. 65).

Originalmente dividido por género e idades, o edifício do Asilo funcionava como duas partes distintas, sendo cada um dos dormitórios servido apenas por um conjunto de casas de banho localizadas nas traseiras. Visto que o novo programa de Enotel proposto prevê a construção de quartos com instalações sanitárias privativas, distribuídos ao longo de todo o edifício, e visto que a rede de infraestruturas pode ser extremamente intrusiva em relação à estrutura existente e danificá-la irreversivelmente, foi tomada a opção tendo em consideração o carácter reversível da mesma, de agrupar as instalações sanitárias e as courettes e calhas técnicas de cada quarto por forma a minimizar o impacto na construção existente, passando as condutas de ventilação, água, esgotos, eletricidade e outros serviços em prumadas verticais e calhas no tecto e pavimento que atravessam a totalidade dos pisos.

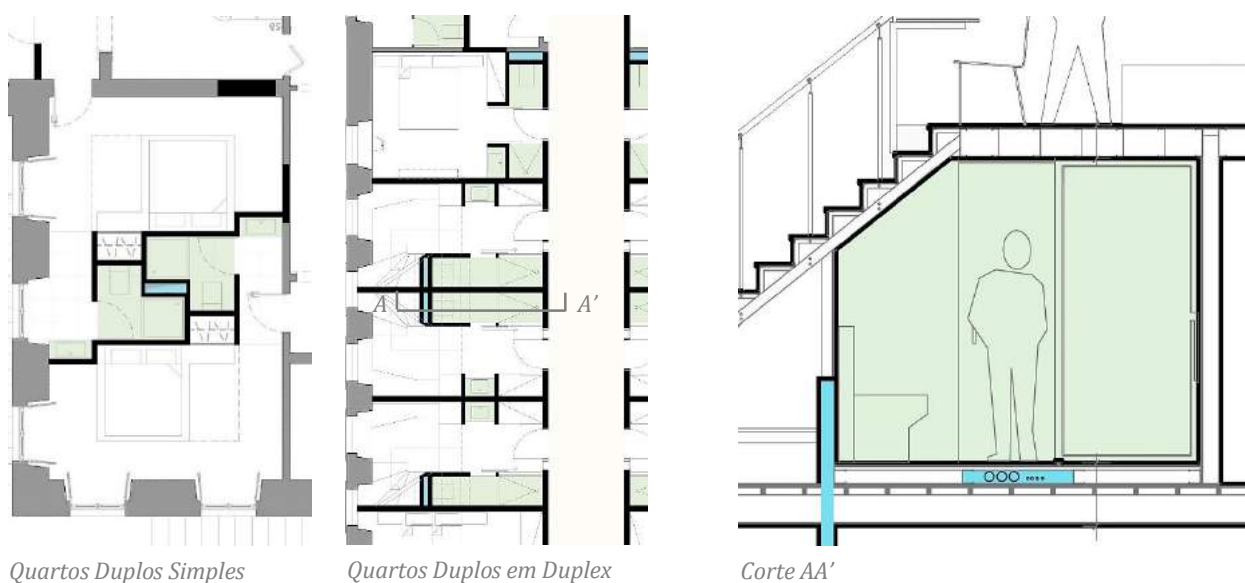


Fig. 66 – Plantas e corte esquemático de duas tipologias de quartos propostas no piso 1 do Asilo, onde é possível observar as courettes e calhas técnicas

4.5.4 | O uso de materiais sustentáveis e reversíveis

O edifício é constituído pela montagem de diversas peças que em conjunto se complementam e formam um objeto capaz de servir um propósito maior. Como referiu Louis Kahn - *“Buildings are not monoliths”*²² - utilizando como termo de comparação o exemplo das esculturas em metal nas quais a forma exterior (molde) é realizada em primeiro lugar sendo depois preenchida por um único material fundido, resultando numa peça única e homogénea em termos de aspeto e semelhante na forma de reagir aos diversos agentes externos. O edifício é substancialmente diferente, funcionando quase como um organismo vivo em que cada peça possui uma função, sendo necessário um aglutinante por forma a funcionarem em conjunto.

A indústria da construção é uma atividade que produz grandes impactos ambientais negativos, consumindo cerca de 50% dos recursos naturais disponíveis e produzindo aproximadamente 40% da totalidade dos resíduos sólidos. Nesse sentido, há que encontrar outros modelos de construção, com tecnologias mais produtivas, utilizando menor volume de matérias-primas e materiais mais renováveis, reduzindo assim os impactos negativos que resultam da sua exploração e do seu uso. No mesmo sentido, achamos que a reversibilidade das intervenções deve ser um fator a ter em conta, pelo que a utilização de materiais e sistemas construtivos que funcionem independentemente das estruturas existentes, são algumas das estratégias que achamos ser as mais corretas em intervenções deste tipo. Permitindo a sua reutilização após o fim do ciclo de vida dos edifícios nos quais estão incorporados e durante a fase de desconstrução e desmantelamento seletivo. Os sistemas pré-fabricados atuais, as construções modulares e os métodos de construção com sistemas de junta seca, vieram possibilitar novas formas de projetar em arquitetura e de reutilizar os materiais, o que até então não era possível pois o método mais corrente era a utilização de argamassas cimentícias (junta húmida) para consolidar os vários materiais diferentes.

Damos por isso preferência ao uso de materiais sustentáveis e reversíveis, sempre que possível, em todas as intervenções propostas e descritas no decorrer desta proposta. Estes encontram-se descritos nos mapas de acabamentos que acompanham e informam os desenhos técnicos apresentados no capítulo de anexos.

²² KAHN, L. (1953) Architecture and the University Conference, School of Architecture – Princeton University, New Jersey. 12 December 1953

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da investigação efetuada na realização desta dissertação de Projeto Final de Mestrado, inúmeras questões foram levantadas e analisadas, das quais subsiste ainda uma em particular - Será que existe alguma abordagem projetual considerada ideal, e usada como bitola na realização de todos os projetos de reabilitação em edifícios reconhecidamente qualificados? Ou será que cada caso deve ser analisado e tratado em particular, visto que cada um contém a sua identidade própria e transmite diferentes sensações a cada um dos seus utilizadores?

Não querendo tomar a abordagem por mim escolhida na realização desta proposta como sendo a mais correta e a única estratégia a seguir em intervenções deste tipo, parece-me importante debater sobre esta temática conduzindo à formulação de critérios base que ajudem a solucionar problemáticas semelhantes, e eventualmente solucionar a questão por mim enunciada no começo deste capítulo. O trabalho por mim desenvolvido teve como base a temática da reversibilidade e a valorização das pré-existências. Visto que os objetos de estudo intervencionados apresentam qualidades e aspetos que merecem ser tidos em conta e que as suas partes estruturantes ainda apresentam condições favoráveis à sua reutilização, foi proposta em conjunto com as partes intervenientes a redefinição programática de ambos os edifícios, devolvendo-os de novo ao serviço da comunidade.

Na procura de responder aos objetivos estabelecidos inicialmente, a investigação realizada permitiu analisar e sintetizar todas as teorias relevantes que se têm destacado dentro desta temática, facilitando assim a definição de critérios próprios postos em prática na formalização do projeto:

- Salvar a identidade através da reversibilidade
- Regenerar os espaços através de intervenções pontuais
- Rede de Infraestruturas
- Uso de materiais sustentáveis e reversíveis

Acreditamos que estes critérios possam garantir a preservação dos valores históricos, culturais e arquitetónicos das pré-existências, reforçando mais uma vez que estes pretendem apenas assumir o papel de guia para uma reflexão e abordagem mais cuidada em relação à reabilitação, e que de forma alguma, imponham uma visão categórica.

| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

| Monografias

AGUIAR, J. (2002) *Cor e cidade histórica – Estudos cromáticos e conservação do património*. 1ª Edição. Porto: FAUP Publicações

AGUIAR, J., CABRITA, A. R. & APPLETON, J. (1993) *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais: Volume I*, Lisboa: Ed. LNEC

AGUIAR, J., PAIVA, J. V. & PINHO, A. (1992) *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Volume I e II. Lisboa: LNEC/INH

ALBA, A. F. (1997) *Teoria e História de la Restauration*. Madrid: Editorial Munilla-Lería

AVRAMI, E., MASON, R. & TORRE, M. de la (2000) *Values and Heritage Conservation*. Los Angeles: The J. Paul Getty Trust

BRANDI, C. (1977) *Teoria del Restauro*. Roma: Einaudi

CABRITA, A. R. & ALHO, C. (1980) *Reabilitação de Edifícios de Habitação. Critérios para a definição de níveis de qualidade, doc.1*. Lisboa: LNEC

CAMPOS, N. & MATOS, P. (2012) *Guia de Arquitectura – Espaços e Edifícios Reabilitados*. Porto: Traço Alternativo – Arquitectos Associados

CHOAY, F. (1992) *L'Allégorie du Patrimoine*, Paris: Editions du Seuil

CORBUSIER, L. (1986) *Towards a new architecture*, New York: Dover Publications, Inc.

DE ABREU, C. (2004) *A Construção do Convento de S. Francisco no Contexto da Evolução Urbanística da vila de Torre de Moncorvo*, in *Côavisão – Cultura e Ciência*, n.º 6. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa

GRACIA, F. (1992) *Construir en lo construído: la arquitectura como modificación*, Madrid: NEREA

JORGE, J. G. (2007) *Lugares em Teoria*, Lisboa: Caleidoscópico

LACATON, A. & VASSAL, J. (2009) *Lacaton & Vassal*, Paris: Éditions HYX; Cité de l'Architecture & du Patrimoine

LACATON, A. & VASSAL, J. (2015) N. 177-178 - *Lacaton & Vassal: horizonte postmediático 1993-2015*, Madrid: El Croquis S. L.

LYNCH, K. (1982) *A Imagem da Cidade*, Lisboa: Edições 70

NORBERG-SCHULZ, C. (1980) *Genius Loci, towards a Phenomenology of Architecture*, Londres: Academy Editions

PORTAS, N. (1983) *Conservar renovando ou Recuperar revitalizando*. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro

RUSKIN, J. (1880) *The Seven Lamps of Architecture*, New York: Dover Publications, Inc.

SALVADOR, F. & NUNES, M. (2010) Revista Archinews, vol.17, Lisboa: Insidecity, Lda.

TÁVORA, F. (1999) *Da Organização do Espaço*, Porto: FAUP Publicações

VIOLLETT-LE-DUC, E. (1866) *Dictionnaire Arisonné de L'Architecture Française du XI^e au XII^e siècle*, Paris : A. Morel Éditeurs

ZEVI, B. (1992) *Saber ver a arquitetura*, 3^a edição brasileira, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

ZUMTHOR, P. (2005) *Pensar la Arquitectura*, Barcelona: Gustavo Gili, SA

ZUMTHOR, P. (2006) *Atmospheres – Architectural Environments. Surrounding Objects*, Basel: Birkhauser

| Documentos Eletrónicos

FAUL, MIARQ Int&Reab 2014. *Protocolo FAUL / Câmara Municipal de Torre de Moncorvo / Fundação Francisco António Meireles* [em linha] Disponível em: <http://miarq-int.fa.ulisboa.pt/index.php/protocolos/protocolo-faul-camara-municipal-de-torre-de-moncorvo>.

ICOMOS. International Charter for the conservation and restoration of Monuments and Sites (The Venice charter 1964) [online] Disponível em: http://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf

ICOMOS. The Declaration of Amsterdam – 1975 [online] Disponível em: <http://www.icomos.org/en/charters-and-texts/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/169-the-declaration-of-amsterdam>

La Biennale di Venezia - 13th International Architecture Exhibition [online] Disponível em: <http://www.labiennale.org/en/architecture/archive/13th-exhibition/13iae/>

Reduce | Reuse | Recycle – Architecture as Resource [online] Disponível em: http://www.reduce-reuse-recycle.de/index_en.html

| Teses

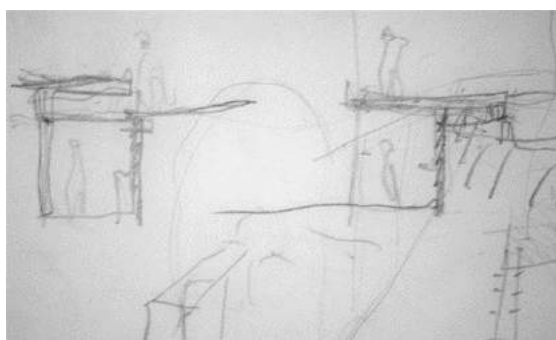
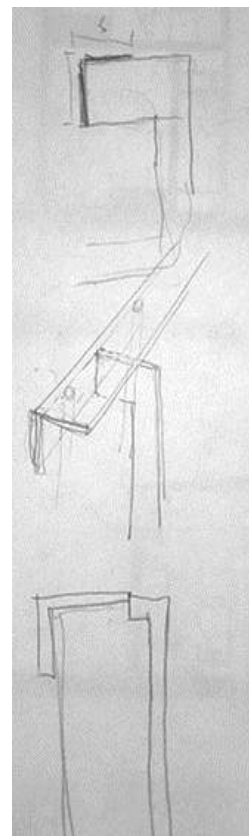
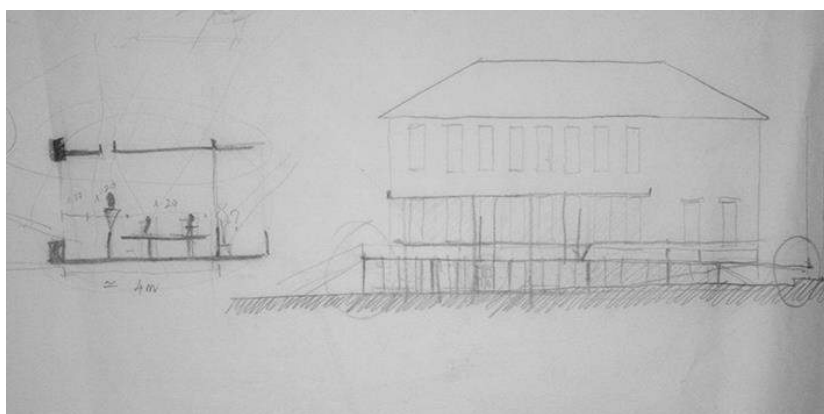
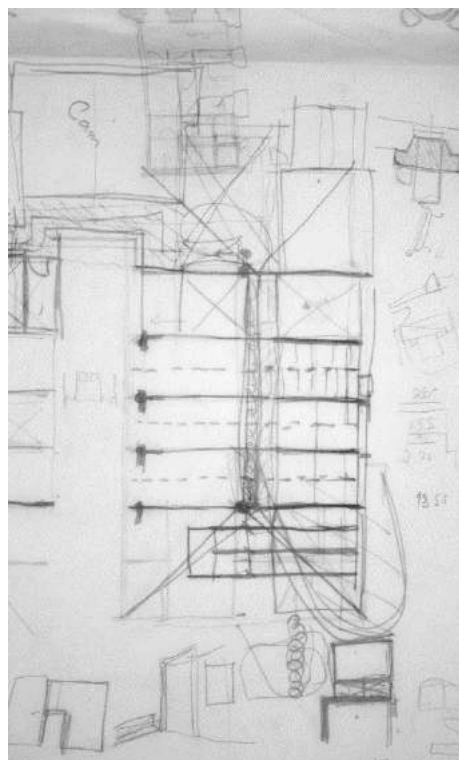
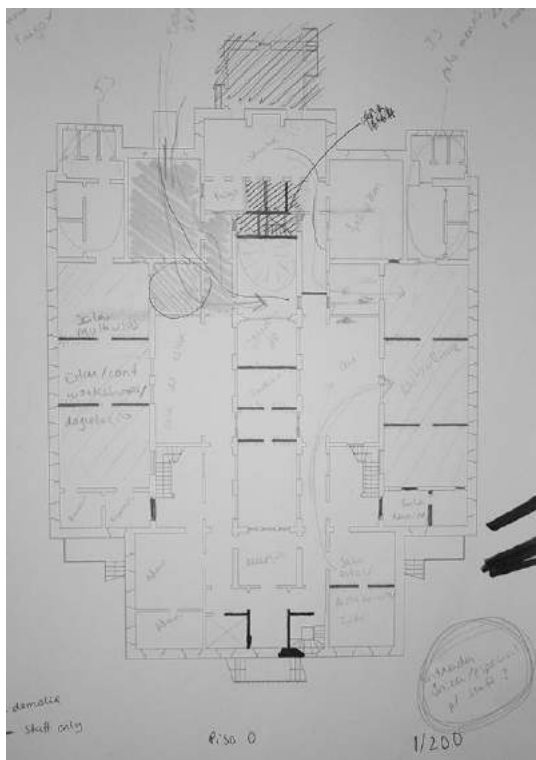
AGUIAR, J. (1999) *Estudos cromáticos nas intervenções de conservação em centros históricos – Bases para a sua aplicação à realidade portuguesa*. Évora: Publicações U.E.

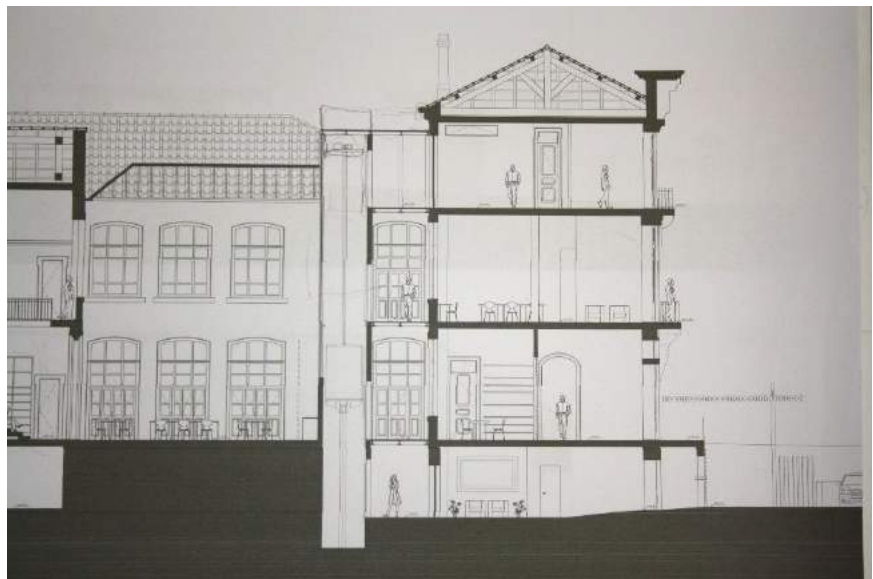
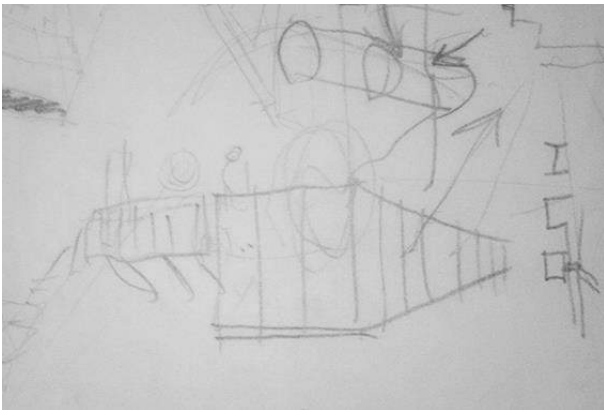
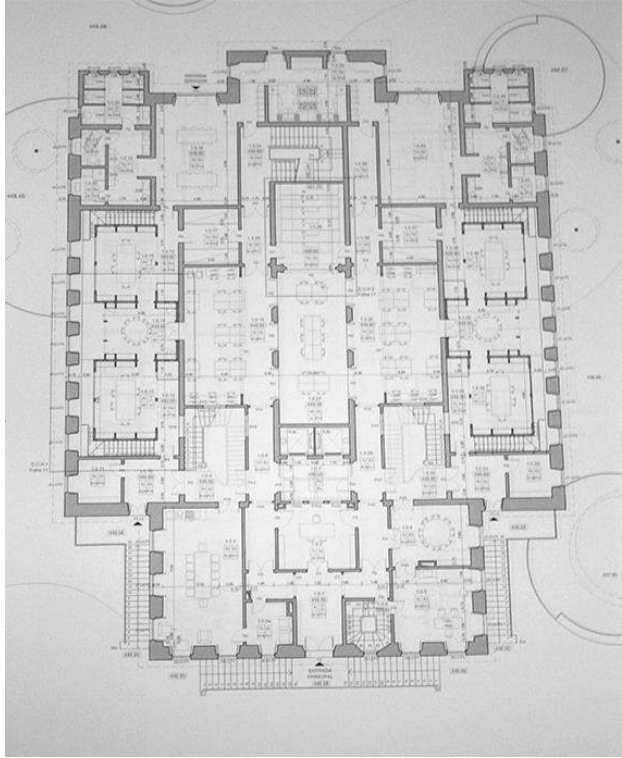
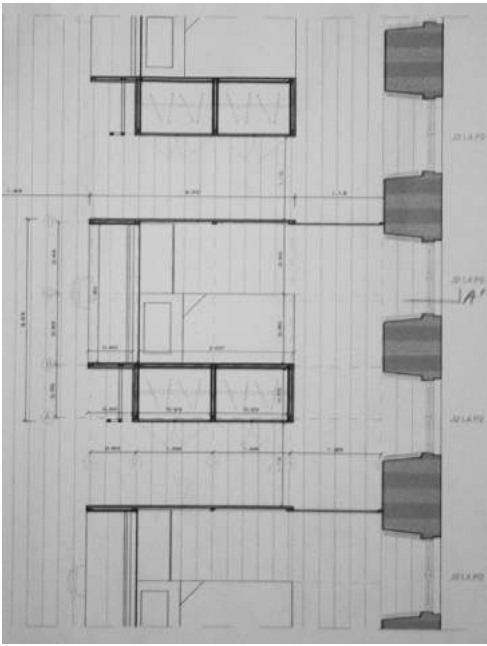
BAG, D. (2016) *Architectural Renovation in Torre de Moncorvo – Inclusive Architecture in temporary housing*, Lisboa: FAUL, Tese de Mestrado

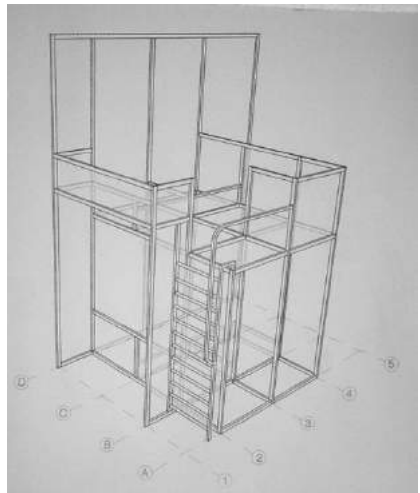
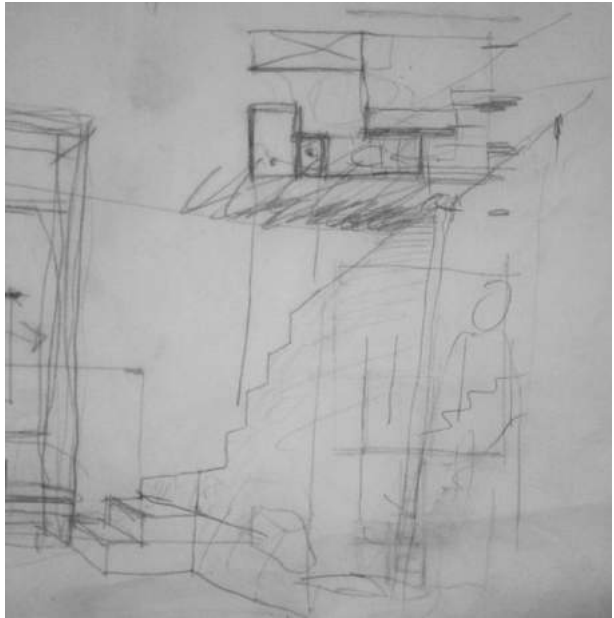
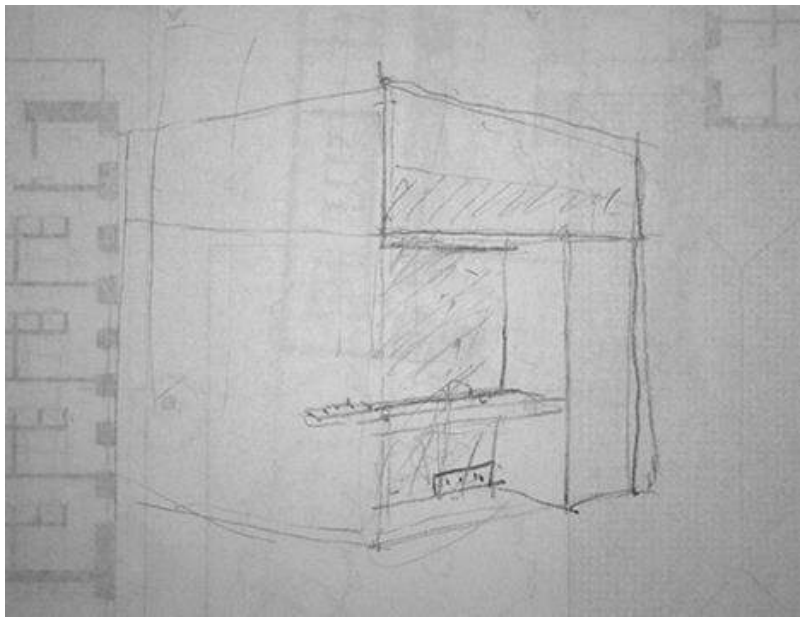
CANO, A. S. (2015) *O Asylo Francisco António Meirelles – Estudo histórico-arquitectónico de um equipamento social da Primeira República (Torre de Moncorvo, Portugal – 1904-1916)*. Lisboa: FAUTL. Dissertação Teórica

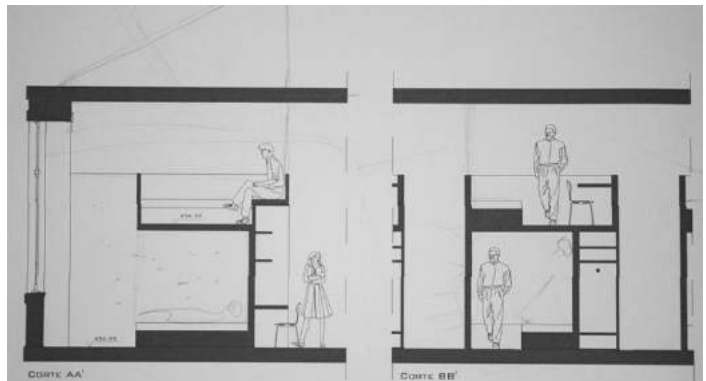
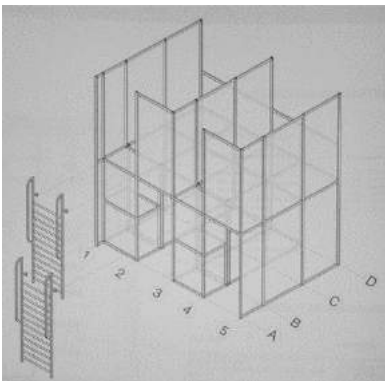
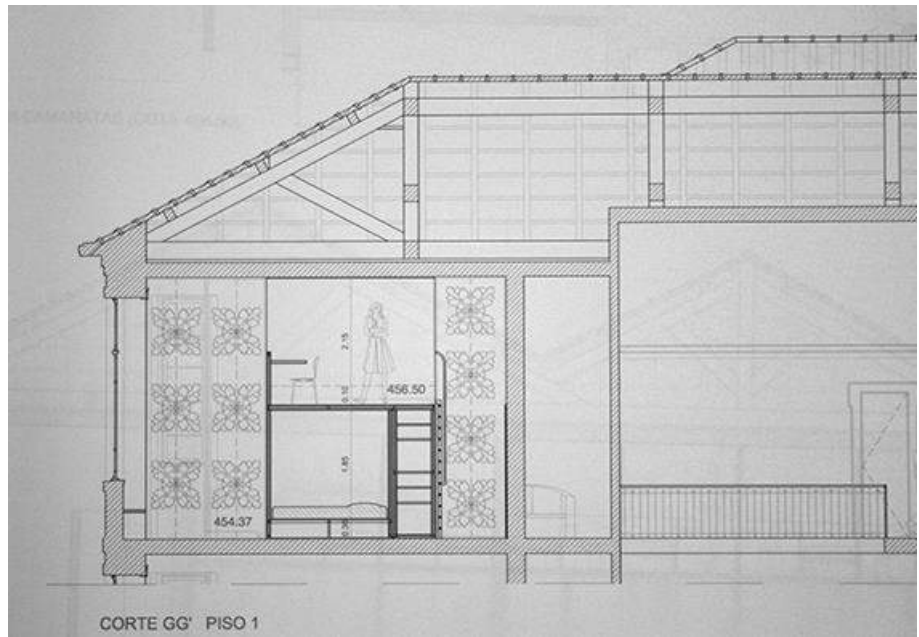
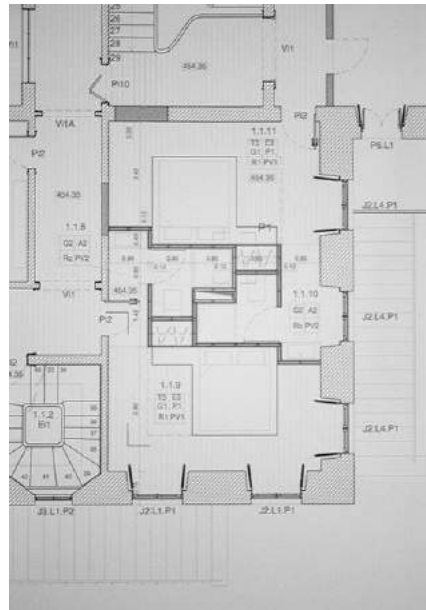
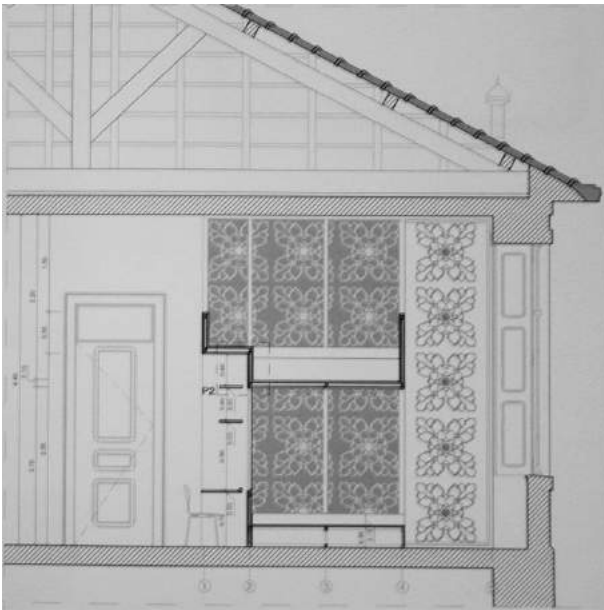
PAIXÃO, F. (2014) *Parâmetros de validação e qualificação da pré-existência - O caso particular do projecto de reabilitação dos interiores do Palácio dos Marqueses de Ponte de Lima, Mafra*. Lisboa: FAUTL. Tese de Mestrado

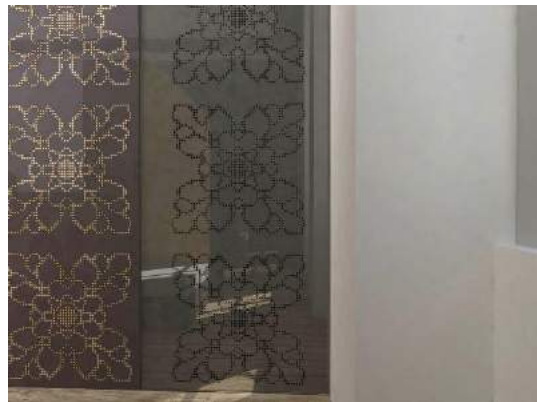
| ANEXOS
| Processo de trabalho

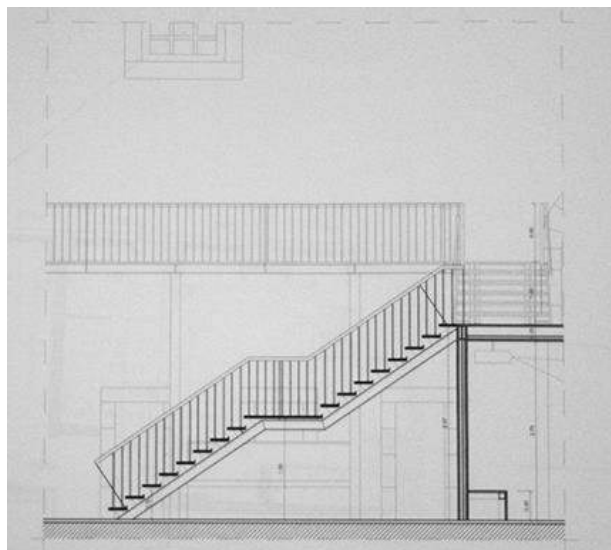
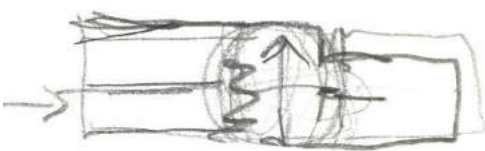
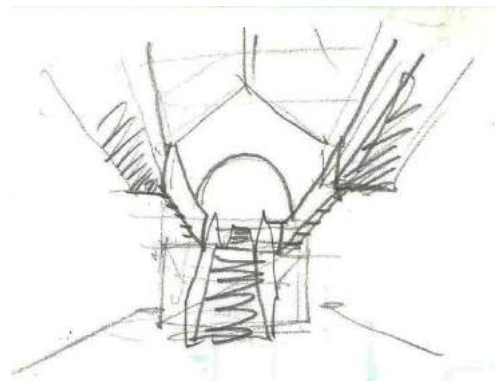
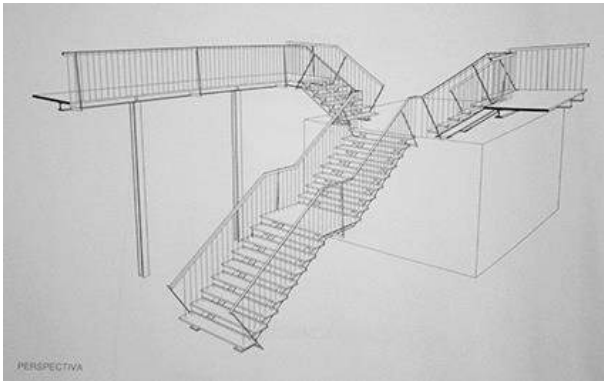
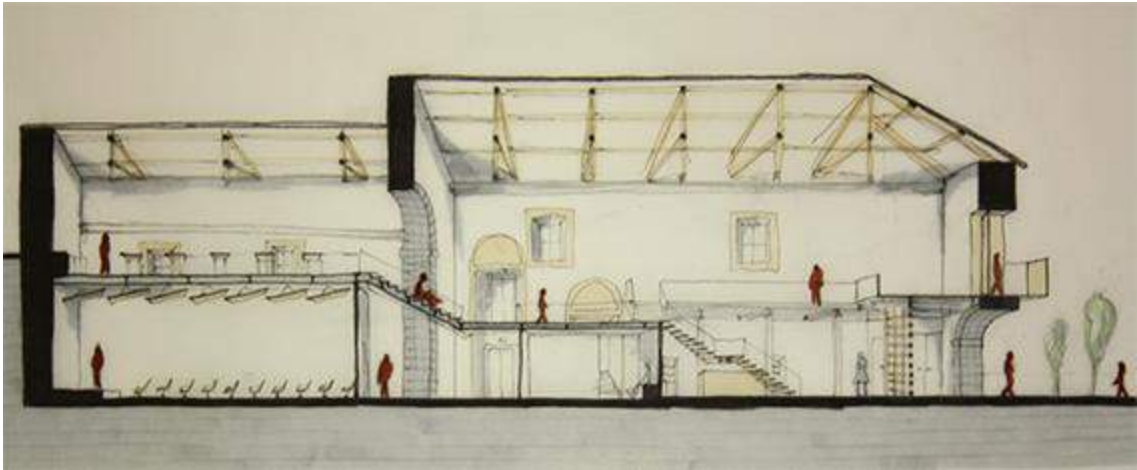








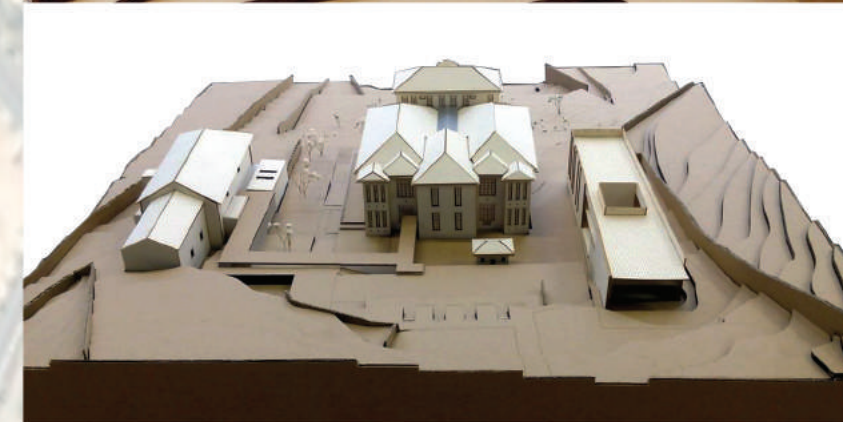


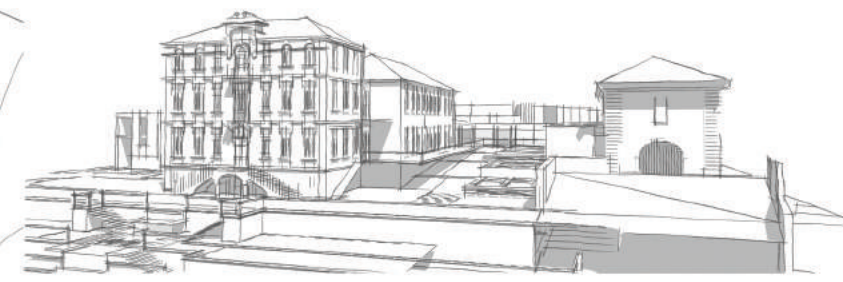
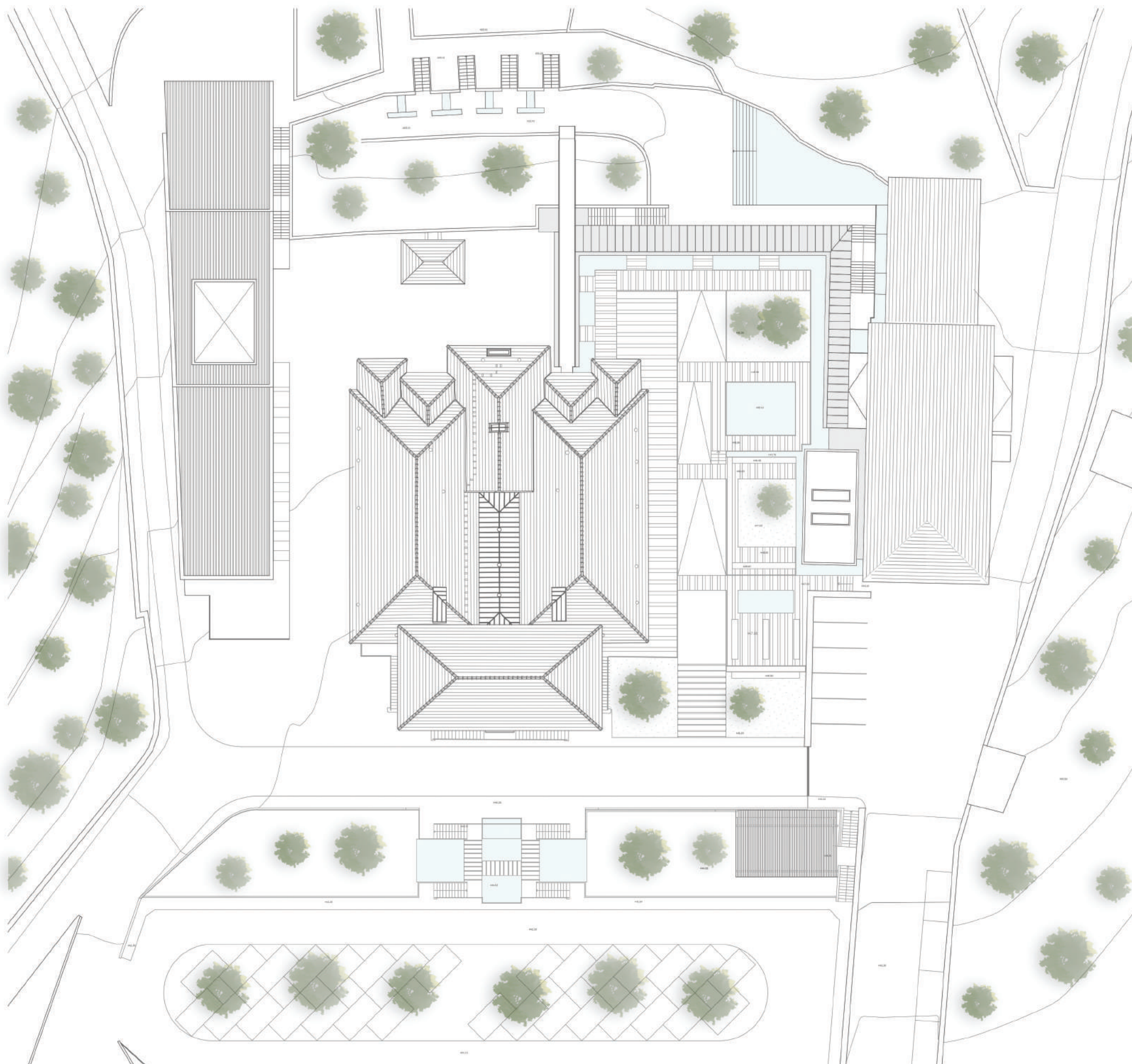


| Painéis Síntese A3

Listagem de desenhos

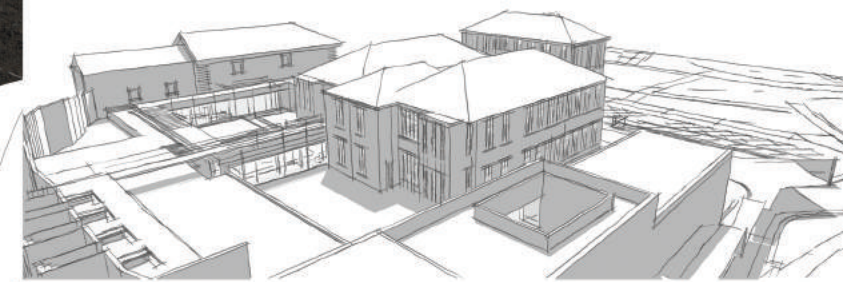
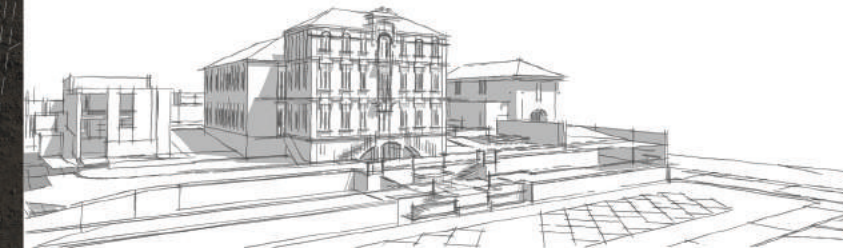
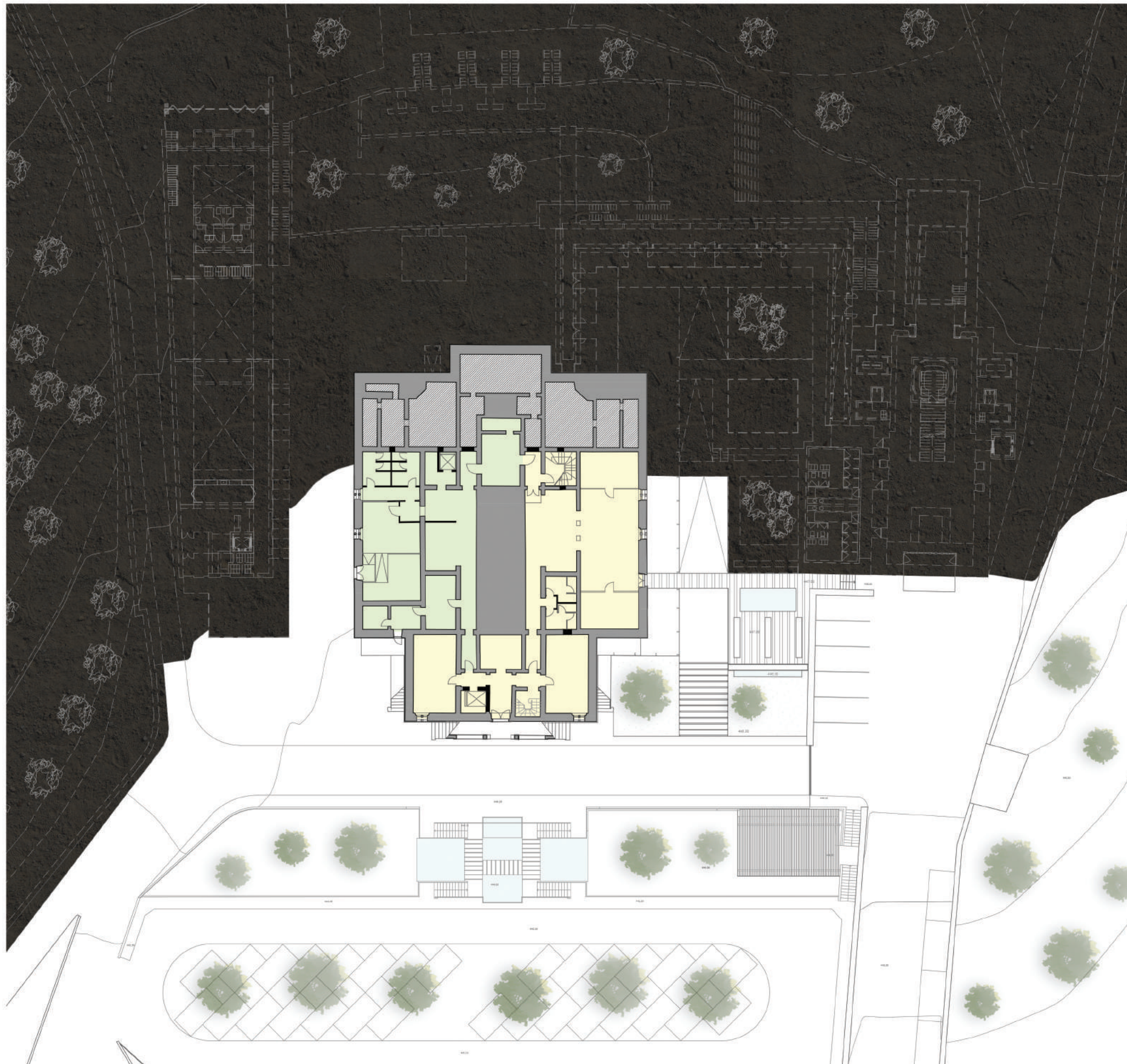
- | Painei 1 – Planta de Localização
- | Painei 2 – Planta de Implantação
- | Painei 3 – Planta de Implantação Piso 0 (cota 446.50)
- | Painei 4 – Planta de Implantação Piso -1 (cota 449.60)
- | Painei 5 – Planta de Implantação Piso 1 (cota 454.32)
- | Painei 6 – Planta de Implantação Piso 2 (cota 459.10)
- | Painei 7 – Alçado Norte e Alçado Este
- | Painei 8 – Corte AA' | Corte BB'
- | Painei 9 – Axonometria e distribuição do programa
- | Painei 10 – Escala de Reversibilidade - Planta do Enotel Piso -1
- | Painei 11 – Escala de Reversibilidade - Planta do Enotel Piso 0
- | Painei 12 – Escala de Reversibilidade - Planta do Enotel Piso 1
- | Painei 13 – Escala de Reversibilidade - Planta do Enotel Piso 1 (Piso Superior)
- | Painei 14 – Escala de Reversibilidade - Planta do Enotel Piso 2
- | Painei 15 – Escala de Reversibilidade – Planta do Spa Piso 0 e 1





- 1 - Enotel
- 2 - Spa
- 3 - Adega
- 4 - Passadiço Exterior
- 5 - Área de Lazer
- 6 - Estacionamento

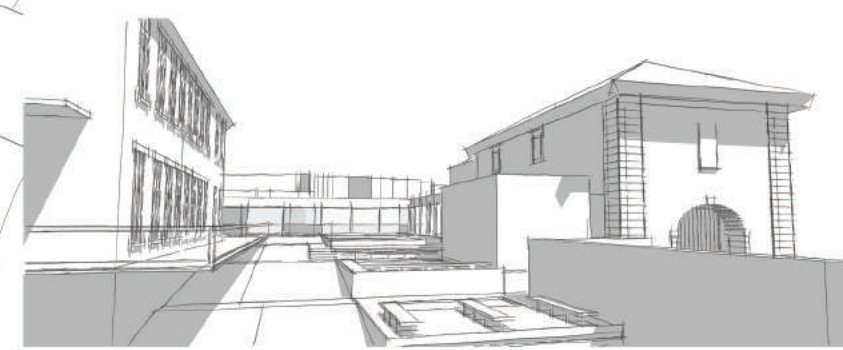
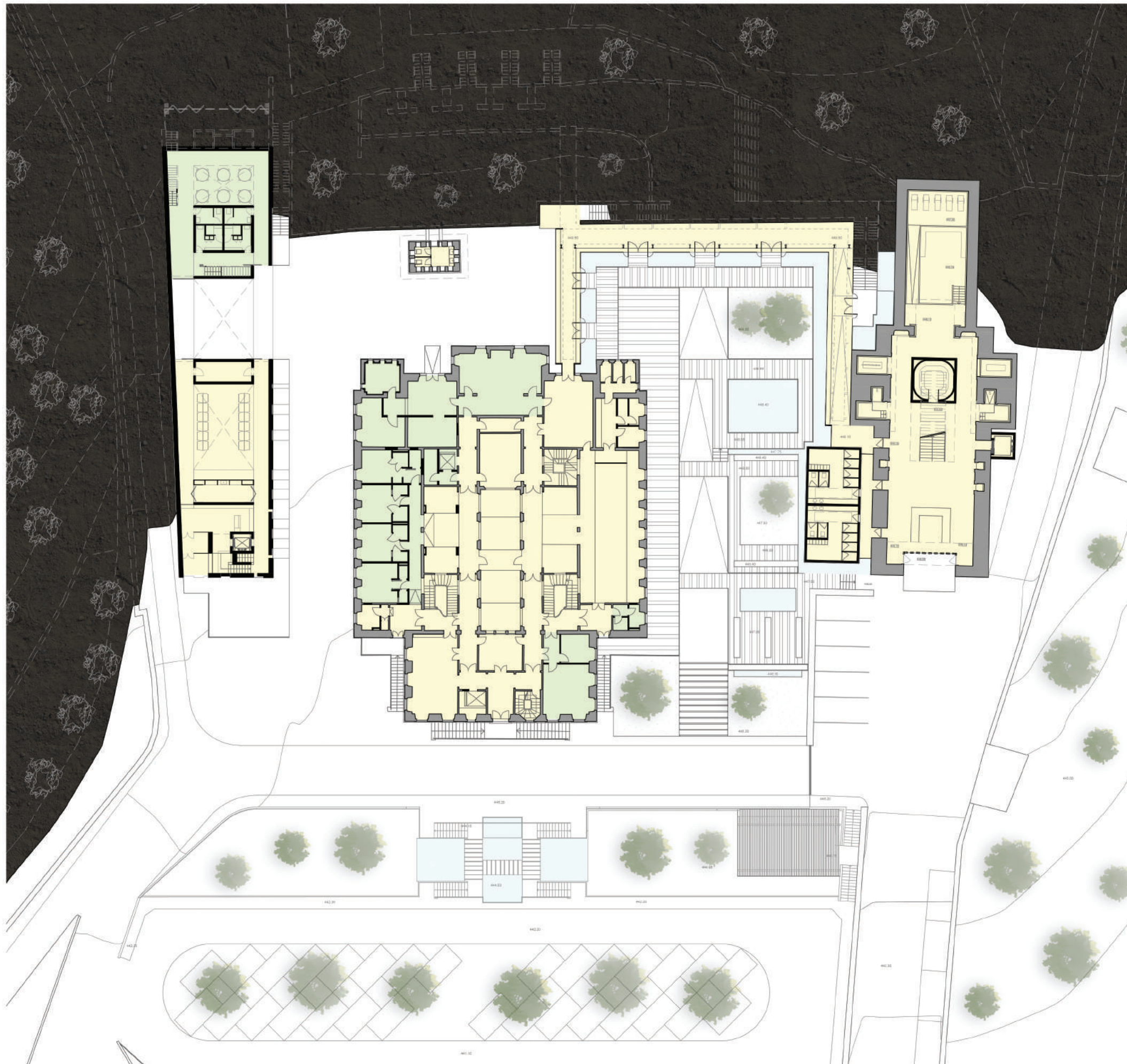




Proposto ■ Existente ■ Uso Público ■ Uso Privado ■

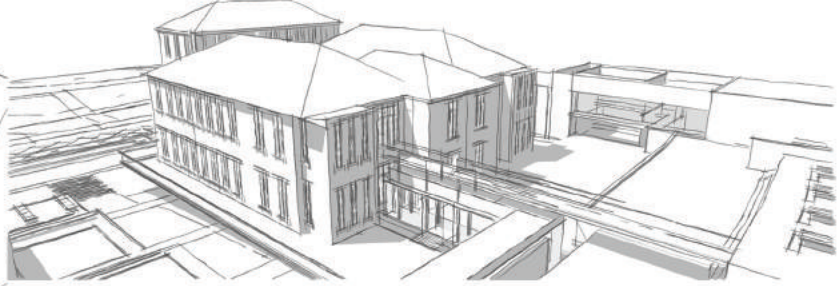
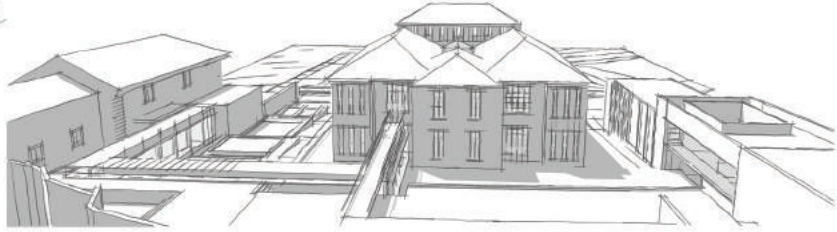
- 1 - Enotel
- 2 - Spa
- 3 - Adega
- 4 - Passadiço Exterior
- 5 - Área de Lazer
- 6 - Estacionamento





Proposto ■ Existente ■ Uso Público ■ Uso Privado ■

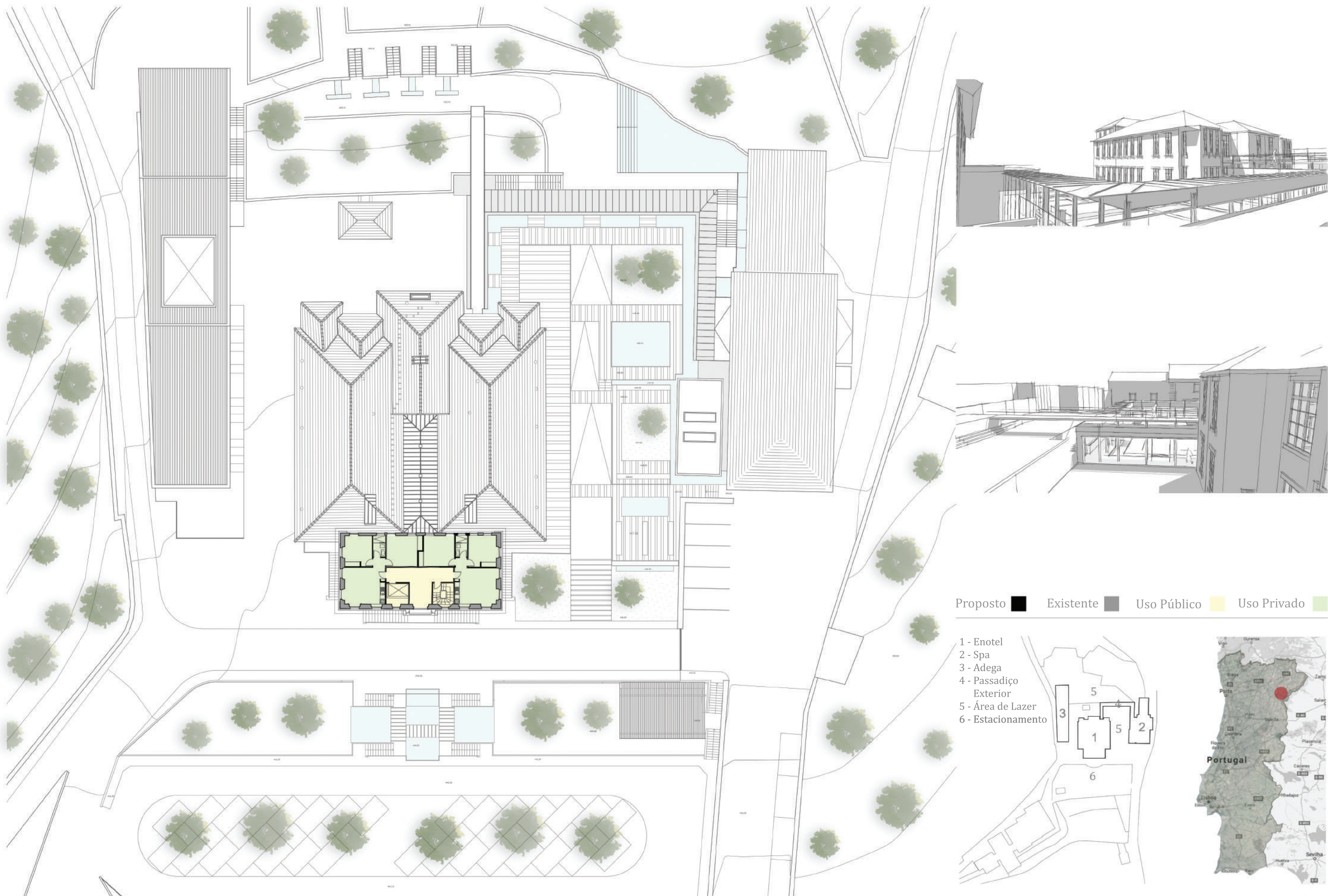




Proposto ■ Existente ■ Uso Público ■ Uso Privado ■

- 1 - Enotel
- 2 - Spa
- 3 - Adega
- 4 - Passadiço Exterior
- 5 - Área de Lazer
- 6 - Estacionamento

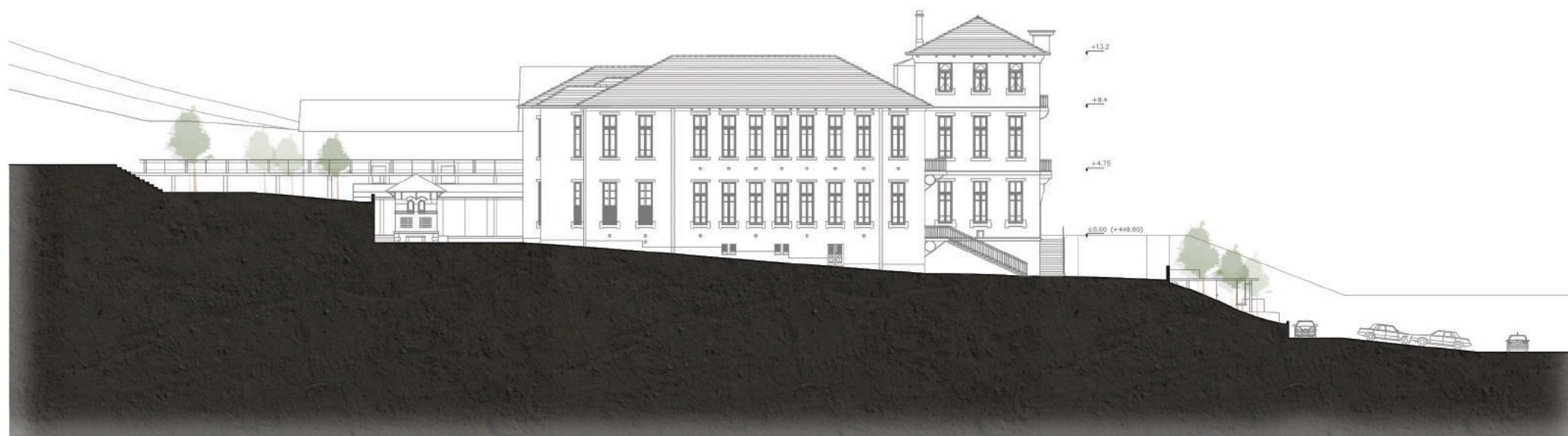
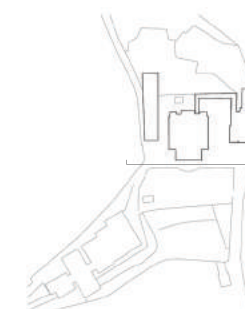
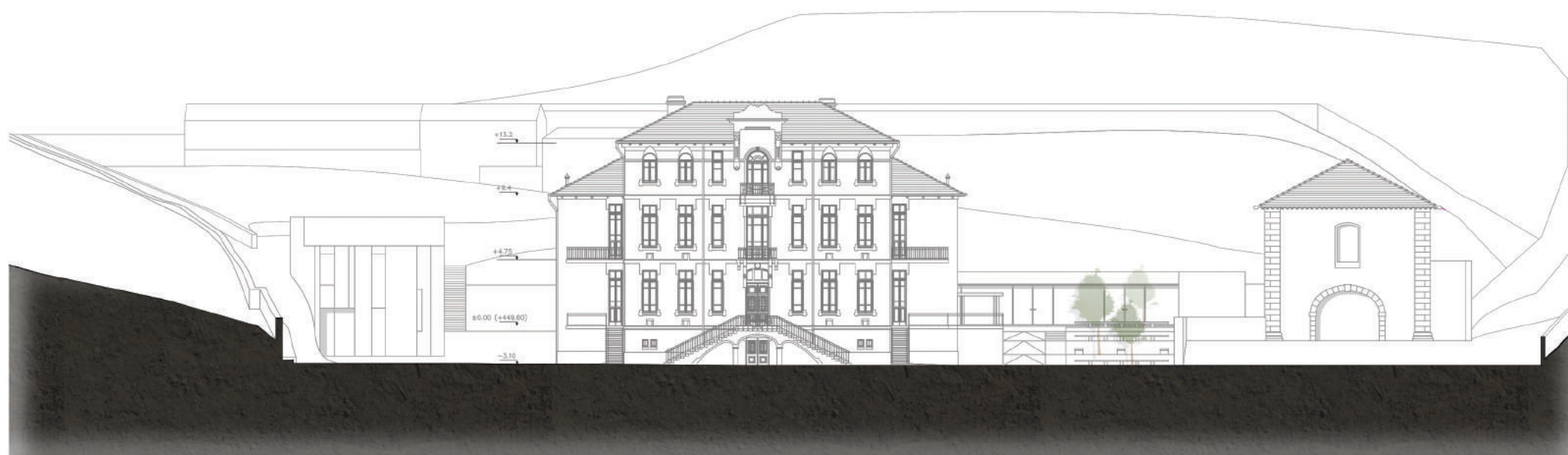




Proposto ■ Existente ■ Uso Público ■ Uso Privado ■

- 1 - Enotel
- 2 - Spa
- 3 - Adega
- 4 - Passadiço Exterior
- 5 - Área de Lazer
- 6 - Estacionamento





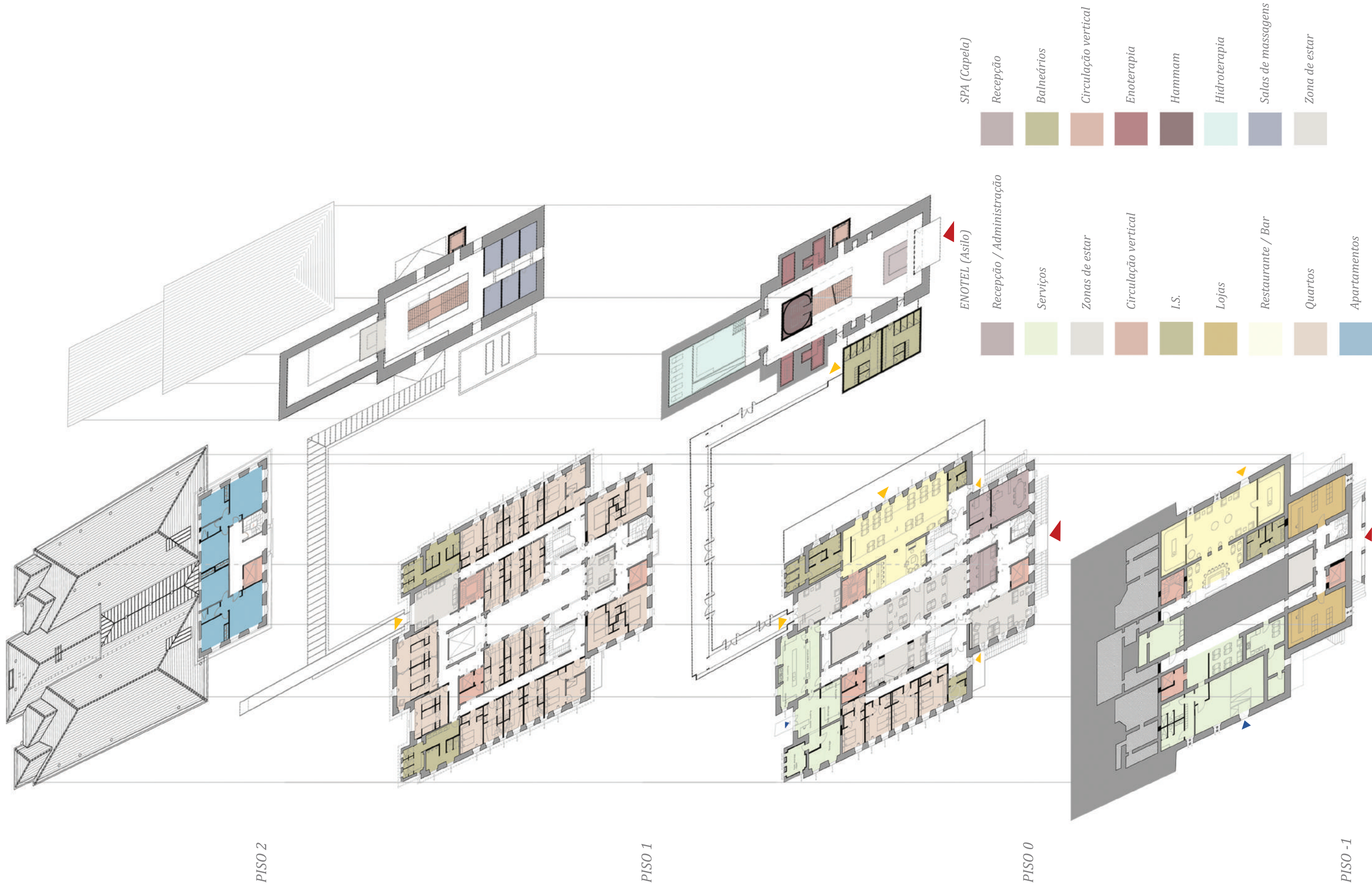


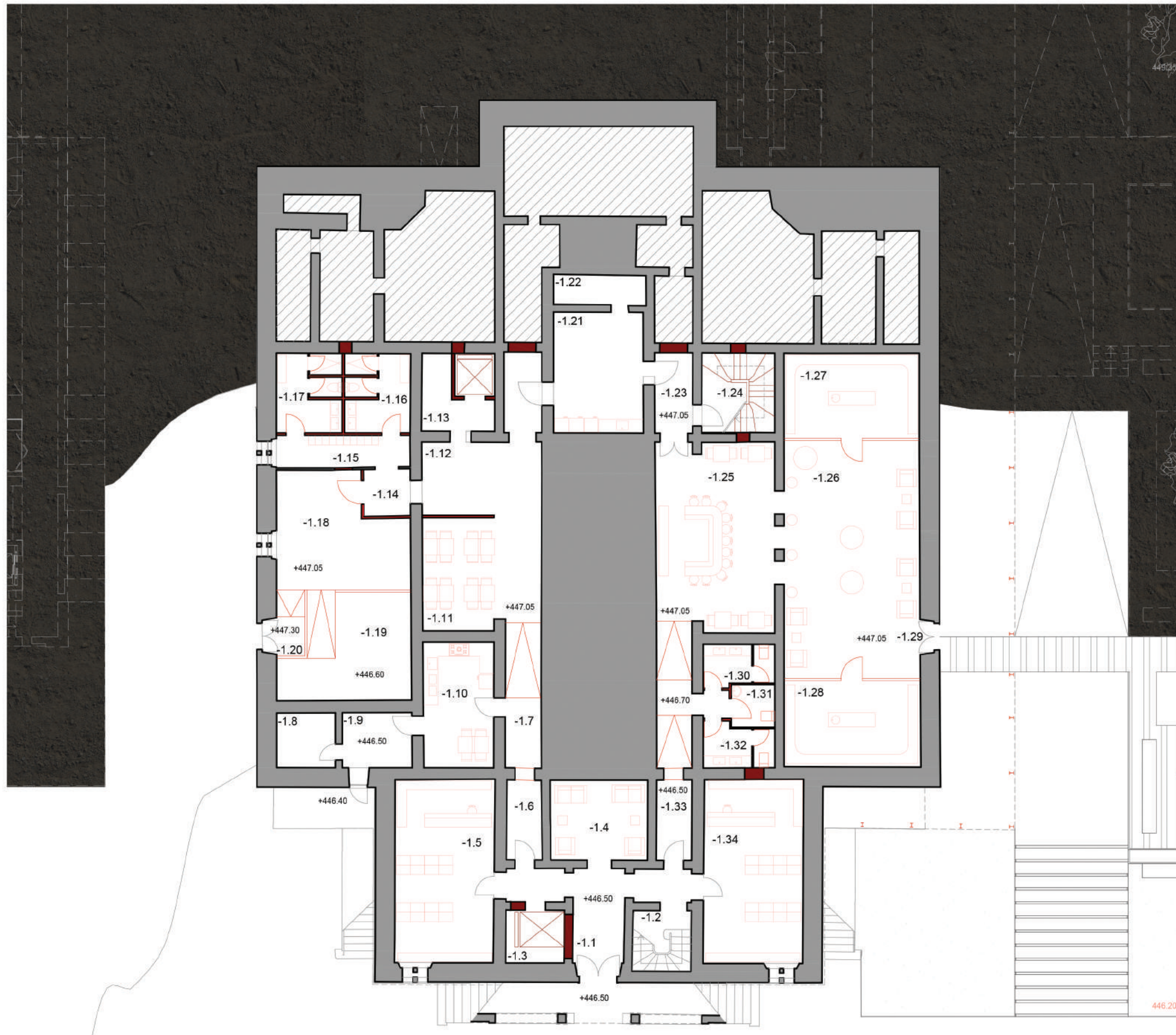
Corte AA'



Corte BB'

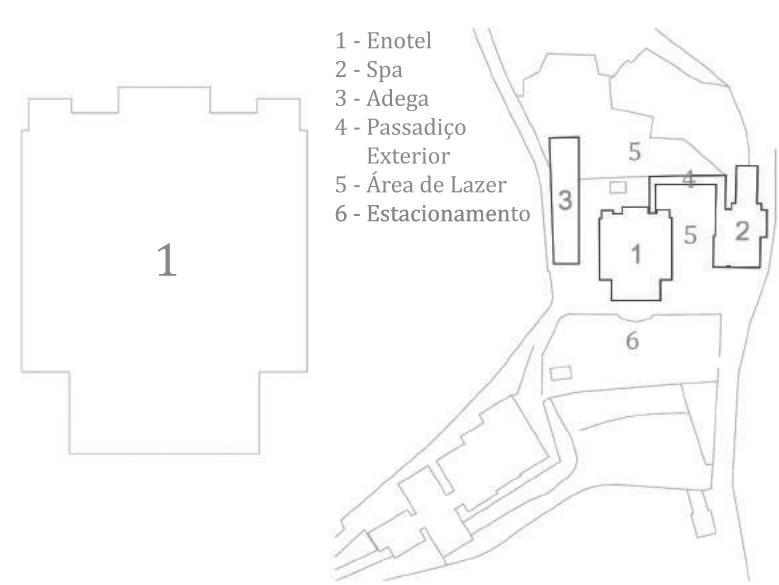
Proposto ■ Existente ■

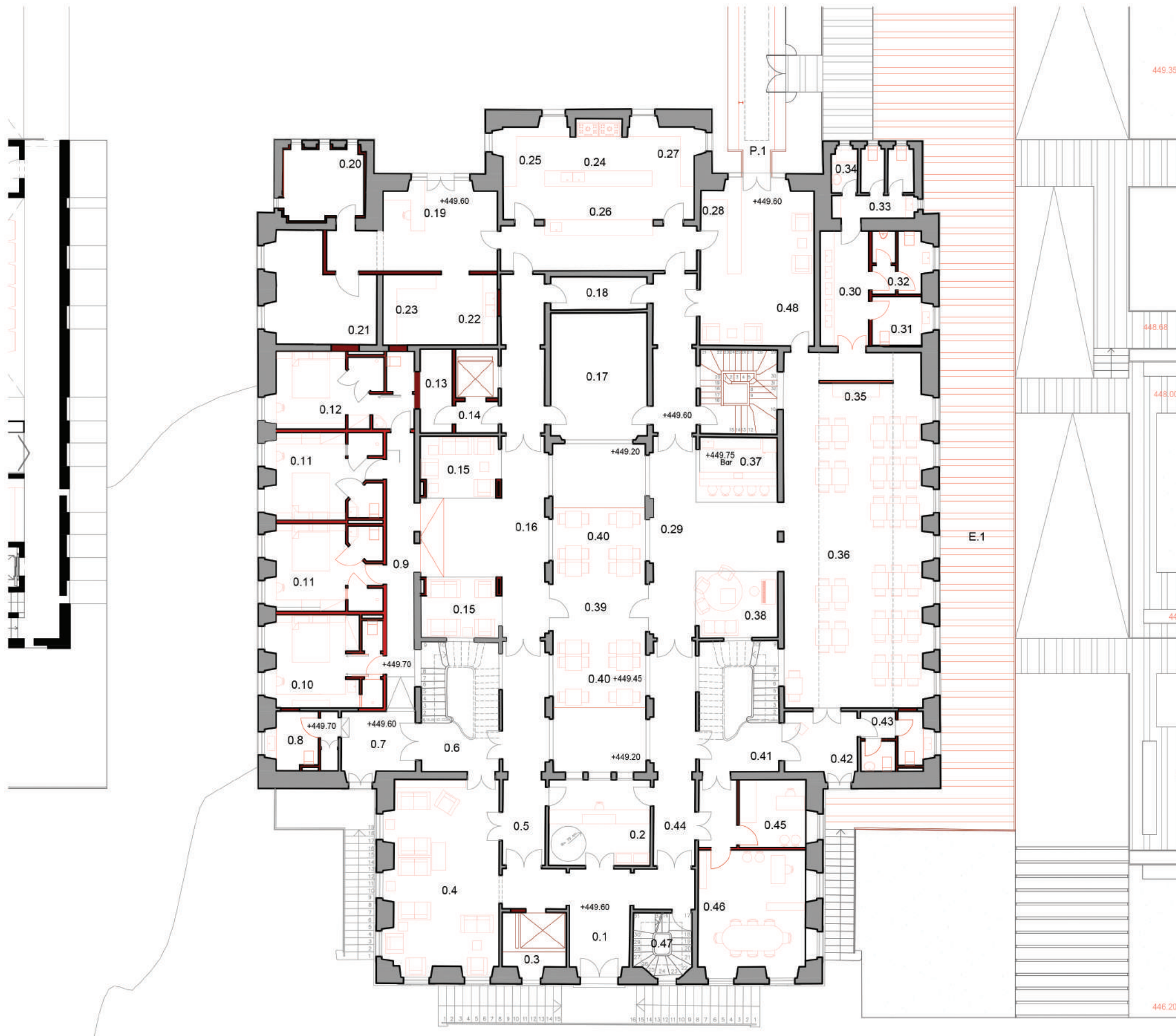




LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

- 1.1 - Entrada Principal Piso -1
- 1.2 - Escada de Serviço
- 1.3 - Elevador Público
- 1.4 - Zona de Estar
- 1.5 - Loja Gourmet
- 1.6 - Entrada de Serviço
- 1.7 - Circulação Staff
- 1.8 - Armazém
- 1.9 - Entrada de Serviço
- 1.10 - Cozinha Staff
- 1.11 - Zona Staff
- 1.12 - Circulação de Serviço
- 1.13 - Elevador de Serviço
- 1.14 - Circulação de Serviço
- 1.15 - Zona de Cacifos
- 1.16 - Instalação Sanitária Mulheres
- 1.17 - Instalação Sanitária Homens
- 1.18 - Engomadoria
- 1.19 - Lavandaria
- 1.20 - Lavandaria - Receção
- 1.21 - Armazém
- 1.22 - Armazém
- 1.23 - Circulação
- 1.24 - Escada Pública
- 1.25 - Degustação Vinhos
- 1.26 - Zona de Estar
- 1.27 - Adega
- 1.28 - Adega
- 1.29 - Entrada Pública Jardim
- 1.30 - Instalação Sanitária Mulheres
- 1.31 - Instalação Sanitária Inclusiva
- 1.32 - Instalação Sanitária Homens
- 1.33 - Circulação
- 1.34 - Loja de Vinhos

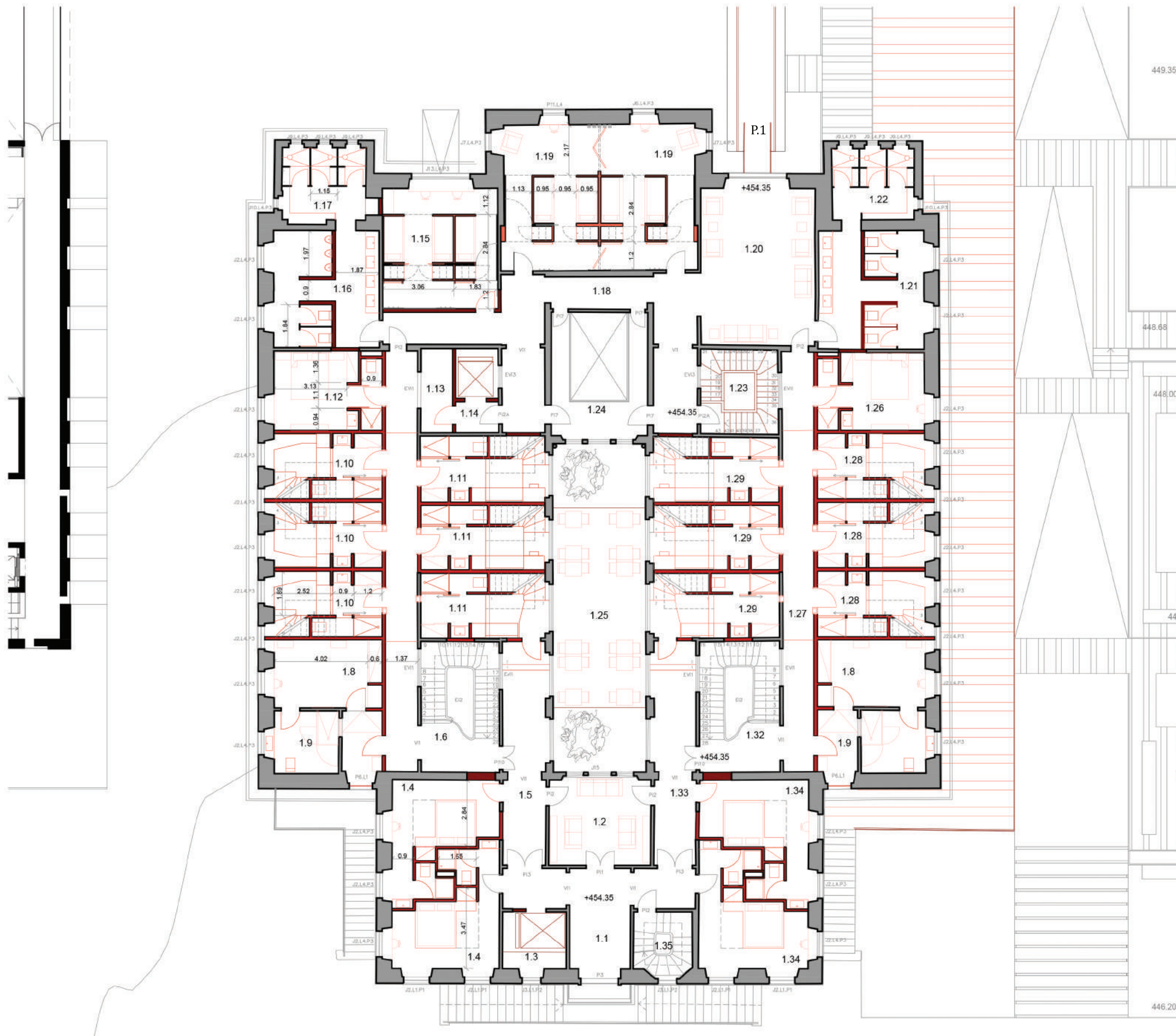




LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

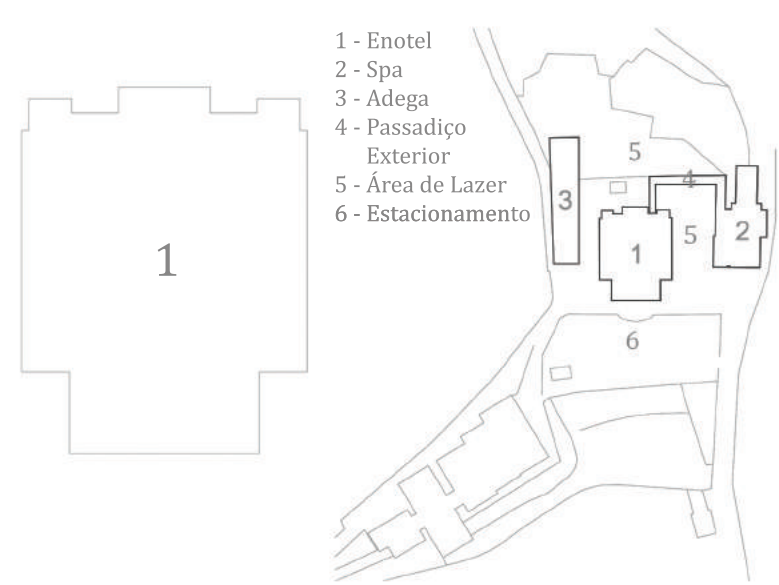
- | | |
|------------------------------------|---------------------------------------|
| 0.1 - Entrada Principal | 0.26 - Preparação Frios |
| 0.2 - Receção | 0.27 - Zona Sobremesas |
| 0.3 - Elevador Público | 0.28 - Balcão Serviço |
| 0.4 - Zona de Estar | 0.29 - Circulação |
| 0.5 - Circulação | 0.30 - Instalação Sanitária |
| 0.6 - Escada Principal | 0.31 - Instalação Sanitária Inclusiva |
| 0.7 - Entrada Secundária | 0.32 - Instalação Sanitária Homem |
| 0.8 - Instalação Sanitária Pública | 0.33 - Instalação Sanitária Mulher |
| 0.9 - Circulação | 0.34 - Berçário |
| 0.10 - Quarto Duplo | 0.35 - Mesa de Serviço |
| 0.11 - Quarto Duplo | 0.36 - Zona de Jantar |
| 0.12 - Quarto Duplo | 0.37 - Bar |
| 0.13 - Arrumos | 0.38 - Zona de Estar |
| 0.14 - Elevador de Serviço | 0.39 - Circulação |
| 0.15 - Zona de Estar | 0.40 - Zona de Estar Pátio-Jardim |
| 0.16 - Circulação | 0.41 - Escada Principal |
| 0.17 - Zona de Estar | 0.42 - Entrada Secundária Restaurante |
| 0.18 - Circulação | 0.43 - Instalação Sanitária Staff |
| 0.19 - Zona Carregamentos | 0.44 - Circulação |
| 0.20 - Armazém Frios | 0.45 - Gabinete Médico |
| 0.21 - Armazém Secos | 0.46 - Administração |
| 0.22 - Zona de Lavagem | 0.47 - Escada de Serviço |
| 0.23 - Armazém | 0.48 - Loja de Vinhos |
| 0.24 - Zona Confeção | P.1 - Passadiço Exterior |
| 0.25 - Zona Pré-Confeção | E.1 - Esplanada Restaurante |

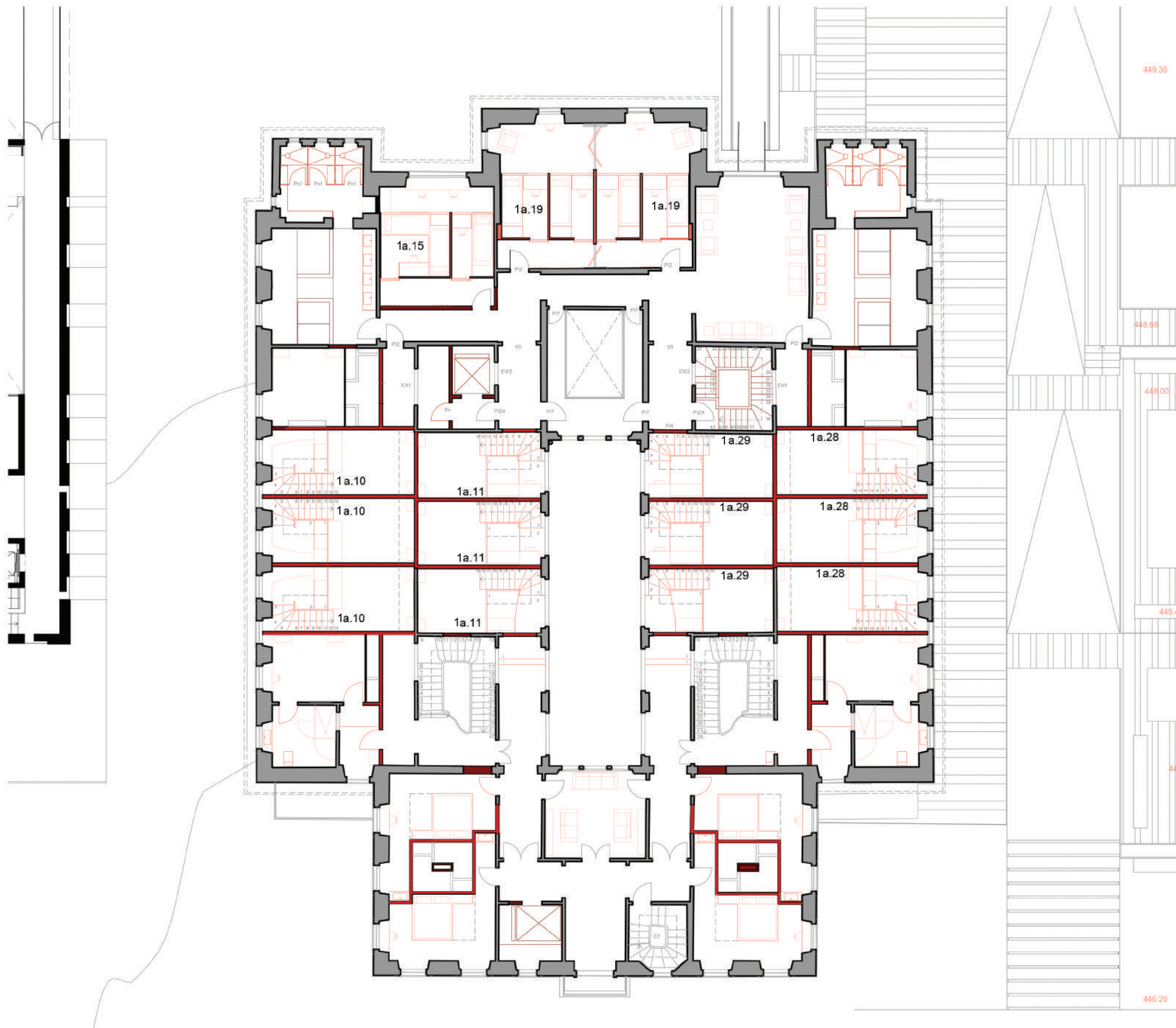




LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

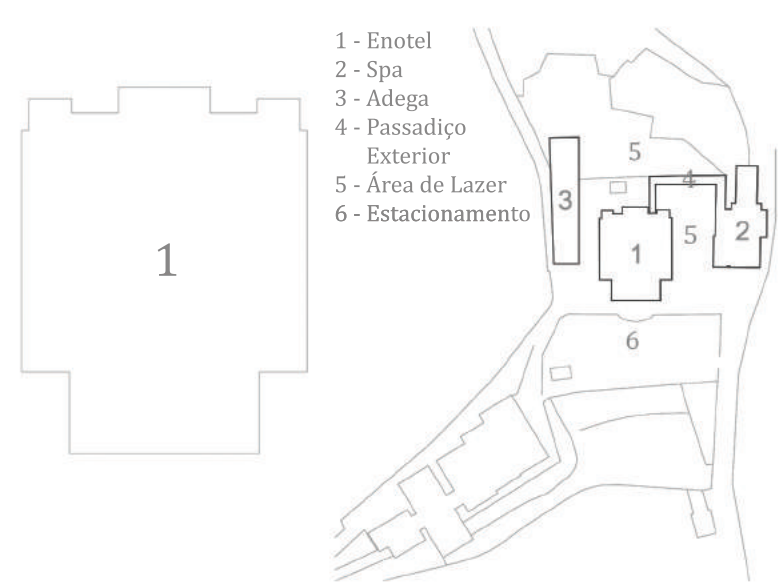
- | | |
|--------------------------------------|---------------------------------------|
| 1.1 - Circulação | 1.20 - Zona de Estar |
| 1.2 - Zona de Estar | Saída Passadiço |
| 1.3 - Elevador Público | 1.21 - Instalação Sanitária Mulheres |
| 1.4 - Quarto Duplo | 1.22 - Banheiros Mulheres |
| 1.5 - Circulação | 1.23 - Escada Pública |
| 1.6 - Escada Principal | 1.24 - Circulação |
| 1.7 - Circulação Quartos | 1.25 - Pátio-Jardim |
| 1.8 - Quarto Inclusivo | 1.26 - Quarto Duplo |
| 1.9 - Instalação Sanitária Inclusiva | 1.27 - Circulação Quartos |
| 1.10 - Quarto Duplo Duplex | 1.28 - Quarto Duplo Duplex |
| 1.11 - Quarto Duplo Duplex | 1.29 - Quarto Duplo Duplex |
| 1.12 - Quarto Duplo | 1.30 - Quarto Inclusivo |
| 1.13 - Arrumos | 1.31 - Instalação Sanitária Inclusiva |
| 1.14 - Elevador de Serviço | 1.32 - Escada Principal |
| 1.15 - Camaratas | 1.33 - Circulação |
| 1.16 - Instalação Sanitária Homens | 1.34 - Quarto Duplo |
| 1.17 - Banheiro Homens | 1.35 - Escada de Serviço |
| 1.18 - Circulação | P.1 - Passadiço Exterior |
| 1.19 - Camaratas | |

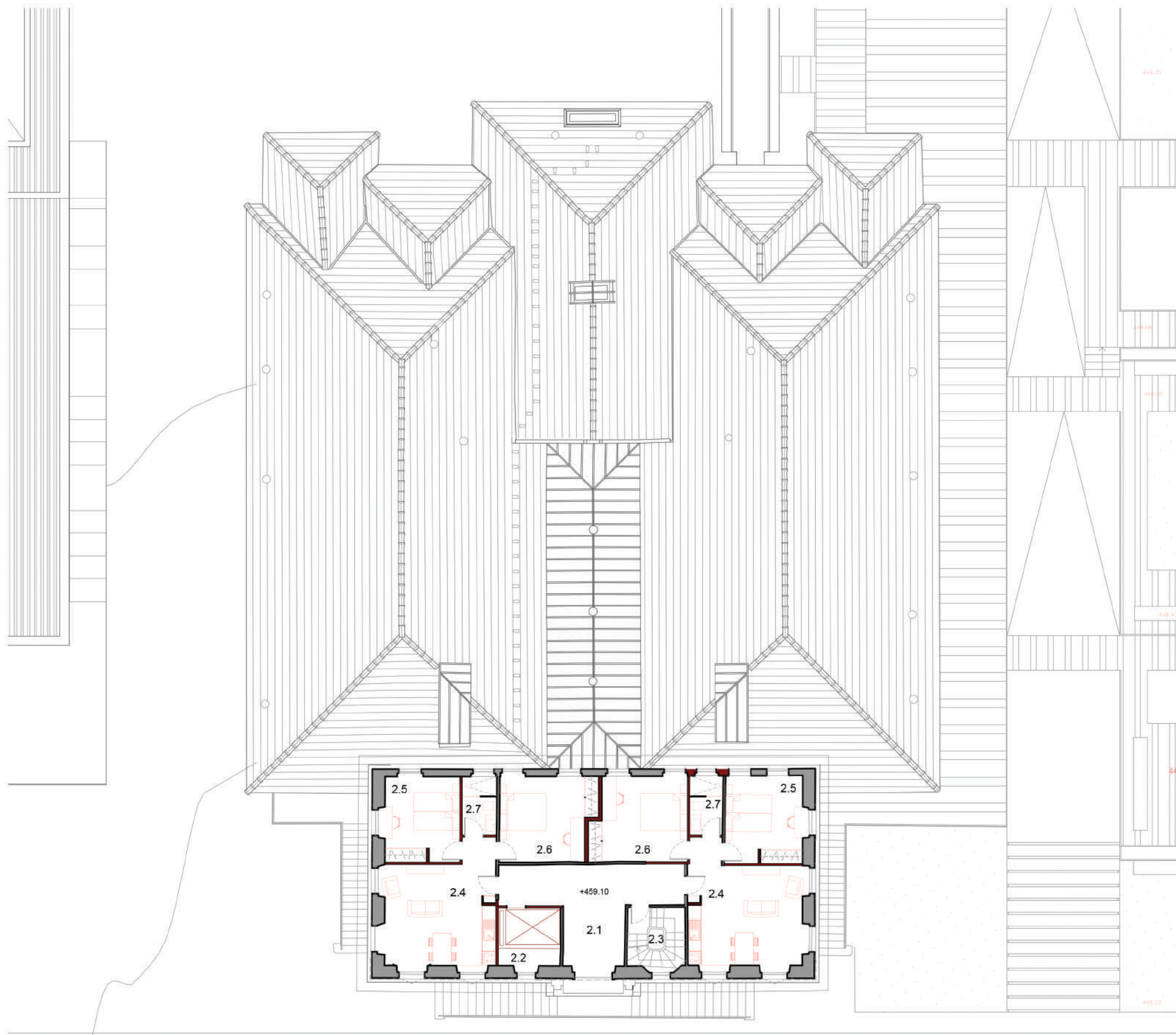




LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

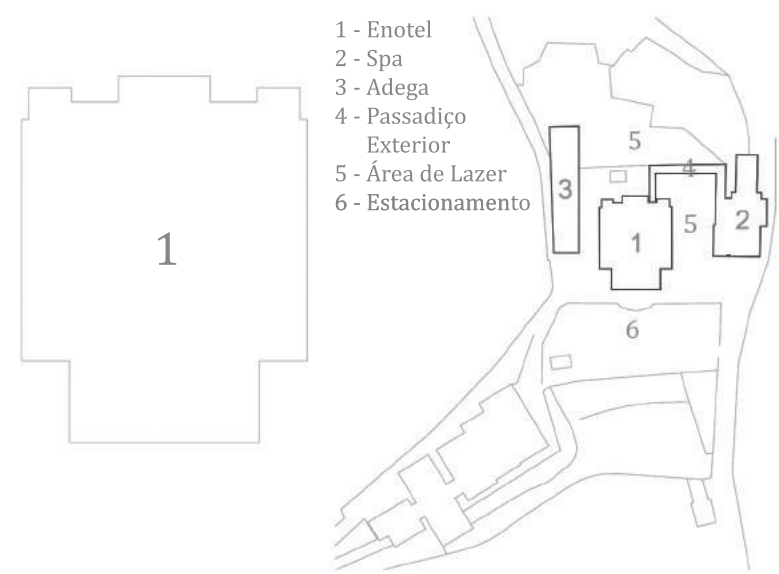
- 1a.10 - Quarto Duplex Duplo
- 1a.11 - Quarto Duplex Duplo
- 1a.15 - Camaratas
- 1a.19 - Camaratas
- 1a.28 - Quarto Duplex Duplo
- 1a.29 - Quarto Duplex Duplo

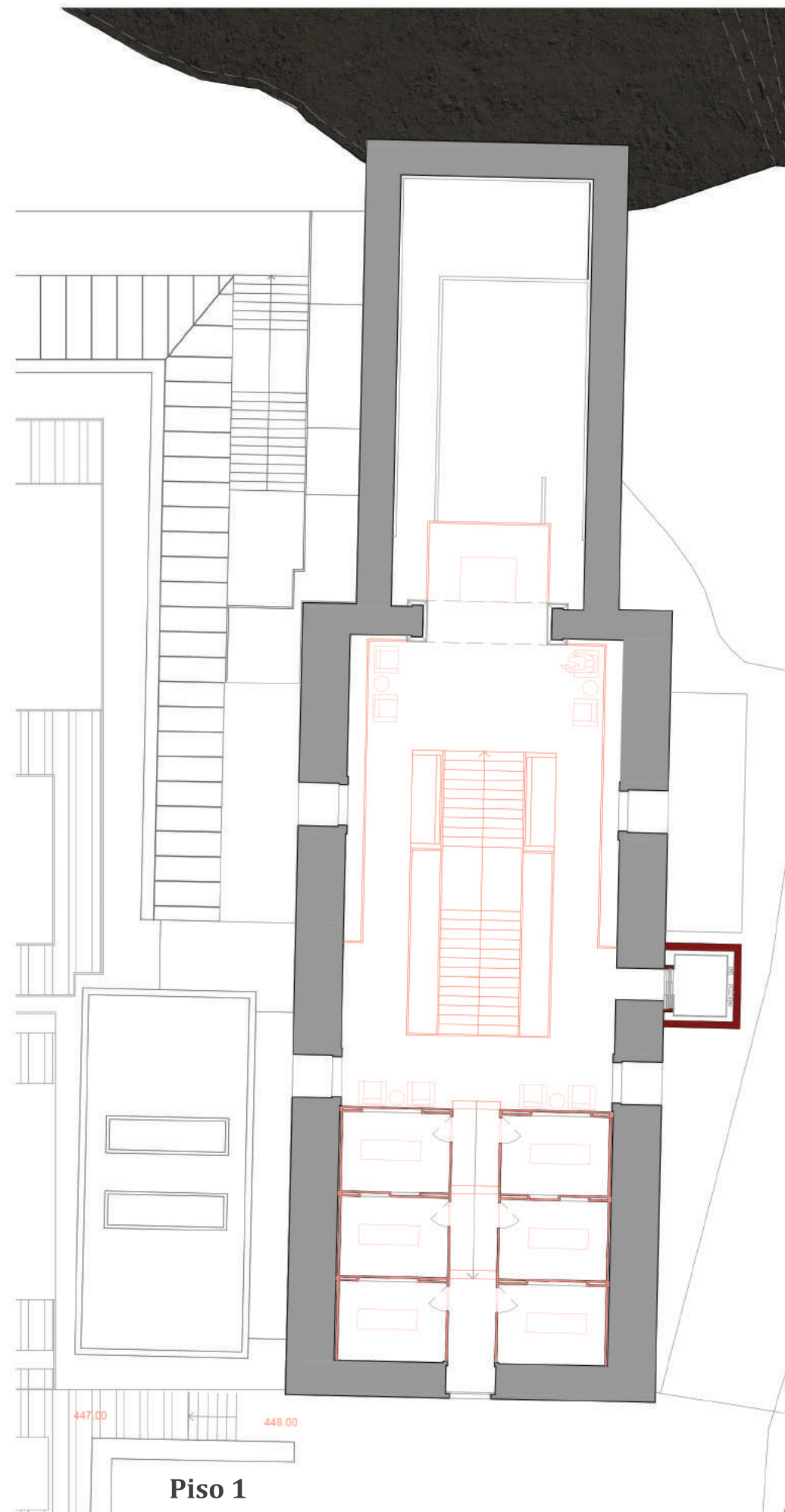




LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

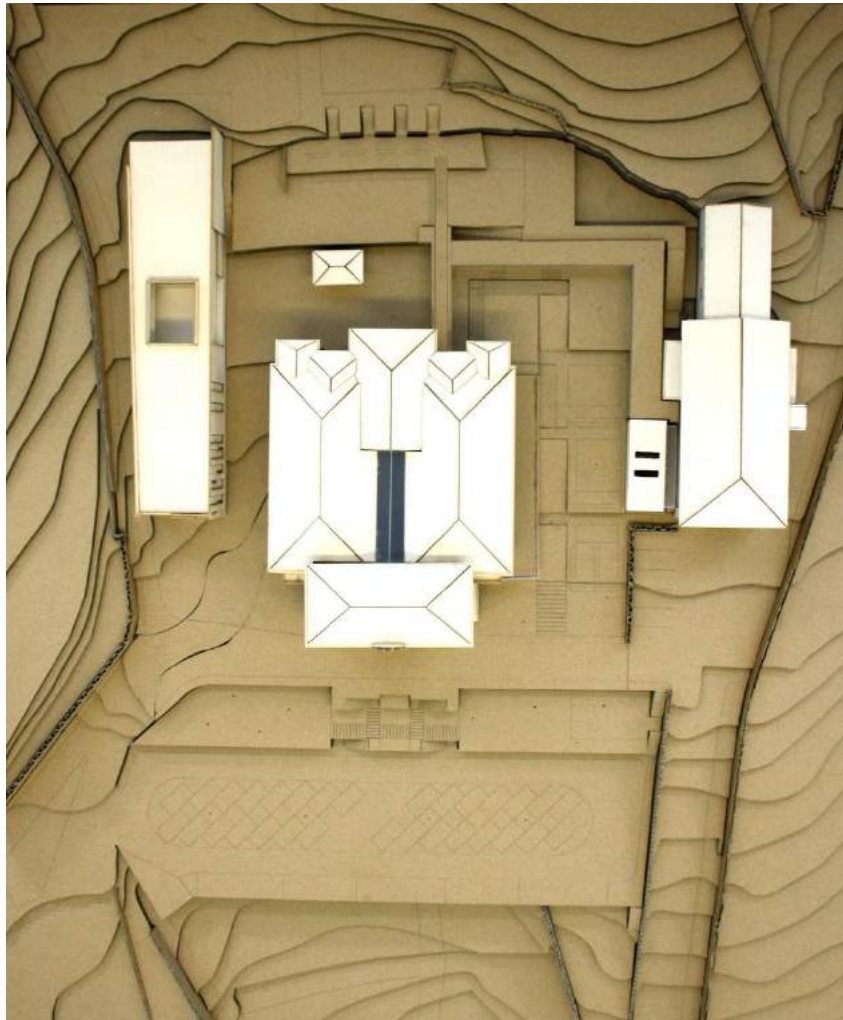
- 2.1 - Circulação
- 2.2 - Elevador Público
- 2.3 - Escadas de Serviço
- 2.4 - Sala de Estar e Cozinha
- 2.5 - Quarto Simples
- 2.6 - Quarto Duplo
- 2.7 - Casa de Banho





| ELEMENTOS APRESENTADOS - PFM

| Maqueta de estudo da proposta – Escala 1:200



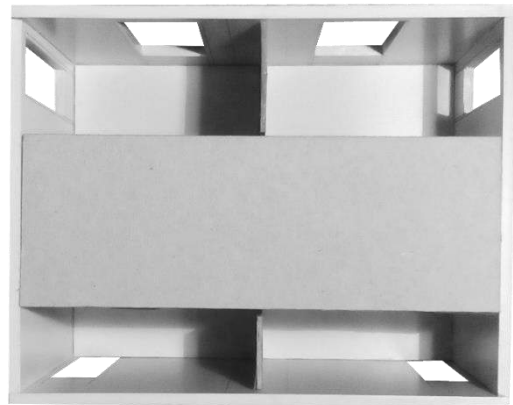
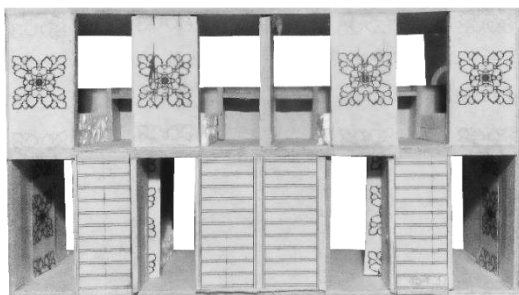
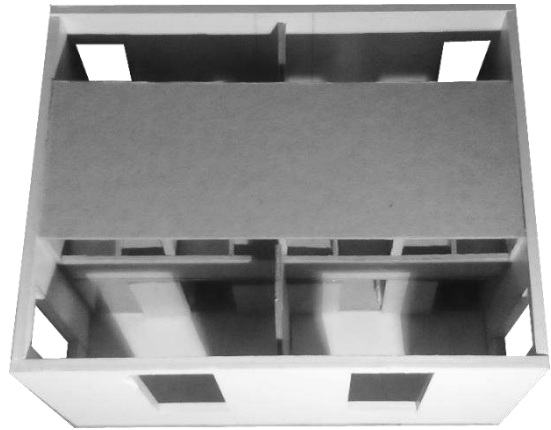
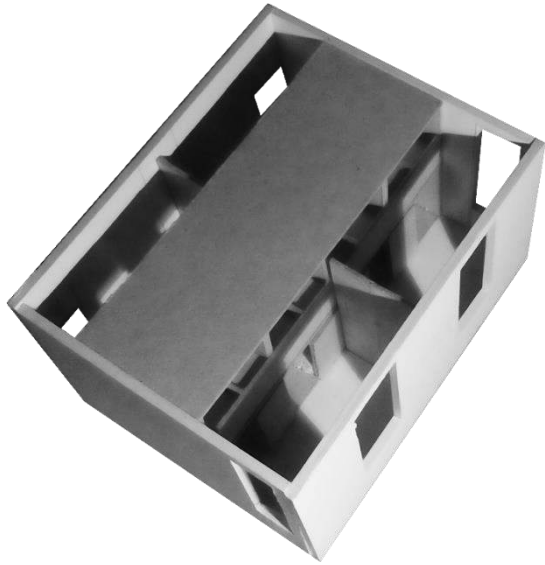






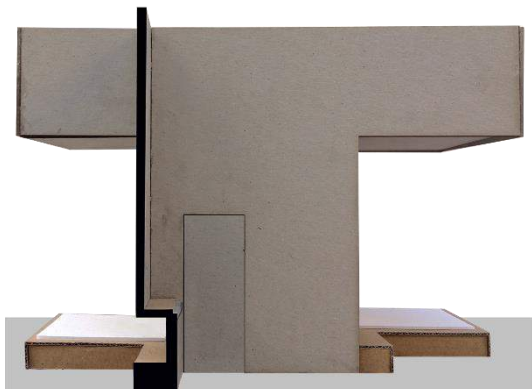
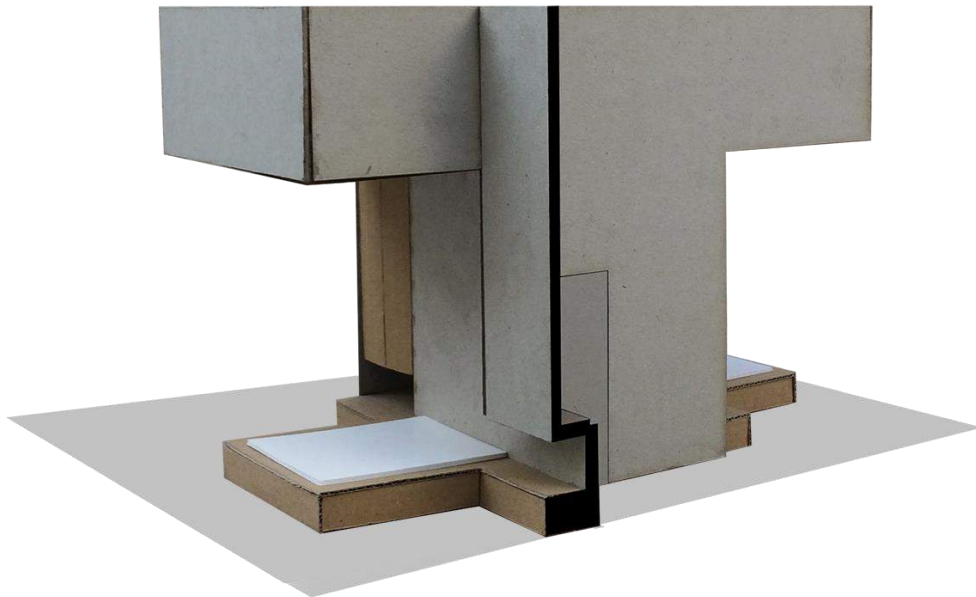
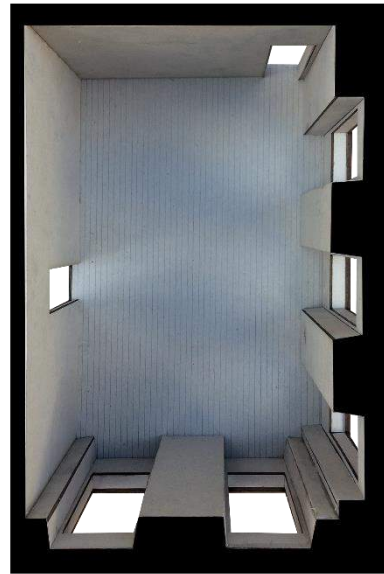
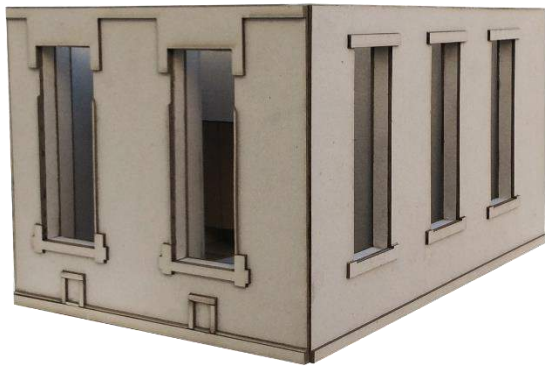


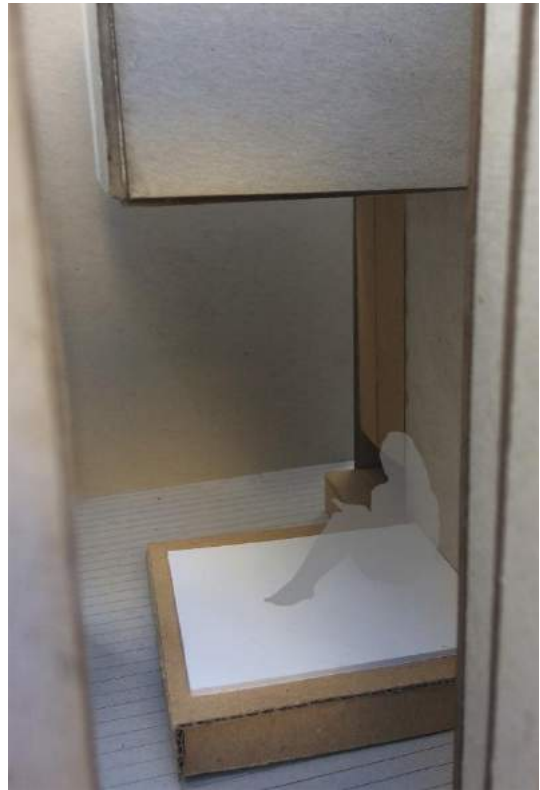
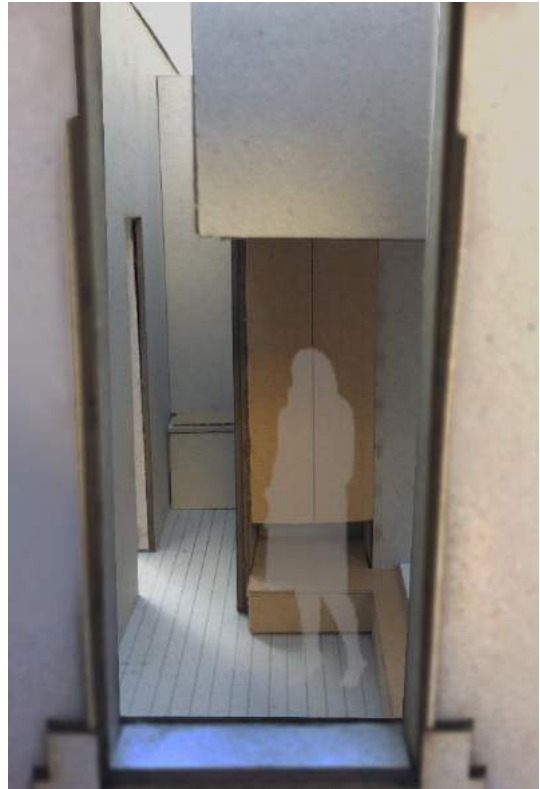
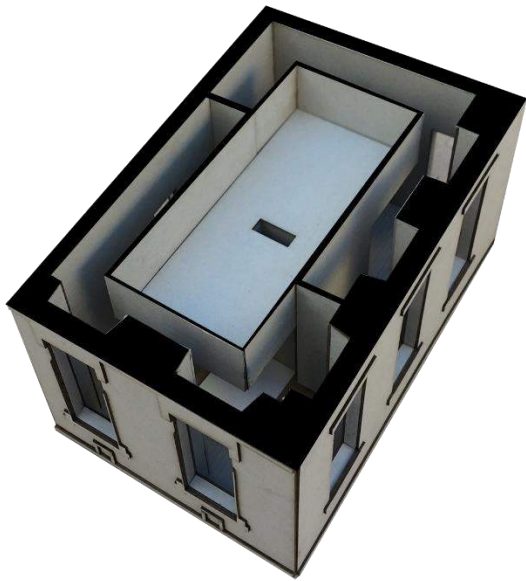
| Maqueta das camaratas – Escala 1:50





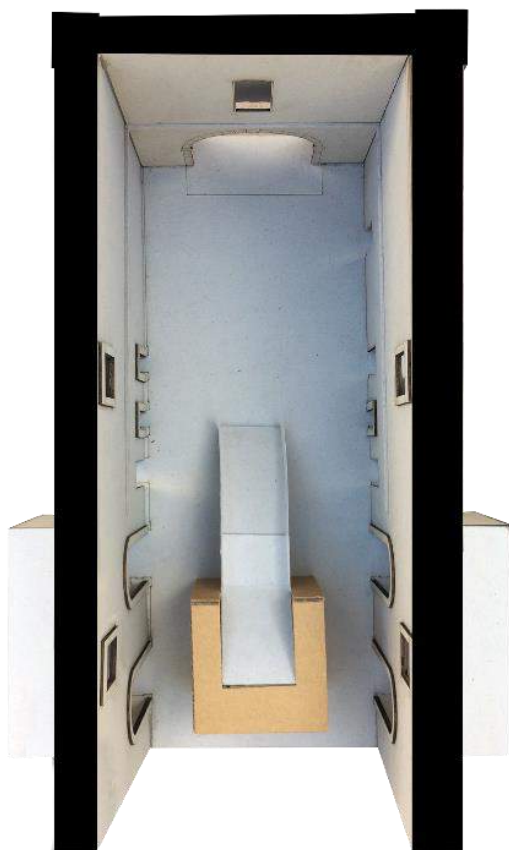
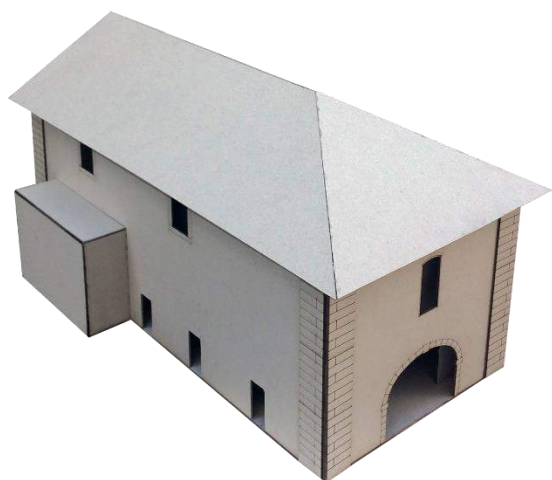
| Maqueta dos quartos duplos – Escala 1:25

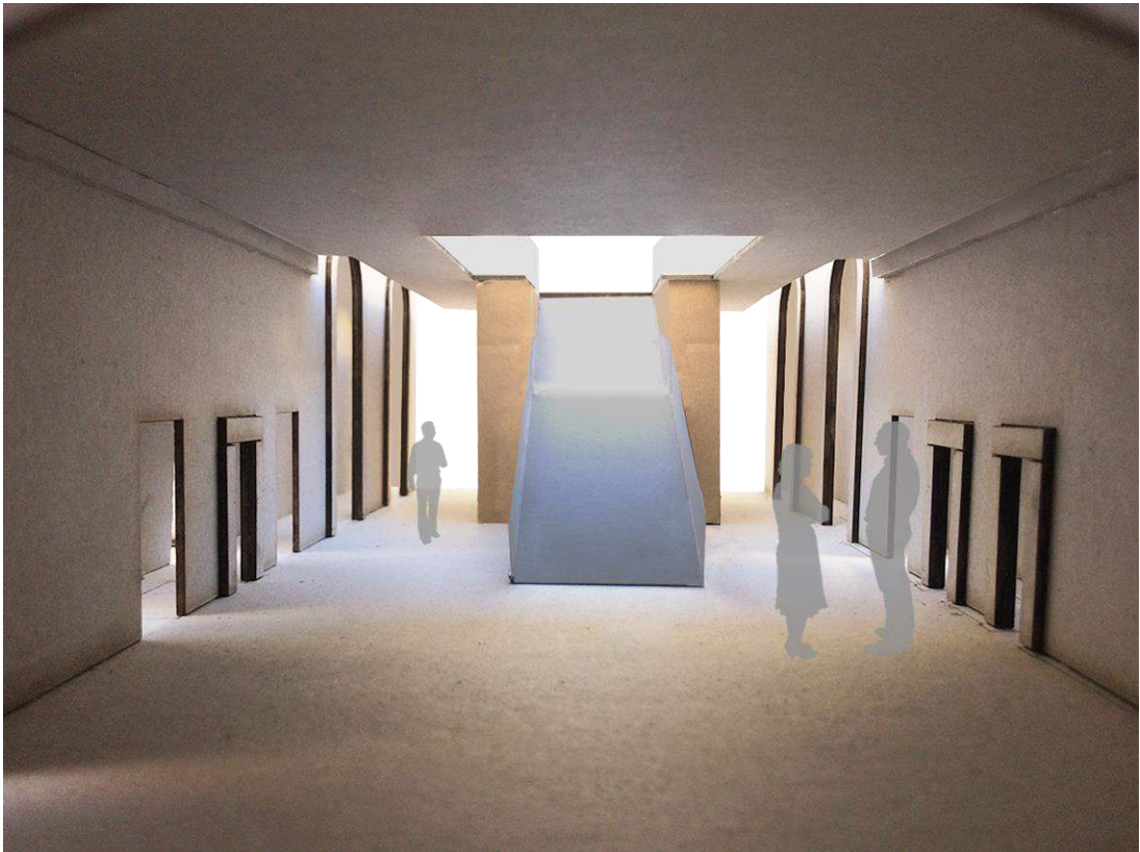
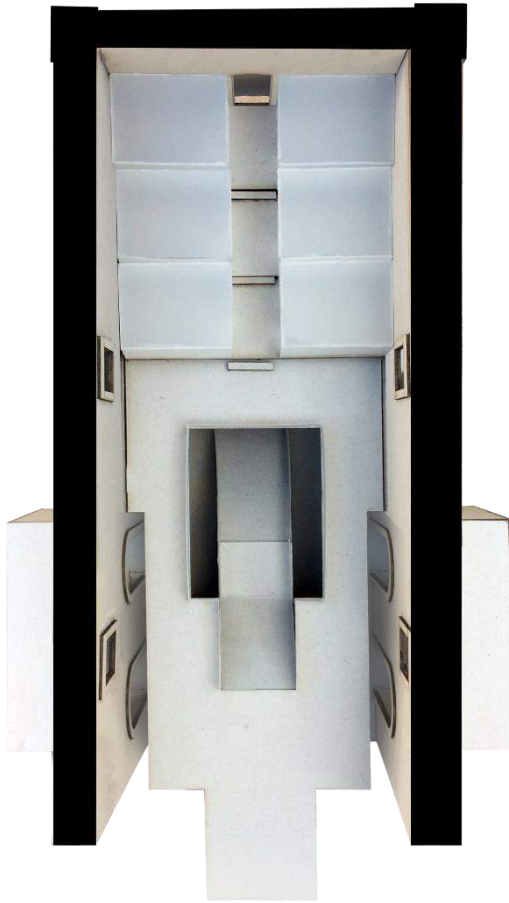


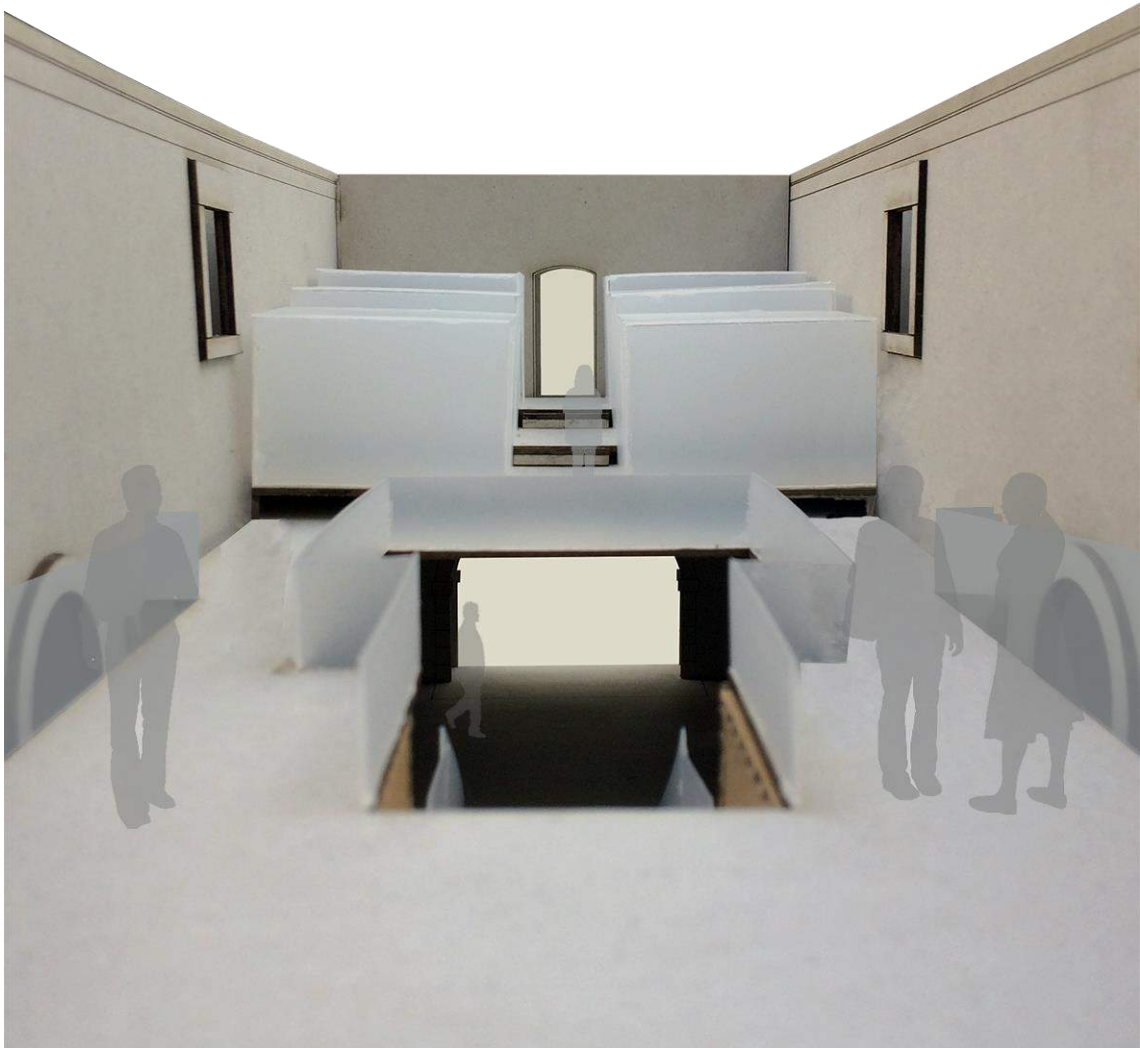




| Maqueta da capela (Spa) – Escala 1:50







| Painéis Finais A0

Listagem de desenhos

- | Painei 1 – Planta de Localização – Escala 1:1500
- | Painei 2 – Descrição do Projeto
- | Painei 3 – Planta de Cobertura, Alçado Norte e Este – Escala 1:200
- | Painei 4 – Planta de Implantação Piso -1 (cota 446.50), Alçado Este e Oeste – Escala 1:200
- | Painei 5 – Planta de Implantação Piso 0 (cota 449.60) e Cortes – Escala 1:200
- | Painei 6 – Planta de Implantação Piso 1 (cota 454.32) e Cortes – Escala 1:200
- | Painei 7 – Planta de Implantação Piso 2 (cota 459.10) e Cortes – Escala 1:200
- | Painei 8 – Escala de Reversibilidade – Planta Piso 0 e 1 – Escala 1:100
- | Painei 9 – Escala de Reversibilidade – Planta Piso 1A e 2 – Escala 1:100
- | Painei 10 – Planta dos Apartamentos, Planta dos Quartos Duplos e Cortes – Escala 1:50 e 1:10
- | Painei 11 – Planta das Camaratas e Cortes – Escala 1:50
- | Painei 12 – Simulações Virtuais (Quarto Duplo e Camaratas)
- | Painei 13 – Pormenorização da Esplanada Exterior do Restaurante – Escala 1:100, 1:50 e 1:5
- | Painei 14 – Pormenorização da Estrutura da Laje da Capela (Spa) – Escala 1:100 e 1:50